

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

H

Hã (Lugar), Haastari, Habacuque (pessoa), Habaías, Habazinias, Habor, Hacialias, Hacamã, Hacmoni, Hacmonita, Haco, Hacufa, Hadade, Hadade-Rimom, Hadadezer, Hadar-Ezer, Hadasa, Hadassa, Hades, Hadide, Hadlai, Hadraque, Hafaraim, Hagaba, Hagabe, Hagadá, Hagarita, Hagarita, Hagi, Hagias, Hagite, Hagri, Haguita, Hairote, Hala, Halacá, Halaque, Monte, Hali, Halicarnasso, Hallel, Haloés, Halul, Hamã, Hamaleque, Hamate, Hamate (Lugar), Hamate (Pessoa), Hamate-Zobá, Hamate, Entrada de, Hamateu, Hamedata, Hamolequete, Hamom, Hamom-Gogue, Hamoná, Hamor, Hamote-Dor, Hamuel, Hamul, Hamulita, Hamurabi, Código de leis de, Hamutal, Hanã, Hananel, Hananel, Torre de, Hanani, Hananias, Hanatom, Hanes, Haniel, Hanrão, Hanucá, Hanum, Hapises, Haquila, Haquilá, Har-Heres, Hara, Harã (Lugar), Harã (Pessoa), Harada, Haraías, Harar, Hararita, Harás, Harbona, Harefe, Harife, Harim, Harmom, Harnefer, Harode, Harodita, Haroé, Harorita, Harosete-Hagojim, Harpa, Harsa, Harufita, Harum, Harumafe, Harur, Harur, Haruz, Hasabias, Hasabna, Hasabneias, Hasadias, Hasbadana, Hasém, Hasideus, Hasidim, Hasmona, Hasmoneu, Hasrá, Hassenaá, Hassenua, Hassube, Hasuba, Hasufa, Hasum, Hatá, Hataque, Hatate, Hatifa, Hatil, Hatita, Hatus, Haurã, Havilá (Lugar), Havilá (Pessoa), Havote-Jair, Havote-Jair, Hazael, Hazaías, Hazar-Adar, Hazar-Enã, Hazar-Enom, Hazar-Gada, Hazar-Mavé, Hazar-Sual, Hazar-Susa, Hazar-Susim, Hazazão-Tamar, Hazazão-Tamar, Hazelelponi, Hazer-Haticom, Hazerim, Hazerote, Haziél, Hazo, Hazor, Hazor-Hadata, Héber, Heberitas, Hebreus, Carta aos, Hebron (lugar), Hebron (Pessoa), Hebronita, Héfer (Lugar), Héfer (Pessoa), Heferita, Hefziba, Hegai, Hegemonides, Helá, Helã, Helba, Helbom, Helcai, Helcate, Helcate-Hazurim, Heldai, Helebe, Helede, Helefe, Helém, Helenismo, Helenistas, Heleque, Heleque, Helequita, Heles, Heliodoro, Heliópolis, Helom, Hem (Pessoa), Hemorragia, Hemorróida, Hena (Lugar), Hena (Planta), Henadade, Hendã, Herança, Hércules, Herdeiro, Heres (Lugar), Heres (Pessoa), Heresia, Herete, Hermas, Hermes, Hermógenes, Hermon, Monte, Herodes, Família Herodiana*, Herodianos*, Herodião, Herodias, Hesbom, Hesede, Hesmom, Hesrai, Hezro, Hete, Hetlom, Heveus, Hexateuco, Heziom, Hezir, Hezrom (Lugar), Hezrom (pessoa), Hicsos, Hidai, Hidequel, Hidropisia, Hiel, Hiena, Hierápolis, Hieróglifos, Hierônimo, Higaiom, Hilel, Hilém, Hilquias, Him, Himeneu, Hino, Hinário, Hinom, Vale de, Hipocrisia, Hipopótamo, Híppos, Hira, Hirão, Hircano, Hissopo, Hititas, Hizque, Hizqui, Hoão, Hoba, Hobabe, Hobaías, Hodavias, Hode, Hodes, Hodeva, Hodias, Hofni, Hofra, Hogla, Holofernes, Holom, Homã, Homã, Homem, Homem interior, Homem, Natural, Homem, Velho e novo, Homens livres, Homens sábios, Hômer, Homossexualidade, Honra, Hor-Hagidgade, Hor, Monte, Hora, Horão, Horebe, Monte, Horém, Horesa, Horeus, Hori, Horma, Horonaim, Horonita, Hortelã, Hórus, Hosa (lugar), Hosa (Pessoa), Hosaías, Hosama, Hosana, Hospitalidade, Hoste, Hostes do céu, Hotão, Hotir, Hozai, Hucoque, Hufã, hufamita, Hul, Hulda, Humildade, Hunta, Hupá, Hupim, Hur, Hurai, Hurão (Hurã), Hurão-Abi, Huri, Hurritas, Husá, Husatitas, Husai, Husão, Husim, Huzabe, Huzote*

Hã (Lugar)

Local onde Quedorlaomer e seus aliados derrotaram os zuzins ([Gn 14.5](#)). O nome provavelmente é preservado por Tell Hã, perto da vila moderna no vale (wadi) Er-Rejeilah. Assentamentos da Idade do Bronze e do Ferro foram desenterrados lá.

Haastari

Filho de Naara da tribo de Judá ([1Cr 4.6](#)).

Habacuque (pessoa)

Autor do oitavo livro dos profetas menores. O significado do nome Habacuque é incerto. Provavelmente, foi derivado de uma palavra hebraica que significa "abraçar".

Nada se sabe sobre Habacuque além do que pode ser inferido de seu livro. Várias lendas que pretendem dar relatos de sua vida são geralmente consideradas pouco confiáveis. O livro apócrifo Bel e o Dragão descreve um transporte milagroso de Habacuque para Daniel enquanto Daniel estava na cova dos leões. Uma lenda judaica faz de

Habacuque o filho da mulher sunamita mencionada em [2 Reis 4.8-37](#). Essa lenda aparentemente se baseia na tradição de que ela “abraçaria” um filho. Dificuldades cronológicas tornam ambos os relatos improváveis.

Habacuque viveu durante o período da ascensão dos caldeus ([Hc 1.6](#)), ou seja, durante os reinados dos reis judeus Josias e Jeoaquim. As datas 612–589 a.C. delimitam o provável período de sua atividade profética.

O livro de Habacuque revela um homem de grande sensibilidade. Sua profunda preocupação com a injustiça e sua oração ([Hc 3](#)) mostram que Habacuque era caracterizado por uma convicção religiosa profunda e uma consciência social.

Vea também Habacuque, Livro de; Profeta, profetisa.

Habaías

Ortografia alternativa de Hobaías em [Neemias 7.63](#). *Vea* Hobaías.

Habazinias

O avô de Jazania. Jazania era um líder dos recabitas, guerreiros que foram postos à prova por Jeremias quanto à ordem de seu antepassado de não beber vinho ([Jr 35.3](#)). Eles permaneceram leais à ordem, e Jeremias usou essa lealdade como um apelo para que Judá fosse fiel a Deus.

Habor

Rio Habor moderno (Chaboras). O Rio Habor corre das montanhas no centro-norte da Assíria, em Gozã, até o Rio Eufrates em uma junção cerca de 402 quilômetros ao sul e oeste de Nínive. Numerosos afluentes alimentam o Habor mais ao norte. O AT menciona o rio como o local para o qual o Rei Salmaneser levou os israelitas cativos ([2Rs 17.6](#); [18.11](#); [1Cr 5.26](#)).

Hacalias

Pai de Neemias ([Ne 1.1](#); [10.1](#)).

Hacatã

Membro da família de Asgade, pai de Joanã, e um dos exilados que retornaram a Jerusalém com Esdras ([Ed 8.12](#)).

Hacmoni

Nome da família de Jeiel. Jeiel era servo de Davi ([1Cr 27.32](#)), aparentemente um companheiro ou tutor dos filhos de Davi.

Hacmonita

Um título para Jasobeão. [2 Samuel 23.8](#) o chama de "Josebe-Bassebete". Ele era um dos guardas pessoais do rei Davi ([1Cr 11.11](#)). Ele também é chamado de Taquemoni em [2 Samuel 23.8](#), mas isso provavelmente é um erro textual.

Hacoz

Nome carregado por uma família sacerdotal durante a monarquia ([1Cr 24.10](#)). No tempo de Esdras, a linhagem da família não pôde ser documentada adequadamente; consequentemente, o privilégio do serviço sacerdotal foi retirado ([Ed 2.61](#); [Ne 3.4.21](#); [7.63](#); em várias versões “Coz”).

Hacufa

Antepassado de uma família de assistentes do templo que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.51](#); [Ne 7.53](#)).

Hadade

1. Oitavo dos 12 filhos de Ismael, e assim um neto de Abraão ([Gn 25.15](#); [1Cr 1.30](#)). A versão bíblica (inglesa) KJV lê “Hadar” em [Gênesis 25.15](#) e “Hadade” em [1 Crônicas 1.30](#), enquanto ARC e NTLH leem “Hadade” em ambas as passagens.

2. Governante edomita, filho de Bedade, que reinou antes do cativo hebreu no Egito e conquistou uma importante vitória sobre os midianitas na planície de Moabe ([Gn 36.35-36](#); [1Cr 1.46-47](#)).

3. Outro rei de Edom, um dos poucos cuja esposa, Meetabel, foi mencionada pelo nome. Sua cidade capital era Paú ([Gn 36.39](#); [1Cr 1.50-51](#)).

4. Príncipe da casa real de Edom que fugiu para o Egito após Davi e Joabe conquistarem Edom e ocuparem a terra. Ele cresceu no Egito e ganhou o favor do Faraó, que lhe deu sua cunhada como esposa. Mais tarde, quando Davi já estava morto, ele desejou retornar a Edom e liderar uma revolta contra Salomão ([1Rs 11.14-25](#)). Alguns estudiosos o identificam com o #3 acima.

Hadade-Rimom

Combinação de duas divindades da tempestade, Hadade (mencionado nos textos ugaríticos) e Rimom (deus da tempestade babilônico). Hadade-Rimom foi anteriormente considerado como um lugar. O material de Ras Shamra equiparava Hadade ao deus da vegetação Baal, que era adorado para garantir a produtividade agrícola. Os rituais de fertilidade cananeus incluíam o luto periódico pelo falecido Baal pela deusa Anat, sua consorte. É a esse rito que [Zacarias 12.11](#) alude. A referência messiânica no versículo anterior compara o luto em Jerusalém à lamentação por Hadade-Rimom nos ritos perto de Megido.

Veja também Deidades e Religião dos Cananeus.

Hadadezer

Hadadezer era rei de Zobá na Síria durante o período em que Davi governava Israel.

Ele governou uma área que se estendia desde a terra de Amom no sul até o Rio Eufrates no leste. Hadadezer tentou retomar o controle dessa região, mas Davi lutou contra ele e venceu ([2Sm 8.3-12](#); [1Cr 18.3-10](#)).

Quando os sírios vieram ajudar Hadadezer, Davi os derrotou também. Ele assumiu o controle de Damasco, uma cidade importante na Síria.

Mais tarde, Davi enviou homens para demonstrar bondade a Hanum, o novo rei de Amom, após a morte do pai de Hanum, Naás ([2 Sm 10](#)). No entanto, Hanum tratou mal os homens de Davi, humilhando-os (versículo [4](#)).

Depois disso, Amom se preparou para a guerra e pediu ajuda à Síria ([2Sm 10.6](#)). Davi enviou Joabe, seu comandante do exército, para lutar contra os

exércitos combinados de Amom e Síria. Joabe os derrotou (versículos [15-19](#); veja também [1Cr 19.16.19](#)).

Após essa derrota, Hadadezer enviou mais tropas da região além do Rio Eufrates. Os exércitos se encontraram em um lugar chamado Helã. Davi lutou contra eles lá e venceu novamente. Depois disso, Hadadezer pediu paz e concordou em pagar tributo a Israel.

Veja também Israel, História de; Síria, Sírios.

Hadar-Ezer

Ortografia alternativa de Hadadezer na ACF, rei de Zobá. *Veja* Hadadezer.

Hadasa

Cidade nas planícies de Judá, próxima a Gate, nas proximidades de Zenã e Migdal-Gade ([Js 15.37](#)).

Hadassa

O nome original de Ester ([Et 2.7](#)).

Veja Ester (Pessoa).

Hades

Na mitologia grega, Hades era o deus do submundo e irmão de Zeus. Hades também era conhecido como Plutão. Ele raptou Perséfone, o que causou o inverno. Seu reino também era chamado de Hades (além de Tártaro). Hades era a terra sombria onde os mortos residiam.

Odiseu entrou nesse reino e alimentou os fantasmas com sangue para obter direções de volta para casa (*Odisséia* de Homero 4.834). Originalmente, os gregos pensavam em Hades como simplesmente o túmulo. Representava uma existência sombria e fantasmagórica para todos os que morriam, bons e maus igualmente. Gradualmente, gregos e romanos passaram a ver Hades como um lugar de recompensa e punição. Hades tornou-se um reino organizado e guardado onde os bons eram recompensados nos Campos Elísios. Os maus eram igualmente punidos (assim descrito pelo poeta romano Virgílio, 70-19 a.C.).

"Hades" tornou-se importante para os judeus como a palavra usada para traduzir para o grego o nome hebraico "Sheol". Esta foi uma tradução muito adequada para a palavra hebraica usada pelos tradutores do Novo Testamento grego, a Septuaginta. Ambas as palavras podem significar o túmulo físico ou a morte ([Gn 37.35](#); [Pv 5.5](#); [7.27](#)). Ambas as palavras referiam-se a um submundo escuro onde a existência era, na melhor das hipóteses, sombria ([Jó 10.21-22](#); [38.17](#); [Is 14.9](#)).

Sheol é descrito como estando sob o oceano e como tendo barras e portões ([Jó 26.5-6](#); [17.16](#); [Jn 2.2-3](#)). Todas as pessoas vão para lá, sejam boas ou más ([Sl 89.48](#)). Na literatura mais antiga, não há esperança de libertação de Sheol/Hades.

C. S. Lewis descreve bem esse conceito em *A Cadeira de Prata*: "Muitos afundam, e poucos retornam às terras ensolaradas". Claro, todas essas descrições estão na literatura poética. É difícil dizer quão literalmente os hebreus ou os gregos interpretavam suas descrições de Hades/Sheol. Eles podem ter simplesmente usado a linguagem pictórica mais antiga da poesia grega para descrever um conceito para o qual as palavras em prosa eram inadequadas.

Judeus e gregos entraram em contato com influências literárias persas. Após o retorno do povo judeu do exílio, escritores estavam compondo seus livros (p. ex. Malaquias, Daniel e alguns salmos) no contexto da influência persa.

Os gregos entraram em contato com a literatura persa um pouco mais tarde (eles lutaram contra os persas de 520 a 479 a.C. e os conquistaram de 334 a 330 a.C.).

Seja devido à influência persa ou não, durante este período, a ideia de recompensa e punição após a morte se desenvolveu. Sheol/Hades mudou de uma terra de sombras para um lugar distinto de recompensa e punição tanto para gregos (e romanos) quanto para judeus.

Josefo registra que os fariseus acreditavam em recompensa e punição após a morte (*Antiguidades* 18.1.3). Uma ideia semelhante aparece em 1 Enoque 22. Nesses casos na literatura judaica, Hades indica um lugar dos mortos, que possui duas ou mais seções.

Em outra literatura judaica, Hades é o lugar de tormento para os ímpios. Os justos entram no paraíso (Salmos de Salomão 14; [Sb 2.1](#); [3.1](#)). Assim, no início do período do Novo Testamento, Hades tem três significados:

1. morte
2. o lugar de todos os mortos, e
3. o lugar dos mortos ímpios apenas.

O contexto determina qual significado um autor pretende em uma passagem específica.

Todos esses significados aparecem no Novo Testamento. Em [Mt 11.23](#) e [Lc 10.15](#), Jesus fala sobre a descida de Cafarnaum ao mundo dos mortos. Muito provavelmente, ele quer dizer que a cidade vai "morrer" ou ser destruída. "Hades" significa "morte" neste contexto, assim como "céu" significa "exaltação".

[Ap 6.8](#) também exemplifica isso: a Morte vem em um cavalo, e o Hades (um símbolo da morte) vem logo atrás. A personificação do Hades provavelmente vem do Antigo Testamento, onde Hades/Sheol é visto como um monstro que devora pessoas ([Pv 1.12](#); [27.20](#); [30.16](#); [Is 5.14](#); [28.15.18](#); [Hc 2.5](#)).

[Mt 16.18](#) é um uso mais complexo de Hades. A igreja será edificada sobre uma rocha e os portões de Hades não prevalecerão contra ela. Aqui, o lugar dos mortos (completo com portões e barras) simboliza a morte. Os cristãos podem, de fato, ser mortos, mas a morte (os portões de Hades) não os reterá mais do que reteve Cristo. Aquele que saiu de Hades trará seu povo para fora também.

Este é também o significado de [At 2.27](#) (citando [Sl 16.10](#)). Cristo não permaneceu morto e sua vida não ficou no Hades. Ao contrário de Davi, ele ressuscitou dos mortos. Em qualquer um desses casos, Hades poderia ser simplesmente um símbolo para a morte. Ou poderia significar que Cristo e o cristão realmente foram a um lugar dos mortos chamado Hades. Provavelmente a primeira interpretação é a pretendida. Seja qual for o caso, já que Cristo ressuscitou, ele conquistou a morte e o Hades. Ele aparece em [Ap 1.18](#) como aquele que segura as chaves (o controle) de ambos.

Duas passagens do Novo Testamento referem-se a Hades como o lugar onde os mortos existem: [Ap 20.13-14](#) e [Lc 16.23](#). Em [Ap 20](#), Hades é esvaziado (seja de todos os mortos ou dos mortos ímpios, dependendo da escatologia de cada um), completando a ressurreição. Quando os ímpios são julgados e lançados no lago de fogo (Geena), Hades também é lançado. [Lucas 16.23](#), no entanto, refere-se claramente a Hades como o lugar dos mortos ímpios. Lá, o homem rico é atormentado em uma chama, enquanto o homem pobre, Lázaro, vai para o paraíso (seio de Abraão).

Hades, então, significa três coisas no Novo Testamento, assim como na literatura judaica:

1. A morte e seu poder são os significados mais frequentes, especialmente em usos metafóricos.
2. Também se refere ao lugar dos mortos em geral, quando um escritor deseja agrupar todos os mortos.
3. Significa, finalmente, o lugar onde os mortos ímpios são atormentados antes do julgamento final. Este é o seu significado mais restrito, ocorrendo apenas uma vez no Novo Testamento ([Lc 16.23](#)). A Bíblia não se aprofunda neste tormento. A imagem de Dante em *O Inferno* baseia-se mais em especulações posteriores e concepções greco-romanas de Hades do que na Bíblia.

Veja também Lugar dos mortos; Geena; Inferno; Sheol.

Hadide

Cidade em Benjamim ([Ne 11.31-35](#)) mencionada junto com Lode e Ono ([Ed 2.33](#); [Ne 7.37](#)) como o lar de mais de 720 benjamitas que retornaram do cativeiro babilônico ([Ne 11.34](#)). Em [1 Macabeus 12.38](#) e [13.13](#), o lugar é identificado com Adida, que foi fortificada por Simão Macabeu e mais tarde por Vespasiano. Uma sugestão mais provável a identifica com o local moderno de el-Haditheth, cerca de 4,8 a 6,4 quilômetros a nordeste de Lida.

Hadlai

O pai de Amasa da tribo de Efraim ([2Cr 28.12](#)). Amasa se opôs à captura de prisioneiros da tribo de Judá após uma batalha.

Hadraque

Assentamento no noroeste do Líbano mencionado apenas em associação com Tiro, Sidom, Hamate e Damasco ([Zc 9.1](#)). As duas últimas cidades foram listadas nos registros assírios com Hatarivia, com a qual Hadraque é agora identificado.

Hafaraim

Cidade incluída no território atribuído à tribo de Issacar como herança ([Js 19.19](#)). Alguns estudiosos a identificaram com Et-Taiyibeh, cerca de 16 quilômetros a noroeste de Bete-Seã.

Hagaba

Antepassado de uma família de servos do templo que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio babilônico ([Ne 7.48](#); [Ed 2.45](#)).

Hagabe

Antepassado de uma família de servos do templo que retornou com Zorobabel à Palestina após o exílio ([Ed 2.46](#)).

Hagadá

Um método de interpretação judaica que se concentra na narrativa e no ensino moral. Muitas vezes é definido em contraste com a Halacá, que fornece regras específicas e leis religiosas para os judeus seguirem. Enquanto a Halacá oferece orientação concreta sobre práticas religiosas, a Hagadá busca educar e inspirar piedade e devoção, abordando todos os aspectos da religião e ética.

O termo "Halakah" significa literalmente "caminhar", orientando os judeus sobre como viver de acordo com os caminhos de Deus. Em contraste, Hagadá significa "narrativa" ou "contação de histórias" e inclui várias formas artísticas destinadas a ensinar princípios morais e éticos. Hagadá busca tocar o coração e inspirar devoção, ajudando as pessoas a se conectarem com Deus e a compreenderem Seus caminhos.

Hagadá é considerada mais "popular" devido à sua natureza envolvente e relacionável. Seu objetivo é tornar os conceitos espirituais acessíveis e elevar os indivíduos "para que se reconheça aquele que criou o mundo, e assim se apegue aos seus caminhos" (Sifrei-Deuteronômio 49). Como um estudioso judeu disse, seu propósito é "trazer o céu para a terra e elevar o homem ao céu".

Além dos ensinamentos morais, a Hagadá abrange uma variedade de tópicos, incluindo metafísica,

contos históricos e lendários de Israel, visões do futuro e até mesmo assuntos científicos, como astronomia e medicina.

Veja também Halacá; Talmude.

Hagarita

Formas alternativas na ARC de Hagareno, o nome de um membro de uma tribo árabe descendente de Hagar vivendo a leste da Palestina; [1 Crônicas 27.31](#). *Veja* Hagareno.

Hagarita

A maioria das Bíblias em português transliteram este nome como "hagarenos", porém a NTLH usa "hagarita". Tribo árabe descendente de Agar, concubina de Abraão. Sendo nômades, os hagaritas vagavam pelo deserto a leste de Gileade. As relações entre Israel e os hagaritas eram geralmente hostis. Durante o reinado de Saul, a tribo de Rúben lutou contra eles e foi derrotada ([1Cr 5.10](#)). Mais tarde, no entanto, com a ajuda de Gade e da meia tribo de Manassés, Rúben conseguiu tomar suas terras e mantê-las até o exílio ([1Cr 5.19-20](#)). À luz dessa hostilidade, é fácil entender a oração de Asafe contra eles em [Salmo 83.6](#). Davi, por outro lado, fez de um hagarita, Jaziz, o mordomo de todos os seus rebanhos ([1Cr 27.31](#)).

Hagi

Filho de Gade e fundador da família dos hagitas ([Gn 46.16](#); [Nm 26.15](#)).

Hagias

Levita merarita, filho de Simeia e pai de Asaías ([1Cr 6.30](#)).

Hagite

Uma das esposas do Rei Davi, ela foi a mãe de Adonias ([2Sm 3.4](#); [1Rs 1.5.11](#); [2.13](#); [1Cr 3.2](#)). Hagite deu à luz Adonias na cidade de Hebrom, enquanto Davi tinha sua capital lá. Na lista das esposas e filhos de Davi em 2 Samuel, Hagite e seu filho Adonias são mencionados em quarto lugar.

Hagri

O pai de Mibar, de acordo com [1 Crônicas 11.38](#). No entanto, na lista semelhante encontrada em [2 Samuel 23.36](#), o texto diz "Bani, o gadita" em vez de "Mibar, filho de Hagri". Devido a dificuldades textuais na passagem de 1 Crônicas, os estudiosos acreditam que a leitura em 2 Samuel é provavelmente mais precisa.

Haguita

Qualquer descendente de Hagui ([Nm 26.15](#)).

Veja Hagui.

Hairote

Outro nome para "Pi-Hairote", um lugar que os israelitas visitaram em sua jornada do Egito para a Terra Prometida ([Nm 33.8](#)).

Veja Pi-Hairote.

Hala

Local na Assíria para onde os habitantes de Samaria foram levados após sua queda em 722 a.C. ([2Rs 17.6](#); [18.11](#); cf. [1Cr 5.26](#)).

Halacá

O termo para a lei judaica. Halacá significa literalmente "caminhar". Ela fornece o modo de vida judaico autoritário conforme escrito na Mishná. Mostra aos judeus como eles devem viver suas vidas e o que devem fazer (veja [Êx 18.20](#)).

Halacá é baseada em duas fontes principais. Primeiro, vem das leis bíblicas encontradas na Lei escrita (o Pentateuco, os primeiros cinco livros da Bíblia) e na lei oral. De acordo com a tradição judaica, a lei oral foi dada a Moisés no Monte Sinai, mas não foi escrita. Ela foi transmitida através de muitas gerações e mais tarde registrada no Talmude (uma coleção de escritos judaicos que explicam a lei).

Por exemplo, o Pentateuco diz para não trabalhar no sábado, mas não explica o que significa

"trabalho". A Lei escrita não esclarece essa questão. No entanto, no Talmude encontramos a Halacá, que interpreta a Lei escrita. O Talmude explica o que significa "trabalho" no sábado.

Em segundo lugar, a Halacá abrange todos os ensinamentos e decisões de importantes estudiosos judeus ao longo da história. Todas essas fontes reunidas (a lei escrita e oral, além da história da erudição jurídica judaica) formam o que chamamos de Halacá. Essas fontes auxiliam na tomada de decisões religiosas e legais em comunidades judaicas ortodoxas.

A Halacá é destinada a abranger todas as áreas da vida. Ela oferece orientação sobre hábitos alimentares, vida sexual, ética nos negócios, atividades sociais, entretenimento e muito mais. Como abrange tantos aspectos da vida diária, as pessoas frequentemente a chamam de "o jeito judaico". Ela serve como o guia legal e prático judaico para viver.

Veja também Hagadá; Talmude.

Halaque, Monte

Montanha listada como marco do limite sul das conquistas de Josué ([Js 11.17](#); [12.7](#)). Está localizada no oeste da Arábia e é provavelmente idêntica ao Jebel Halaque, no lado noroeste do Wadi Marra.

Hali

Cidade mencionada entre aquelas que formaram a fronteira da tribo de Aser ([Js 19.25](#)). Hali pode ter sido localizada a oeste do Monte Carmelo, mas isso é incerto.

Halicarnasso

Uma importante cidade comercial da Cária na Ásia Menor, belamente situada em uma baía a cerca de 24 quilômetros da ilha de Cós. Seu excelente porto natural e o solo fértil na área circundante, que produzia abundantes colheitas de frutas e nozes, fizeram dela um centro comercial proeminente. O túmulo de um dos mais famosos reis da Cária (Mausolo, 377–353 a.C.) em Halicarnasso era considerado uma das maravilhas do mundo antigo. Foi também o local de nascimento de Heródoto e Dionísio. A cidade foi incendiada por Alexandre, o Grande, quando ele não conseguiu tomar a

acrópole. De [1 Macabeus 15.23](#) parece que tinha uma população judaica substancial porque uma carta escrita pelo Senado Romano pedia que nenhum mal fosse feito a eles ([1Mc 15.19](#)). Josefo observa que a cidade concedeu aos judeus o direito de “celebrar seus sábados e realizar seus ofícios sagrados, de acordo com as leis judaicas; e podem fazer suas *proseuchae* (locais de oração) à beira-mar, de acordo com os costumes de seus antepassados” (*Antiguidades* 14.10.23). A moderna cidade de Bodrum cobre parte do local da antiga cidade.

Hallel

Uma palavra hebraica que descreve um cântico de louvor a Deus. Mais tarde, no Talmud (lei religiosa judaica) e nos escritos dos rabinos (ou professores), referia-se a grupos de salmos de louvor a Deus. [Salmos 113–118](#) eram chamados de Hallel Egípcio, e a antiga tradição judaica acreditava que Moisés os escreveu.

Durante o período do templo, este Hallel era lido em 18 dias do ano, mas apenas em uma noite, isto é, na Páscoa. Era lido em partes durante a Páscoa:

- [Salmos 113–114](#) eram lidos antes da refeição e antes de beber o segundo copo.
- [Salmos 115–118](#) eram lidos após o último cálice ser preenchido.

Esta é provavelmente a canção que Jesus e seus discípulos cantaram na Santa Ceia ([Mt 26.30](#); [Mc 14.26](#)). Este Hallel também era usado para as festas de pães asmos, Pentecostes, Tabernáculos e Dedicção.

O Grande Hallel era [o Salmo 136](#) e, às vezes, [os Salmos 120–136](#). [Os Salmos 146–148](#) também formavam um único Hallel. Estes eram usados durante o serviço matinal diário da sinagoga.

Veja também Aleluia; Talmude.

Haloés

O pai de Salum ([Ne 3.12](#)) é alguém que colocou seu selo no pacto de Esdras ([10.24](#)).

Halul

Cidade atribuída à tribo de Judá como herança após a conquista inicial de Canaã. Estava localizada entre Bete-Zur e Bete-Anote, 6,4 quilômetros ao norte de Hebrom ([Js 15.58](#)).

Hamã

O filho de Hamedata, o agagita, era um alto funcionário sob o rei Assuero (também chamado Xerxes) na Pérsia durante o tempo de Ester.

Hamã ficou furioso com Mordecai, tio de Ester. Mordecai não se curvava diante dele (como sinal de respeito) como todos os outros faziam. Isso deixou Hamã extremamente irritado. Então, Hamã planejou matar todos os judeus na Pérsia ([Et 3.8](#)). Enquanto ele tramava para matar Mordecai (enforcando-o), o rei estava lendo sobre como Mordecai havia salvado sua vida anteriormente. A Rainha Ester, que era judia e sobrinha de Mordecai, expôs habilmente o plano de Hamã para destruir seu povo.

Após o plano de Hamã para matar todos os judeus ser revelado, ele foi executado na forca que havia preparado para Mordecai. Os dez filhos de Hamã foram mortos pouco depois, e seus corpos foram exibidos publicamente.

Na Bíblia Hebraica, os nomes dos dez filhos de Hamã são escritos de uma maneira especial. Eles são dispostos verticalmente (de cima para baixo) em vez de horizontalmente (ao longo da página). Alguns estudiosos acreditam que esse estilo de escrita incomum pode representar como os filhos foram enforcados na forca, mostrando suas posições lado a lado ou empilhados uns sobre os outros após sua execução.

Durante o feriado judaico de Purim, as pessoas às vezes zombavam de Hamã pendurando um modelo ou estátua dele, ou escrevendo seu nome na sola dos sapatos para demonstrar total desrespeito.

Veja também Ester, Livro de.

Hamaleque

Palavra hebraica que significa “o rei”, tomada como um nome pessoal pela ACF, mas mais corretamente traduzida como “o rei” por outras versões ([Jr 36.26](#); [38.6](#)).

Hamate

1. Cidade e distrito localizados a cerca de 200 quilômetros ao norte de Damasco (Síria), no rio Orontes. Os primeiros residentes aparentemente eram da raça dos hamateus, descendentes de Canaã ([Gn 10.18](#)), mas os habitantes posteriores eram semitas. Era para ser o limite norte da nação de Israel, descrito como a “entrada de Hamate” ([Nm 34.7-8](#); [Js 13.5](#); hebraico, Lebo Hamate), mas na verdade foi assim apenas no início da monarquia e sob Jeroboão II (793–753 a.C.). A localização é incerta, mas ficava entre as montanhas do Líbano e Anti-Líbano. Alguns estudiosos pensaram nisso como um nome de lugar real, Lebo-Hamate, e o identificaram com o moderno Lebweh no Orontes. Outros o localizaram em outro lugar na Síria.

Hamate foi estabelecida durante o período Neolítico e destruída por volta de 1750 a.C., possivelmente pelos hicsos. Posteriormente, foi reconstruída e conquistada por Tutmés III (1502–1448 a.C.), e enquanto o Egito controlava a Síria, Hamate prosperou. Várias inscrições hititas foram descobertas, revelando que Hamate havia se tornado a capital de um pequeno reino hitita antes de 900 a.C.

Quando Davi lutou contra Hadadezer, rei de Zobá, e o derrotou, Toí, rei de Hamate, enviou seu filho para parabenizar Davi ([2Sm 8.9-10](#)). Desde que Salomão construiu cidades-armazém na região de Hamate ([2Cr 8.4](#)), foi sugerido que Hamate se tornou um reino tributário de Israel. Durante o reinado de Acabe de Israel, as inscrições reais assírias afirmam que Irhulini, rei de Hamate, aliou-se com Damasco, Israel e os 12 reis da costa para resistir aos avanços de Salmaneser III (860–825 a.C.). A aliança deteve Salmaneser, embora ele continuasse a assediar a Síria, e por volta de 846 a.C. ele conquistou a aliança síria, quando Hamate se tornou sujeita à Assíria. Em 730 a.C., Eni-Ilus, então rei de Hamate, pagou tributo a Tiglate-Pileser III. Por volta de 720 a.C., Sargão II colonizou Hamate com 4.300 assírios e moveu muitas pessoas de diferentes áreas de seu reino, incluindo Hamate, para Samaria ([2Rs 17.24](#)). Os israelitas também foram aparentemente colonizados em Hamate ([Is 11.11](#)). Outras referências do AT à conquista assíria de Hamate incluem [2 Reis 18.34](#), [19.13](#), [Isaías 10.9](#), [36.19](#), [37.13](#) e [Amós 6.2](#). Mais tarde, a cidade parece ter sido sujeita a Damasco ([Jr 49.23](#)). Alguns dos profetas previram que Israel eventualmente estenderia suas fronteiras novamente até Hamate ([Ez 47.16-17](#); [48.1](#); [Zc 9.2](#)).

Durante o período dos Macabeus, Jônatas Macabeu e seu exército encontraram o exército de Demétrio em Hamate ([1Mc 12.25](#)). Segundo Josefo, Antíoco Epifânio mudou seu nome para Epifânia (*Antiguidades* 1.4.2), nome pelo qual era conhecido pelos gregos e romanos.

Veja também Entrada de Hamate.

2. Hamate-Zobá é mencionada em [2 Crônicas 8.3](#) como uma cidade conquistada por Salomão. Alguns sugeriram que era a mesma cidade que a Hamate mencionada acima, enquanto outros sugerem que era uma cidade diferente no distrito de Zobá.

Veja também Hamate-Zobá.

Hamate (Lugar)

Posto avançado fortificado identificado com o moderno Hamman Tabariyeh ([Js 19.35](#)). Este lugar está localizado entre fontes termais na margem ocidental da Galileia e é provavelmente identificável com Hamom ([1Cr 6.76](#)), Hamote-Dor ([Js 21.32](#)), e talvez a Emaús de Josefo (*Antiguidades* 18.2.3).

Hamate (Pessoa)

Antepassado da casa de Recabe ([1Cr 2.55](#)), sobre o qual nada mais se sabe.

Hamate-Zobá

Cidade capturada pelo rei Salomão de Israel ([2Cr 8.3-4](#)). Sua identidade é incerta. Ela ocorre apenas uma vez na Bíblia e não é mencionada em nenhuma das inscrições cuneiformes daquele período. Alguns estudiosos sugeriram que havia duas Hamates e que "Zobá" foi adicionado para distingui-la da cidade mais conhecida (cf. [Ez 47.17](#)). A cidade é mencionada junto com Hamate e Tadmor e talvez estivesse localizada no nordeste da Síria.

Hamate*, Entrada de

Local de identificação incerta, marcando a fronteira norte do território dos Cananeus prometido a Israel por Deus ([Nm 34.8](#)), mas somente alcançado

na época da monarquia ([1Rs 8.65](#); [1Cr 13.5](#); [2Cr 7.8](#)).

Após a morte de Salomão, o reino foi dividido e a fronteira norte diminuiu. Somente durante o reinado de Jeroboão II, filho de Joás (793–753 a.C.), rei do reino do norte (chamado Israel), as fronteiras do norte se estenderam novamente até a entrada de Hamate ([2Rs 14.23-25](#)).

Tanto Amós quanto Ezequiel referem-se à entrada de Hamate em suas profecias sobre Israel ([Am 6.14](#); [Ez 47.15-20](#); [48.1](#)). Algumas autoridades consideram o lugar como a antiga cidade de Lebo-Hamate, identificada com a moderna Lebweh. *Veja* Hamate #1; Lebo-Hamate.

Hamateu

Residente de Hamate ([Gn 10.18](#); [1Cr 1.16](#)). *Veja* Hamate #1.

Hamedata

Hamedata era o pai de Hamã. Hamã foi um conselheiro-chefe do Rei Assuero da Pérsia (também chamado Xerxes). No livro de Ester, Hamã odiava o povo judeu e planejava destruí-los ([Et 3.1.10](#); [8.5](#); [9.10.24](#)).

Hamolequete

Filha de Maquir e irmã de Gileade ([1Cr 7.18](#)).

Hamom

1. Uma das cidades de Aser mencionadas em [Josué 19.28](#). Estava localizada em algum lugar ao sul de Tiro, na fronteira oeste de Aser.

2. Nome alternativo para Hamate em [1 Crônicas 6.76](#). *Veja* Hamate (Lugar).

Hamom-Gogue

Vale em Transjordânia onde os mortos dos exércitos de Gogue (as "hordas" de Gogue) serão enterrados ([Ez 39.11,15](#)).

Hamoná

Nome do local que significa "horda" na Transjordânia, onde os exércitos saqueadores de Gogue serão destruídos pelos israelitas ([Ez 39.16](#)).

Veja também Gogue #2.

Hamor

Um príncipe heveu ou horita que governava a área ao redor de Siquém ([Gn 34.2](#)). Quando Jacó retornou de Padã-Arã com sua família, ele comprou terras de Hamor. Durante esse tempo, o filho de Hamor, Siquém, forçou Diná, filha de Jacó, a ter relações sexuais com ele, contra a vontade dela.

A pedido de seu filho, Hamor pediu a Jacó para que Siquém se casasse com Diná. Ele ofereceu um dote. Simeão e Levi, fingindo ser amigos, enganaram os homens que viviam naquela cidade para que fossem circuncidados. Então, eles os atacaram e mataram antes que se recuperassem, buscando vingança pela humilhação de sua irmã.

“Hamor” é a palavra hebraica que Jacó usa para se referir a Issacar ao abençoar seus filhos ([Gn 49.14](#)). É a palavra usual para “jumento” no Antigo Testamento (p. ex. [Gn 42.26](#); [Êx 20.17](#); [Jz 15.15](#); [Is 1.3](#); [Zc 9.9](#)).

Hamote-Dor

Nome alternativo para a cidade levítica Hamate em [Josué 21.32](#).

Hamuel

Membro da família de Misma da tribo de Simeão ([1Cr 4.26](#)).

Hamul, Hamulita

O filho mais novo de Perez ([Gn 46.12](#); [1Cr 2.5](#)) e fundador da família hamulita ([Nm 26.21](#)).

Hamurabi, Código de leis de

Um código de leis criado por Hamurabi, o último grande rei da primeira dinastia babilônica, que

governou aproximadamente de 1790 a 1750 a.C. Foi criado para proteger os direitos dos cidadãos e delinear seus deveres.

A descoberta do Código de Hamurabi

As leis foram esculpidas em pilares de pedra, muitas vezes colocados em mercados ou perto de templos para que todos pudessem ver. O exemplo mais completo encontrado até agora é da parte final de seu reinado. Arqueólogos franceses descobriram o pilar em Susã em 1901. Era feito de pedra diorito preto e tinha 2,4 metros (oito pés) de altura. Tinha uma escultura de Hamurabi recebendo símbolos de realeza e lei do deus Shamash (o deus mesopotâmico da justiça). Abaixo dessa escultura havia uma introdução poética, seguida por 282 leis, e uma declaração final louvando as virtudes de Hamurabi, seu cuidado com seu povo e sua obediência ao grande deus Marduque e ao deus da justiça, Shamash. Os deuses são invocados para amaldiçoar qualquer um que desafie o pilar.

Os elamitas levaram-no para Susã como um troféu de batalha em 1160 a.C. Agora está no Louvre em Paris. O código é um conjunto de leis baseadas nas leis sumérias e semíticas antigas. O código de Hamurabi tem muitas semelhanças com as leis dos assírios, hititas e hebreus.

Leis e punições fundamentais

A primeira parte do Código de Hamurabi listava punições para crimes graves, tais como:

- Levar alguém à força (rapto).
- Furtar objetos que pertencem a outras pessoas.
- Comprar ou manter objetos que foram roubados.
- Invadir um edifício à força e sem permissão.
- Roubo durante emergências, como incêndios ou tumultos (saque).
- Mentir após prometer dizer a verdade no tribunal.
- Acusar alguém falsamente de um crime.
- Ajudar alguém a se esconder da justiça.

A morte era uma possível punição para esses crimes, especialmente se o roubo envolvesse subtrair de um templo ou do estado, ou se uma testemunha mentisse em um caso com pena de morte.

Todas as transações válidas ocorreram na presença de testemunhas, e o testemunho delas precisava ser confiável em disputas. Eles aplicaram justiça rápida a um homem culpado de invadir um prédio sem permissão:

“Se um homem invadir uma casa, deve-se colocá-lo à morte na brecha e emparedá-lo” (seção 21).

Para um saqueador durante um incêndio:

“Se um incêndio ocorrer na casa de um homem, e alguém, ao tentar apagá-lo, roubar os bens do proprietário, essa pessoa deverá ser lançada naquele fogo” (seção 25).

Leis sobre propriedade e negócios

A próxima seção descreve como a lei protegia tanto as pessoas que possuíam terras quanto aquelas que trabalhavam nelas. Explica o que cada pessoa precisava fazer e quais direitos possuíam. O oficial tinha que gerenciar seus soldados, assim como os soldados tinham que servir ao estado. A lei também protegia a propriedade de um soldado enquanto ele servia no exército. Um inquilino precisava usar a propriedade alugada de maneira sábia e benéfica. Se a terra alugada de um inquilino inundasse antes da colheita, a lei o isentava de pagar o aluguel naquele ano. Ele também precisava ter cuidado

com as colheitas dos vizinhos e evitar inundar seus campos com irrigação excessiva (seções 30–56).

A discussão detalhada sobre contratos e leis comerciais revela a ampla gama dessas transações. Se alguém pegasse dinheiro emprestado de um comerciante e não pudesse pagar, tinha que reembolsar com bens, como tâmaras de sua própria colheita. A taxa de juros permitida era de cerca de 20 por cento. A lei protegia os mutuários de credores que usavam um pequeno peso de grãos ou dinheiro e exigiam reembolso com juros em um peso maior. Qualquer pessoa pega fazendo isso perdia o que tinha emprestado. As vendedoras de vinho foram advertidas contra a venda com peso reduzido (seção 108). Altas taxas de juros se aplicavam à compra de vinho a crédito, então poucas pessoas provavelmente usavam essa forma inicial de crédito.

Para garantir uma divisão justa ao encerrar uma parceria, a transação ocorria na presença de "Deus", provavelmente no templo. Esperava-se que um comerciante que tomasse dinheiro emprestado com juros obtivesse lucro. Se ele tivesse sucesso, reembolsava tanto o valor original quanto os juros. Se ele falhasse, era considerado um comerciante ruim e tinha que reembolsar ao mercador o dobro do valor emprestado. No entanto, se o dinheiro fosse emprestado como um favor e o comerciante sofresse uma perda, apenas o principal era reembolsável sem juros. Um comerciante roubado por bandidos não precisava fazer o pagamento. Recibos selados eram usados para garantir práticas comerciais justas. Em disputas sobre um empréstimo, se o mercador provasse seu caso, o comerciante tinha que devolver três vezes o valor emprestado. Se o comerciante provasse seu caso, o mercador pagava ao comerciante seis vezes o valor original envolvido (seções 98–107).

Um credor não podia tomar o dinheiro ou o grão de um devedor sem permissão. Se o fizesse, tinha que devolvê-lo e perder o empréstimo. Às vezes, uma pessoa podia ser mantida como garantia. Se a pessoa morresse naturalmente durante esse tempo, nenhuma reivindicação poderia ser feita. No entanto, se a pessoa morresse por maus-tratos, era exigida compensação com base na posição social. Se a garantia fosse um escravo, a compensação era um terço de uma mina de prata, e o empréstimo era perdoado. Se a garantia fosse o filho de um homem, o filho do credor era condenado à morte como compensação. Quando uma esposa, filho ou filha era obrigada a prestar

serviço para pagar uma dívida, o máximo de servidão era de três anos (seções 113–117).

Um homem precisava manter seguro qualquer coisa deixada com ele. Se ladrões a roubassem porque sua moradia não era segura, ele deveria reembolsar o proprietário. Se alguém alegasse falsamente que sua propriedade havia sido perdida, teria que pagar ao conselho da cidade o dobro do valor reivindicado.

Leis sobre sexo, casamento e família

Havia muitas leis sobre sexo e casamento (seções 127–162). Como a maioria dos acordos, o casamento precisava de um contrato para ser válido. O adultério frequentemente levava à pena de morte, mas um homem podia pedir para poupar a vida de sua esposa. A vítima de estupro não era punida. De acordo com a lei mosaica, se o ato acontecesse na cidade, a mulher também era considerada culpada porque se esperava que ela gritasse por ajuda. Se acontecesse fora das muralhas da cidade, ela não era culpada porque seus gritos não poderiam ser ouvidos. O código de Hamurabi mostrava preocupação com as mulheres que eram abandonadas ou cujos maridos eram capturados. Essas mulheres podiam viver com outro homem se não pudessem se sustentar.

Quando uma mulher se divorciava, ela recebia seu dote de volta. Se não houvesse dote, ela recebia uma mina de prata. Se o marido fosse um camponês, ela recebia um terço de uma mina de prata. Se uma mulher negligenciasse suas obrigações domésticas para iniciar um negócio, seu marido poderia se divorciar dela sem pagamento. Ele também poderia se casar novamente sem se divorciar dela, fazendo-a viver como uma serva na casa.

Uma escrava que tivesse um filho com seu mestre não podia ser vendida. Se um homem se casasse com uma mulher doente e depois escolhesse se casar com outra, a esposa doente poderia permanecer na casa. Seu marido tinha que sustentá-la por toda a vida. Uma mulher que matasse seu marido por seu amante era empalada em estacas (seção 153). Incesto levava à morte ou banimento. Casos de quebra de promessa geralmente exigiam o pagamento do dobro do valor do dote. Quando uma esposa morria, seu dote passava a fazer parte da herança de seus filhos. Se ela morresse sem filhos e seu pai devolvesse o preço do casamento, seu marido não poderia reivindicar seu dote, que deveria voltar para seu pai (seções 162–163). Os direitos de um filho mais

novo e solteiro eram protegidos, assim como os dos filhos de um mestre com uma escrava. Um filho não podia ser deserdado por seu pai, a menos que cometesse uma ofensa grave. Uma viúva era protegida das exigências financeiras excessivas de seus filhos. Se uma mulher livre se casasse com um escravo, seus filhos seriam livres. Se o escravo morresse, sua viúva mantinha seu dote e metade dos bens adquiridos durante o casamento. O dono do escravo ficava com o restante. As mulheres que trabalhavam no templo também eram protegidas por lei.

De acordo com a lei hebraica, um pai tinha que ensinar seu filho a ganhar a vida. O Código de Hamurabi exigia que um filho adotivo recebesse o mesmo treinamento. Se o filho adotivo não fosse criado como uma criança natural na família, ele poderia retornar à sua casa original.

Se um homem posteriormente formasse sua própria família e mandasse a criança adotiva embora, a criança poderia levar um terço dos bens do homem. No entanto, a criança não poderia levar nenhuma terra ou casa, pois estas pertenciam aos filhos biológicos do homem. Se uma criança morresse enquanto estava sob os cuidados de uma ama e ela aceitasse outra criança sem informar os novos empregadores sobre a morte, eles cortavam seu seio.

Leis sobre lesões e cuidados médicos

A parte mais famosa do código de leis de Hamurabi trata de agressão: “Se um homem ferir o olho de um aristocrata [pessoa nobre ou rica], ferirão o olho dele”. Da mesma forma, se ele quebrar o osso de um homem ou arrancar um dente, enfrentará a mesma punição (seções 196–197). No entanto, se a pessoa ferida for um plebeu (sem posição ou título), o infrator deve pagar uma multa de uma mina de prata por destruir um olho ou quebrar um osso. Se a pessoa ferida for um escravo, o infrator deve pagar metade do valor do escravo. As punições por agressão simples dependem da posição das duas pessoas envolvidas. Se um homem jurar que o golpe não foi intencional, ele pode apenas ter que pagar a conta do médico. Outras penalidades se aplicam se o golpe for fatal ou causar aborto em uma mulher (seções 209–214).

As taxas para cirurgias estavam claramente definidas. Salvar uma vida ou realizar uma cirurgia ocular custava dez siclos de prata para um aristocrata, cinco para um plebeu e dois para um escravo. Se um paciente aristocrata morresse ou perdesse um olho durante a cirurgia, o cirurgião

corria o risco de ter sua mão cortada (seção 218). Se um escravo morresse durante a cirurgia, o cirurgião tinha que substituir o escravo. Para colocar um osso quebrado ou curar um tendão torcido, o médico cobrava cinco, três ou dois siclos, com base no status do paciente (seções 221–223).

Leis sobre trabalho e comércio

A última seção de leis aborda a proteção das pessoas contra o trabalho inadequado de construtores de casas e barcos. Inclui regras para alugar animais ou contratar pessoas, roubo de ferramentas agrícolas, taxas para contratação e pagamento de salários, além de regras para compra e venda de escravos (seções 228–282).

Se um homem alugasse os bois de seu mestre em vez de usá-los em seus próprios campos, ele teria que pagar o aluguel usual de grãos pelo campo. Se ele não pudesse pagar, os bois o arrastariam pelo campo.

Comparação com a Lei de Moisés

Devido às semelhanças culturais, não é surpreendente que o código de Hamurabi e a lei Mosaica tenham algumas similaridades. Ambos os conjuntos de leis previam a pena de morte para:

- Adultério (Hamurabi seção 129; [Lv 20.10](#); [Dt 22.22](#))
- Sequestro e venda de uma pessoa (Hamurabi seção 114; [Êx 21.16](#))

O *lex talionis*, ou a lei de talião, em [Êx 21.23–25](#) e [Dt 19.21](#) também está presente nas leis de Hamurabi, como nas seções 197, 210 e 230. No entanto, as diferenças são importantes também. As leis de Hamurabi permitiam às mulheres direitos iguais ao divórcio (seção 142), mas a lei mosaica não incluía esses direitos (veja [Dt 24.1–4](#)). O código de Hamurabi era principalmente prático e, embora emitido sob Shamash, o deus da justiça, prestava pouca atenção aos princípios éticos e espirituais.

Veja também Direito civil e justiça; Direito penal e punição; Direito, conceito bíblico de.

Hamutal

Filha de Jeremias de Libna, uma das esposas do rei Josias, e mãe de dois reis: Jeoás e Zedequias ([2Rs 23.31](#); [24.18](#); [Jr 52.1](#)).

Hanã

1. Filho de Sasaque e um dos principais homens de Benjamim ([1Cr 8.23](#)).
2. Filho de Azel da tribo de Benjamim ([1Cr 8.38](#); [9.44](#)).
3. Guerreiro entre os valentes de Davi, que eram conhecidos como “os trinta” ([1Cr 11.43](#)).
4. Antepassado de um grupo de assistentes do templo que retornaram a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.46](#); [Ne 7.49](#)).
5. Assistente levítico que explicou ao povo as passagens da lei lidas por Esdras ([Ne 8.7](#)).
6. Levita que assinou a aliança de fidelidade a Deus com Esdras, Neemias e outros após o exílio ([Ne 10.10](#)).
- 7, 8. Dois líderes políticos que assinaram a aliança de fidelidade a Deus com Esdras, Neemias e outros após o exílio ([Ne 10.22,26](#)).
9. Um dos levitas que Neemias nomeou como tesoureiro dos depósitos ([Ne 13.13](#)).
10. O filho de Jigdalias e chefe de um grupo profético que ocupava a sala no templo onde Jeremias ofereceu vinho aos recabitas para beber ([Jr 35.4](#)).

Hananel

O filho de Salum, de quem Jeremias comprou um campo em Anatote ([Jr 32.7–12](#)). Esta compra significava que Deus restauraria a nação e que a posse da terra seria novamente possível.

Hananel, Torre de

Torre na muralha norte de Jerusalém, localizada perto do Portão das Ovelhas ([Ne 3.1](#); [12.39](#); ACF “Hananeel”). Mais tarde na história de Israel, João Hircano ergueu uma fortaleza macabeia neste local, que Pompeu destruiu em 63 a.C. Ainda mais tarde, Herodes, o Grande, construiu a Torre de Antônia aqui para supervisionar a área do templo. Duas profecias referem-se à Torre de Hananel como um ponto de fronteira na reconstrução de Jerusalém ([Jr 31.38](#); [Zc 14.10](#)).

Hanani

1. Vidente que repreendeu o Rei Asa por dar tesouros a Ben-Hadade da Síria para persuadi-lo a atacar Israel. Hanani foi preso por sua pregação ([2Cr 16.1-10](#)). Hanani foi o pai do profeta Jeú, que protestou contra Baasa, rei de Israel ([1Rs 16.1-7](#)), e Josafá, rei de Judá ([2Cr 19.2](#)).
2. Filho de Hemã, vidente de Davi e músico no templo ([1Cr 25.4,25](#)).
3. Sacerdote que obedeceu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã após retornar do exílio ([Ed 10.20](#)).
4. Irmão de Neemias que o incentivou a agir em favor dos judeus ao relatar o estado de Jerusalém e Judá ([Ne 1.2](#)). Hanani foi posteriormente responsabilizado pela cidade de Jerusalém ([7.2](#)).
5. Sacerdote e músico que participou da dedicação das muralhas reconstruídas de Jerusalém ([Ne 12.36](#)).

Hananiah

1. Um filho de Zorobabel e descendente do Rei Davi ([1Cr 3.19,21](#)).
2. Um membro da tribo de Benjamim e filho de Sasaque ([1Cr 8.24](#)).
3. Um filho de Hemã que liderou o 16º grupo de músicos que serviram no templo do Senhor. Esses músicos foram divididos em 24 grupos ([1Cr 25.4,23](#)).
4. Um dos comandantes do exército do Rei Uzias ([2Cr 26.11](#)).
5. Um filho de Bebai que retornou do exílio na Babilônia. Mais tarde, Esdras o incentivou a terminar seu casamento com uma esposa não judia ([Ed 10.28](#)).
6. Um fabricante de perfumes que ajudou Neemias a reconstruir o muro de Jerusalém ([Ne 3.8](#)).

7. Um filho de Selemias que, junto com Hanum, reparou parte do muro de Jerusalém durante o tempo de Neemias ([Ne 3.30](#)). Ele é talvez a mesma pessoa mencionada no número 6 acima.
8. Comandante da cidadela de Jerusalém. Neemias o escolheu para governar a cidade junto com Hanani, irmão de Neemias. Hananiah foi descrito como um homem fiel e temente a Deus. Ele recebeu a tarefa de garantir que os muros e portões da cidade fossem guardados ([Ne 7.2-3](#)).
9. Um dos líderes que assinou seu nome no acordo (aliança) de Esdras com Deus ([Ne 10.23](#)).
10. O chefe da família sacerdotal de Jeremias quando Joaquim era sumo sacerdote em Jerusalém após o exílio ([Ne 12.12](#)).
11. Um dos sacerdotes que tocou uma trombeta na dedicação do muro de Jerusalém durante os dias de Neemias ([Ne 12.41](#)).
12. Um gibeonita e filho de Azur, Hananiah afirmava ser um profeta durante o quarto ano do reinado do rei Zedequias de Judá. Zedequias foi rei de Judá de 597 a 586 a.C. No templo, Hananiah anunciou que dentro de dois anos o Senhor quebraria o controle de Nabucodonosor sobre Judá e traria de volta todas as pessoas e objetos sagrados que haviam sido levados para Babilônia. No entanto, o Senhor disse a Jeremias que Hananiah estava mentindo. Jeremias então disse a Hananiah que ele morreria por espalhar mensagens falsas, e Hananiah morreu dois meses depois ([Jr 28](#)).
13. O pai de Zedequias era um oficial a serviço do Rei Jeoaquim de Judá (que governou de 609 a 598 a.C.; [Jr 36.12](#)).

14. O avô de Jerias, o capitão da guarda. Jerias prendeu Jeremias no Portão de Benjamim em Jerusalém por aparentemente desertar para os babilônios ([Jr 37.13](#)).
15. Um dos três amigos judeus de Daniel que foram levados para Babilônia. Os babilônios o chamaram de Sadraque ([Dn 1.6-19](#); [2.17](#)).
Vea também Sadraque, Mesaque e Abede-nego.

Hanatom

Cidade fronteira ao norte de Zebulom ([Js 19.14](#)), mencionada nas tábuas de Amarna (cerca de 1370 a.C.) e nos anais de Tiglate-Pileser III (745-727 a.C.). Ainda não localizada com precisão, foi identificada com Kefr 'Anau perto de Rimom e com Tell el-Bedeiwyah, ao norte de Nazaré.

Hanes

Cidade no Egito mencionada junto com Zoã (ou Tânis) em [Isaías 30.4](#) como um centro do governo egípcio para o qual embaixadores seriam enviados. Isso indica que era um dos centros dinásticos. Foi identificada com Heracleópolis Magna, ao sul de Mênfis, a capital do norte do Egito nos tempos romanos, e também com Heracleópolis Parva na região do delta oriental.

Haniel

1. Um filho de Éfode e líder da tribo de Manassés. Ele representou sua tribo quando Moisés distribuiu a terra a Israel ([Nm 34.23](#)).
2. Um filho de Ula e guerreiro na tribo de Aser ([1Cr 7.39](#)).

Hanrão

Nome alternativo para Hendã, o filho mais velho de Disom em [1 Crônicas 1.41](#).
Vea Hendã.

Hanucá

Vea Festas e festivais de Israel; Judaísmo.

Hanum

1. Um filho de Naás e sucessor ao trono amonita. Quando o rei Naás morreu, o rei Davi de Israel enviou mensageiros para confortar Hanum. Eles também expressaram a amizade contínua de Davi. No entanto, Hanum insultou Davi. Ele humilhou seus mensageiros e os acusou de espionagem. Esta ação levou à guerra e à derrota de Amom ([2Sm 10.1-14](#); [11.1](#); [12.26-31](#); [1Cr 19.1-20.3](#)).
2. Um homem que ajudou a reparar o Portão do Vale de Jerusalém durante o tempo de Neemias ([Ne 3.13](#)).
3. Um filho de Zalafe que reparou uma seção do muro de Jerusalém durante o tempo de Neemias ([Ne 3.30](#)). Ele pode ser a mesma pessoa mencionada no item nº2 acima.

Hapises

Chefe de uma divisão de sacerdotes que Davi designou para funções oficiais no templo ([1Cr 24.15](#)).

Haquila, Haquilá

Um local não identificado em Horesa, perto da cidade de Hebrom. Davi fugiu para cá quando Saul tentou matá-lo ([1Sm 23.19](#); [26.1.3](#)).

Har-Heres

Montanha em Aijalom do território de Dã ([Jz 1.35](#)). As Bíblias em português em geral traduzem pela expressão "Monte Heres", uma vez que *har* em hebraico significa "monte" ou "montanha". *Vea Heres #1.*

Hara

Local onde Tiglate-Pileser da Assíria exilou Rúben, Gade e a meia-tribo de Manassés ([1Cr 5.26](#)). Um possível erro de cópia de [2Rs 17.6](#) e [18.11](#) pode ter substituído Hara por “cidades da Média.” A versão grega lê “montes da Média,” indicando uma área a leste do Vale do Tigre. Parece ser indicado um distrito em vez de um único local.

Harã (Lugar)

Cidade do norte da Mesopotâmia, mencionada pela primeira vez em [Gênesis 11.31](#) como o destino de Terá, pai de Abraão, ao migrar de Ur dos Caldeus, e sua residência até sua morte. Aos 75 anos, Abraão foi ordenado por Deus a se mudar para uma terra que Deus tinha para ele ([Gn 12.1-4](#)). Havia parentes que permaneceram em Harã, para onde Jacó, neto de Abraão, fugiu com medo de Esaú ([27.42-43](#)). Jacó ficou em Harã muitos anos enquanto servia seu tio Labão e adquiria Lia e Raquel como esposas, além de muitas ovelhas e cabras, servos, camelos e jumentos ([30.43](#)).

Esta "cidade de Naor" ([Gn 11.27-29](#); [24.10](#); [27.43](#)) foi estabelecida no terceiro milênio a.C., e sua localização em um ramo do Eufrates rapidamente a tornou um importante centro comercial. Talvez a antiga rota comercial que ligava Damasco, Nínive e Carquemis passasse por Harã. Ezequiel menciona o comércio entre Harã e Tiro ([Ez 27.23](#)). Harã era uma cidade aramaica e era famosa por seu culto ao deus lunar Sin e Nikkal. Este sistema era uma ramificação do culto encontrado na suméria Ur. Sin e sua consorte Nikkal eram reverenciados não apenas aqui, mas em toda Canaã e até mesmo no Egito. O culto persistiu além dos tempos do NT, com seu templo sendo finalmente destruído pelos mongóis no século 13 d.C. Não é de se admirar que Deus tenha ordenado a Abraão que deixasse este centro de idolatria. A moderna Harã preserva a antiga grafia cuneiforme (Charran) do nome (cf. NTLH "Harã", [Atos 7.2,4](#)).

Harã (Pessoa)

1. Filho de Tera, pai de Abraão e avô de Ló ([Gn 11.26-31](#)).
2. O filho de Calebe com sua concubina Efé, membro da tribo de Judá e pai de Gazez ([1Cr 2.46](#)).

3. O filho de Simeí, um membro da divisão gersonita da tribo de Levi ([1Cr 23.9](#)).

Harada

O vigésimo acampamento selvagem dos israelitas em sua jornada do Egito para a Terra Prometida. É o nono lugar onde acamparam após deixarem o Sinai. Está listado entre o Monte Sefer e Maquelote. Sua localização é incerta ([Nm 33.24-25](#)).

Haraías

Pai de Uzziel, um ourives que trabalhou na reconstrução do muro de Jerusalém na época de Neemias ([Ne 3.8](#)).

Harar, Hararita

Os termos "Harar" e "Hararita" são usados para descrever vários dos "homens valentes" do rei Davi na Bíblia. Um hararita era uma pessoa que vinha de um lugar chamado Harar.

Sama foi um dos homens mais poderosos de Davi. Ele era pai de Jônatas. Este é um Jônatas diferente do filho do Rei Saul, que era amigo de Davi. Sama era um hararita ([2Sm 23.11.33](#); [1Cr 11.34](#) menciona "Sage"). Agé, o pai de Sama, também era um hararita ([2Sm 23.11](#)). Sarar, o pai de Aião, também é chamado de hararita ([2Sm 23.33](#); em [1Cr 11.35](#) ele é chamado de "Sacar").

Não temos certeza completa do que esses termos significam. Eles podem se referir a uma vila montanhosa chamada Harar, ou podem significar "montanhês" (alguém que vive nas montanhas).

Harás

Avô de Salum. A esposa de Salum era Hulda, a profetisa ([2Rs 22.14](#); [2Cr 34.22](#)), que entregou um oráculo para Josias após a descoberta do Livro da Lei pelo sumo sacerdote Hilquias.

Harbona

Um dos sete servos pessoais do rei Assuero. Assuero (também chamado de Xerxes) ordenou que eles exibissem a rainha Vasti diante de um

banquete embriagado para que todos pudessem ver sua beleza ([Et 1.10](#)). Mais tarde, Harbona sugeriu que Hamã fosse enforcado na forca que Hamã havia construído para executar Mordecai ([Et 7.9](#)).

Harefe

Descendente de Calebe da tribo de Judá e fundador (ou talvez pai) de Bete-Gader ([1Cr 2.51](#)).

Harife

Antepassado de uma família que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ne 7.24](#)). O nome Jora aparece na lista paralela de [Esdras 2.18](#). Um representante dessa família assinou a aliança de fidelidade a Deus com Esdras, Neemias e outros ([Ne 10.19](#)).

Harim

1. Sacerdote que o rei Davi nomeou para funções oficiais no templo ([1Cr 24.8](#)).

2. Antepassado de uma família judaica que retornou do exílio babilônico com Zorobabel ([Ed 2.32](#); [Ne 10.5](#)). Membros dessa família foram culpados de se casarem com mulheres estrangeiras ([Ed 10.31](#)), mas eles se divorciaram de suas esposas, e um representante do clã assinou o pacto de Esdras ([Ne 10.27](#)).

3. Antepassado de uma família de sacerdotes que retornou do exílio com Zorobabel ([Ed 2.39](#); [Ne 7.42](#)). Alguns o identificam com o mencionado no item 1 acima. Membros desta família foram culpados de se casar com mulheres estrangeiras.

4. Antepassado de Malquias. Malquias reparou uma seção do muro de Jerusalém durante o tempo de Neemias ([Ne 3.11](#)). Este Harim pode ser o mesmo que o mencionado no item 2 acima.

5. Sacerdote que retornou do exílio com Zorobabel ([Ne 12.3](#); Hebraico "Reum"). Seu filho (ou neto) Adna é listado como um sacerdote líder durante o sumo sacerdócio de Joaquim ([12.15](#)). Mais tarde, sob Esdras, um representante da família (provavelmente relacionado ao item 3 acima) assinou a aliança de fidelidade a Deus ([10.5](#)).

Harmom

Lugar mencionado pelo profeta Amós para o qual os habitantes de Basã seriam exilados ([Am 4.3](#), ACF). Harmom ocorre apenas uma vez na Bíblia, e não há nenhum lugar conhecido com esse nome. Existem problemas com o texto e várias emendas foram propostas. Alguns manuscritos hebraicos o traduzem como um substantivo comum, significando "palácio", em vez de um nome próprio. A Septuaginta o traduz como "o monte de Rimom", talvez referindo-se a uma colina a leste de Rimom (veja [Jz 20.45-47](#); cf. [Js 15.32](#); [19.13](#)).

Harnefer

Filho de Zofá da tribo de Aser ([1Cr 7.36](#)).

Harode

1. Uma fonte junto à qual Gideão e seu exército acamparam antes de seu encontro com os midianitas ([Jz 7.1](#)). Pode ser a mesma fonte junto à qual Saul e seu exército montaram suas tendas antes da batalha com os filisteus ([1Sm 29.1](#)). A fonte de Harode está em 'Ain Jalud, no lado norte do Monte Gilboa. Isso fica a cerca de 3,2 quilômetros a sudeste de Zerin.
2. Lar de Sama e Elica, dois dos poderosos homens do rei Davi ([2Sm 23.25](#)). Em [1 Crônicas 11.27](#), o nome de Elica não está incluído, e Samote (também chamado Sama) é listado como harorita em vez de harodita. O termo "harorita" é provavelmente o resultado de um erro de cópia posterior, onde a pessoa que copiava o texto confundiu a letra hebraica "d" com um "r."

Harodita

O título dado a Samá e Elica, dois dos valentes do rei Davi ([2Sm 23.25](#)). Este nome indica que eles vieram de um lugar chamado Harode.

Véja Harode #2.

Haroe

Nome alternativo de Reaías, filho de Sobal, em [1 Crônicas 2.52](#). *Vea* Reaías #1.

Harorita

Descrição alternativa de um dos valentes de Davi ([1Cr 11.27](#)). *Vea* Harode #2.

Harosete-Hagojim

Cidade em Canaã que era a casa de Sísera. Este general cananeu liderou suas forças de Harosete contra Débora e Baraque ([Jz 4.2-13](#), ACF "Harosete dos gentios"). Após seus soldados entrarem em pânico, eles fugiram de volta para Harosete, onde foram derrotados (v. [16](#)).

Harpa

Instrumento de cordas. *Vea* Instrumentos Musicais (Nebel).

Harsa

Antepassado de um grupo de assistentes do templo que retornaram a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.52](#); [Ne 7.54](#)).

Harufita

Nome aplicado a Sefatias (presente na ACF), um dos guerreiros ambidestros de Davi da tribo de Benjamim que se juntou a ele em Ziclague ([1Cr 12.5](#)). Não está claro se o nome se refere a uma família ou a um lugar.

Harum

Pai de Acarel da tribo de Judá ([1Cr 4.8](#)).

Harumafe

O pai de Jedaías. Jedaías ajudou a reparar o muro de Jerusalém durante o tempo de Neemias ([Ne 3.10](#)).

Harur

Um dos servos do templo, cujos descendentes estavam entre aqueles que retornaram com Zorobabel do exílio na Babilônia ([1Ed 5.31](#)). O nome aparece como Sur em 1 Esdras, mas aparece listado como Harur em [Esdras 2.51](#) e [Neemias 7.53](#).

Harur

Antepassado de um grupo de assistentes do templo que retornaram a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.51](#); [Ne 7.53](#)).

Haruz

Haruz era o avô materno de Amom, que foi um rei de Judá ([2Rs 21.19](#)). Isso significa que Haruz era o pai de Mesulemete, que era a mãe de Amom.

Hasabias

1. Antepassado de Etã, um levita e descendente de Merari. Etã foi um músico no templo durante o reinado de Davi ([1Cr 6.45](#)).

2. Antepassado de um grupo de levitas que ajudaram a reconstruir o templo após o exílio babilônico ([1Cr 9.14](#); [Ne 11.15](#)).

3. O filho de Jedutum, um levita e músico no templo durante o reinado de Davi ([1Cr 25.3.19](#)).

4. Chefe de um grupo de hebronitas que recebeu a posição de supervisor de Israel a oeste do Jordão. Ele estava encarregado tanto das atividades políticas quanto das religiosas ([1Cr 26.30](#)).

5. O filho de Quemuel, um levita e chefe de uma casa durante o reinado de Davi ([1Cr 27.17](#)).

6. Chefe dos levitas que participou da Páscoa realizada pelo Rei Josias no reino de Judá (640-609 a.C.; [2Cr 35.9](#)).

7. Levita merarita que retornou a Jerusalém da Babilônia com Esdras ([Ed 8.19](#)).

8. Sacerdote que retornou a Jerusalém de Babilônia com Esdras ([Ed 8.24](#)); talvez seja a mesma pessoa mencionada no item 7 acima.

9. O filho de Parós, que atendeu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã após o exílio ([Ed 10.25](#)); possivelmente o mesmo que Asibias ([1Ed 9.26](#)).

10. Governante sobre metade do distrito de Queila (uma cidade de Judá no distrito de Sefalá de Libna-Maressa) que participou na reconstrução do muro de Jerusalém para o seu distrito após o exílio ([Ne 3.17](#)).

11. Levita que assinou a aliança de fidelidade a Deus de Esdras ([Ne 10.11](#)).

12. Antepassado de Uzi, um supervisor dos levitas em Jerusalém após o exílio ([Ne 11.22](#)).

13. Sacerdote e chefe de uma família na Palestina após o exílio, durante o tempo do sumo sacerdote Joaquim ([Ne 12.21](#)).

14. Chefe dos levitas e músico do templo após o exílio, durante o tempo de Joaquim, o sumo sacerdote ([Ne 12.24](#)); talvez a mesma pessoa mencionada no número 11 acima.

Hasabna

Um dos líderes que assinou a aliança de fidelidade a Deus com Esdras, Neemias e outros após o exílio ([Ne 10.25](#)).

Hasabneias

1. Pai de Hatus. Hatus ajudou na reconstrução dos muros de Jerusalém durante os dias de Neemias ([Ne 3.10](#)).

2. Levita que se juntou a outros em uma invocação na cerimônia de assinatura do pacto ([Ne 9.5](#)).

Hasadias

Um dos filhos de Zorobabel ([1Cr 3.20](#)).

Hasbadana

Homem, possivelmente de origem levita, que estava à esquerda de Esdras quando ele leu a lei para o povo ([Ne 8.4](#)).

Hasém

Um guerreiro entre os homens poderosos do rei Davi ([1Cr 11.34](#), veja também a nota na margem da NVT). Outro nome para Jasém em [2 Samuel 23.32](#).

Veja Jasém.

Hasideus, Hasidim

Transliterações de uma palavra hebraica que significa "os piedosos", em algumas traduções "dos que amam a Deus". A influência dos costumes e modos gregos ameaçou a preservação dos padrões de vida judaicos nos séculos III e IV a.C. Os judeus foram obrigados a usar a língua grega em suas vidas diárias, e com a língua veio a influência da cultura grega. Este processo foi bastante aparente na Palestina durante o segundo século a.C., e o povo judeu respondeu de duas maneiras antagônicas: um grupo era amigável aos gregos; o outro grupo estabeleceu como seu objetivo a estrita adesão aos princípios do judaísmo. Este último grupo, conhecido como "os piedosos", ou Hasideus, valorizava os ideais de observância responsável da aliança ([Dt 7.9](#)), e no período macabeu tornou-se militante em seus esforços para adorar a Deus de acordo com a lei mosaica. Tanto os fariseus quanto os essênios podem ter tido raízes iniciais no movimento hassídico.

Veja também Essênios; Judaísmo; Fariseus.

Hasmona

Um dos lugares onde os israelitas pararam durante os 40 anos em que vagaram no deserto ([Nm 33.29-30](#)).

Veja Peregrinações no deserto.

Hasmoneu

Nome da família dos judeus que instigaram a revolta judaica contra os gregos em 167 a.C. *Veja* Judaísmo.

Hasrá

Ortografia variante de Harás, avô de Salum, em [2 Crônicas 34.22](#).
Veja Harás.

Hassenaá

Nome alternativo para Senaa em [Neemias 3.3](#). Veja Senaa.

Hassenua

Antepassado de uma família benjamita que retornou a Judá com Zorobabel após o exílio ([1Cr 9.7](#); [Ne 11.9](#), ACF “Senua”); possivelmente chamado alternadamente de Senaa ([Ed 2.35](#); [Ne 7.38](#)) e Hassenaá ([Ne 3.3](#)). Veja Senaa.

Hassube

1. Merari, líder do clã da tribo de Levi. Hassube foi o pai de Semaías, um dos que se estabeleceram em Jerusalém após o retorno do cativeiro ([1Cr 9.14](#); [Ne 11.15](#)).
2. O filho de Paate-Moabe, que reparou uma seção do muro de Jerusalém e a Torre dos Fornos durante o tempo de Neemias ([Ne 3.11](#)).
3. Outro Hassube que reparou o muro de Jerusalém em frente à sua casa ([Ne 3.23](#)).
4. Líder que assinou a aliança de fidelidade a Deus com Esdras, Neemias e outros após o exílio ([Ne 10.23](#)).

Hasuba

Um dos filhos de Zorobabel ([1Cr 3.20](#)).

Hasufa

Antepassado de um grupo de assistentes do templo que retornaram a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.43](#); [Ne 7.46](#)). Ele é possivelmente a mesma pessoa que Gispa em [Neemias 11.21](#). Veja Gispa.

Hasum

1. Antepassado de uma família que retornou da Babilônia com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.19](#); [10.33](#); [Ne 7.22](#)).
2. Israelita que estava à esquerda de Esdras durante a leitura da lei ([Ne 8.4](#)).
3. Líder que assinou a aliança de fidelidade a Deus com Esdras, Neemias e outros após o exílio ([Ne 10.18](#)).

Hatá, Hataque

Um eunuco que o rei persa Assuero escolheu para servir Ester. Hataque trouxe mensagens de Mordecai para Ester. Desta forma, Ester soube do plano de Hamã contra os judeus ([Et 4.5-10](#)). Hataque às vezes é escrito como Hatá (ACF).

Hatate

Filho de Otniel e neto de Quenaz ([1Cr 4.13](#)).

Hatifa

Antepassado de uma família de servos do templo que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o cativeiro ([Ed 2.54](#); [Ne 7.56](#)).

Hatil

Antepassado de uma família dos servos do rei Salomão que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.57](#); [Ne 7.59](#)).

Hatita

Antepassado de uma família de porteiros que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.42](#); [Ne 7.45](#)).

Hatus

1. Filho de Semaías e descendente de Davi ([1Cr 3.22](#)). Hatus retornou do exílio babilônico com Esdras ([Ed 8.3](#)).
2. Filho de Hasabneias, que ajudou Neemias a reconstruir os muros de Jerusalém ([Ne 3.10](#)).
3. Sacerdote que retornou da Babilônia com Zorobabel ([Ne 12.2](#)). Um de seus descendentes assinou a aliança de fidelidade a Deus de Esdras ([Ne 10.4](#)). Seu nome foi omitido de [Neemias 12.14](#) por erro de escriba.

Haurã

Região no nordeste de Transjordânia mencionada na descrição das fronteiras da terra em Ezequiel ([Ez 47.16-18](#)). Nos tempos bíblicos, correspondia ao moderno Jebel ed-Druze de Leja. Esta área é mencionada já no reinado de Salmanasar III da Assíria em sua descrição de uma campanha militar em 841 a.C. Seu exército marchou para o Monte Khauranu após um cerco a Damasco e antes de cruzar a Galileia para o Monte Carmelo.

Em 733-732 a.C., Tiglate-Pileser III da Assíria conquistou Damasco e sua região circundante, organizando-a em províncias, uma das quais era Khaurina, ou Haurã. A mesma província é mencionada nos Anais de Assurbanípal durante sua campanha contra os árabes (639-637 a.C.).

Havilá (Lugar)

Terra na vizinhança do Éden, agora desconhecida, mas diz no texto bíblico que era regada pelo rio Pisom e conter suprimentos de ouro, bdélio e pedra de ônix ([Gn 2.11-12](#)). A localização de Havilá tem sido objeto de muita disputa. Não pode ter qualquer conexão com a Havilá de [1 Samuel 15.7](#), onde Saul lutou contra certos amalequitas, porque o local das narrativas do Éden é mesopotâmico e não palestino. Com base no mesmo princípio, qualquer tentativa de localizar Havilá no sul da Arábia, na região da Somália ou Índia estaria equivocada. O “rio” Pisom pode ter sido um canal de irrigação, já que o acádio não tem uma palavra separada para esses dois diferentes corpos de água, e o costume mesopotâmico era nomear grandes canais de irrigação como se fossem rios. Isso ajudaria a explicar a sobrevivência do nome “Pisom” muito tempo depois que o canal havia

desaparecido. O Pisom era um dos quatro ramos que o rio formava uma vez que deixava o Éden; portanto, Havilá deve ter estado ao norte, já que a narrativa assume uma perspectiva rio acima. Provavelmente Havilá estava na área geral da planície de Sinar e era regada por um grande canal de irrigação. Tanto Havilá quanto o canal há muito desapareceram.

Havilá (Pessoa)

1. Descendente de Cuxe ([Gn 10.7](#); [1Cr 1.9](#)).
2. Descendente de Sem através de Joctã ([Gn 10.29](#); [1Cr 1.23](#)).

Havote-Jair, Havote-Jair

No texto original usa-se Havote-Jair. Série de assentamentos na borda de Basã, do outro lado do Jordão, capturados por Jair, de acordo com [Nm 32.41](#). Devido à sua localização, eles foram alocados à meia-tribo de Manassés. O número dessas aldeias é dado em [Josué 13.29-30](#) como 60, e provavelmente estão incluídas nas cidades e vilas de [1 Crônicas 2.22-23](#), embora apenas 23 cidades sejam especificadas como pertencentes a Jair. A tradução literal usa “Basã-havoth-Jair” ([Dt 3.14](#)) torna a localização tão específica quanto no hebraico. Em [Juízes 10.4](#), um juiz chamado Jair tinha 30 filhos que controlavam 30 cidades chamadas Havote-Jair. Mas ele é obviamente diferente do Jair de [Números 32.41](#). Se seus filhos controlavam apenas 30 assentamentos, ele provavelmente governava os 30 restantes. Em [1 Crônicas 2.21-24](#), que reflete uma relação entre Judá e Manassés, foi dito que Jair tinha 23 cidades em Gileade quando Gesur e Aram capturaram 60 vilas dos assentamentos de tendas de Jair e Quenate e suas dependências. Embora os números variantes apresentem dificuldades, a narrativa em si pode ser a maneira do Cronista de indicar o senso de soberania de Judá sobre Gileade.

Hazel

Rei da Síria (843?-796? a.C.) que chegou ao poder assassinando seu governante, Ben-Hadade ([2Rs 8.7-15](#)), e estabelecendo uma nova dinastia. Uma inscrição de Salmanasar fala de Hazel como um “filho de ninguém” e menciona que ele havia “tomado o trono”. O profeta hebreu Elias foi

instruído a ungir Hazael como o próximo rei da Síria ([1Rs 19.15](#)).

Ao se tornar rei, Hazael continuou a política de Ben-Hadade de resistir à influência militar assíria na Palestina. Embora a maior parte da Palestina tenha ficado sob controle assírio em 841 a.C., Hazael conseguiu manter a independência ao resistir ao cerco de Damasco. Após falhar em uma tentativa final de subjugar Damasco em 837 a.C., os assírios se retiraram. Isso permitiu a Hazael a liberdade de iniciar uma série de ataques contra Israel, resultando na dominação síria da maior parte da Palestina.

Perto do final do reinado de Jeú em Israel, Hazael ocupou território israelita nas colinas da Galileia e a leste do Jordão ([2Rs 10.32](#)). Após a morte de Jeú, o rei sírio continuamente atormentando Israel, capturou grande parte da Filístia e poupou Jerusalém apenas porque Joás, rei de Judá, pediu paz e estava disposto a pagar um pesado tributo ([12.17-18](#)). A opressão síria continuou durante o reinado do filho de Hazael até que Adad-nirari III, rei da Assíria, marchou para a Síria, fazendo com que Damasco se submetesse e pagasse um pesado tributo. Isso aliviou a pressão sobre Israel e proporcionou a oportunidade de recuperar o território tomado por Hazael ([13.24-25](#)).

Arqueólogos encontraram os restos de uma cama em Arslan Tash (Hadathah) que pode ter sido incluída no tributo levado de Damasco. Parte da inscrição em uma pedaço de marfim incrustado na cama diz "ao nosso Senhor Hazael". Evidentemente, havia um alto nível de cultura em Damasco sob Hazael. Segundo Josefo, Hazael foi lembrado por muito tempo por sua participação na construção de templos em Damasco.

Veja também Síria, Sírios.

Hazaías

Descendente de Maaséias da tribo de Judá, que foi um dos líderes em Jerusalém após o exílio ([Ne 11.5](#)).

Hazar-Adar

Uma cidade, junto com Azmom, que marcou a fronteira sul de Judá ([Nm 34.4](#)). Geralmente é identificada com Khirbet el-Qudeirat, perto de Cades-Barneia.

A passagem paralela em [Josué 15.3-4](#) lista quatro lugares em vez de dois:

- Hezrom
- Adar
- Carca
- Azmom

Alguns sugeriram que Hazar-Adar e Adar são o mesmo lugar. Outros acreditam que ele foi renomeado para Hezrom para distingui-lo de Adar.

Hazar-Enã, Hazar-Enom

Local que descreve o canto nordeste da fronteira de Israel ([Nm 34.9-10](#)); alternadamente escrito como Hazar-enom em [Ezequiel 47.17-18](#) e [48.1](#). A (NTLH) traduz como Enom. É identificado com o moderno Hadr na base do Monte Hermon.

Hazar-Gada

Cidade na extremidade sul da terra atribuída à tribo de Judá como herança ([Js 15.27](#)).

Hazar-Mavé

Somente a NTLH usa a grafia diferente como "Hazarmavé". Descendente de Sem através de Joctã ([Gn 10.26](#); [1Cr 1.20](#)), cuja descendência viveu no sul da Arábia ([Gn 10.30](#)) no Wadi Hadhramaut. Escavações lá revelaram uma economia florescente no quinto século a.C., baseada no comércio de incenso. Este comércio, revivido no segundo século a.C., tornou a área próspera e influente.

Hazar-Sual

Cidade dos simeonitas localizada na seção sul de Judá ([Js 15.28](#); [19.3](#); [1Cr 4.28](#)). Também está listada entre as cidades ocupadas pelos judeus que retornaram do cativeiro ([Ne 11.27](#)).

Hazar-Susa, Hazar-Susim

Cidade atribuída a Simeão dentro do território destinado a Judá como herança ([Js 19.5](#)); também

chamada de Hazar-Susim ([1Cr 4.31](#)). Salomão provavelmente a utilizou como ponto de transferência para cavalos trazidos do Egito para venda aos hititas e sírios, como sugerido pelo seu nome, que significa "estação de cavalos". Hazar-Susa foi identificada com Sbalat Abu Susein, a leste do Wadi Far'ah.

Hazazão-Tamar

Cidade identificável com En-Gedi em [2 Crônicas 20.2](#). Durante o tempo de Abraão, era habitada por amorreus que foram subjugados por Quedorlaomer enquanto ele e outros reis orientais varriam a área ([Gn 14.7](#)). Foi sugerido que pode ser a Tadmor que Salomão fortificou ([1Rs 9.18](#)), e Tamar colocada por Ezequiel a sudeste de Israel ([Ez 47.18-19](#); [48.28](#)). Aparentemente, Wadi Hasasa recebeu o nome do antigo local.

Hazazão-Tamar

A grafia da cidade de Hazazom-Tamar na NTLH em [Gênesis 14.7](#). *Veja Hazazom-Tamar.*

Hazelelponi

Filha de Etã da tribo de Judá ([1Cr 4.3](#)).

Hazer-Haticom

Marco de fronteira ao longo do perímetro norte de Israel ([Ez 47.16](#)). Em conjunto com o uso de Hazar-Enã neste contexto, e em comparação com [Números 34.9-10](#), parece que Hazer-Haticom pode representar um erro de escrita para Hazar-Enã. Traduções em português como a ARC usam Hazer-Haticom. A NTHL utiliza apenas Haticom.

Hazerim

Transliteração da palavra hebraica que nos textos das versões português como [Deuteronômio 2.23](#) é traduzido como Aldeia. Em vez do nome próprio de uma cidade, pode ser um termo genérico para "aldeias", uma tradução preferida por algumas traduções.

Hazerote

Acampamento dos israelitas durante suas peregrinações no deserto. Foi o terceiro acampamento desde o Monte Sinai ([Nm 11.35](#); [12.16](#); [33.17-18](#); [Dt 1.1](#)). Aqui, Miriã e Arão falaram contra Moisés por ele ter se casado com uma mulher cuxita e questionaram se Deus falava apenas através de Moisés ([Nm 12.1-2](#)). O local é provavelmente a moderna 'Ain Khadra, cerca de 48 quilômetros a nordeste de Jebel Musa.

Veja também Peregrinações no deserto.

Haziel

Levita e filho de Simei durante o tempo de Davi ([1Cr 23.9](#)).

Hazo

Quinto filho de Naor ([Gn 22.22](#)); provavelmente usado como nome para um clã descendente de Naor. Foi identificado com o nome Hazu, que designava uma região montanhosa no norte da Arábia mencionada em uma inscrição que relata a campanha árabe de Esar-Hadom.

Hazor

1. Cidade no norte da Palestina, no território de Naftali, chamada de "a capital da federação de todos esses reinos (de Canaã)" em [Josué 11.10](#). Localizada a 8 quilômetros a sudoeste do Lago Huleh e 16 quilômetros ao norte do Mar da Galileia, é conhecida hoje como Tell el-Qedah (ou Tell Waggas). No seu auge, contava com 40.000 habitantes e era de longe a maior cidade cananeia em área e população. Era um grande centro comercial nas rotas de comércio entre o Egito e a Babilônia.

Hazor é mencionada pela primeira vez nos Textos de execração egípcios do século XIX a.C. Ela ganha destaque nos arquivos de Mari (século XVIII a.C.), sendo a única cidade palestina mencionada nesses documentos. É frequentemente citada em documentos egípcios desde a época de Tutemés III até Ramsés II, incluindo a correspondência de Tell el-Amarna.

O Antigo Testamento menciona Hazor várias vezes. A primeira referência é às conquistas de Josué, nas

quais Hazor foi completamente destruída ([Js 11.1-15](#); [12.19](#)). Naquela época, Hazor era uma cidade real cananea cujo rei, Jabim, liderou uma federação cananea do norte contra os israelitas invasores. Hazor aparece na revolta liderada por Débora e Baraque contra outro Jabim, que resultou na derrota das forças de Jabim sob o comando de Sísera ([Jz 4-5](#)). Hazor foi fortificada por Salomão ([1Rs 9.15](#)); os restos de Hazor de Salomão estão claramente preservados. O rei Acabe (874-853 a.C.) também acrescentou às fortificações; o elaborado sistema de água que Acabe construiu quando reconstruiu toda a cidade alta e a fortificou para resistir a longos cercos foi encontrado. A cidade foi destruída pelo assírio Tiglate-Pileser III por volta de 732 a.C., encerrando assim seu uso como cidade fortificada israelita ([2Rs 15.29](#)). Fortalezas dos períodos assírio, persa e helenístico foram encontradas em várias camadas da cidade. Hazor não é mencionada novamente no Antigo Testamento, mas [1 Macabeus 11.67](#) diz que Jônatas acampou perto da planície de Hazor, onde lutou contra Demétrio (147 a.C.). A última menção de Hazor em fontes antigas foi feita por Josefo.

Hazor tem sido de particular interesse por esclarecer a conquista da Palestina descrita em Josué. As escavações mostram claramente que a grande cidade foi destruída pelo fogo na última metade do século 13 a.C. e nunca foi reconstruída. Achados arqueológicos apoiam a imagem bíblica de uma conquista violenta sob Josué. A escassa ocupação israelita nos séculos 12 e 11 a.C. foi substituída por uma cidade bem fortificada durante a era de Salomão.

2. Cidade no sul de Judá ([Js 15.23](#)). Talvez seja el-Jebariyeh, no Wadi Umm Etnã, perto de Bir Hafir, cerca de 14,5 quilômetros a sudeste de el-'Auja.

3. Outra cidade no sul de Judá, chamada Hazor-Hadata ([Js 15.25](#)). *Veja* Hazor-Hadata.

4. Nome alternativo para Queriot-Hezrom ([Js 15.25](#)), provavelmente situado no sul de Judá. *Veja* Queriot #1.

5. Cidade ao norte de Jerusalém ocupada pelos benjamitas após seu retorno do exílio ([Ne 11.33](#)). O nome foi preservado no moderno Khirbet Hazzur, a oeste de Beit Hanina.

6. Localize em algum lugar no Deserto Árabe a leste da Palestina. Jeremias refere-se aos seus reinos em seu oráculo de julgamento contra Qedar e Hazor ([Jr 49.28-33](#)).

Hazor-Hadata

Uma das cidades localizadas na extremidade sul de Judá, perto da fronteira de Edom ([Js 15.25](#)). O adjetivo aramaico "Hadattah" indica que isso é um assentamento de Hazor, mas isso é incerto.

Héber

1. Um descendente de Jacó por meio de Aser e Berias ([Gn 46.17](#)) e pai da família dos heberitas ([Nm 26.45](#); [1Cr 7.31-32](#)).
2. Héber, o queneu, era o marido de Jael, a mulher que astutamente matou Sísera ([Jz 4.11-21](#); [5.24](#)).
3. Judaíta, filho de Merede e pai de Socó ([1Cr 4.18](#)).
4. Filho de Elpaal da tribo de Judá ([1Cr 8.17](#)).
5. A grafia da versão King James em inglês para Eber em [1Cr 5.13](#); [8.22](#); e [Lucas 3.35](#). *Veja* Eber #1, #2, #4.

Heberitas

Descendentes de Héber na família do patriarca Jacó ([Nm 26.45](#)).

Veja Eber #1.

Hebreus, Carta aos

Um dos livros mais profundos e enigmáticos do NT. A identidade de seu autor, a época de sua escrita, as pessoas e o lugar para os quais foi enviado estão todos envoltos em mistério. No entanto, apesar da incerteza, Hebreus continua sendo um dos livros mais oportunos e relevantes da Bíblia. Cerca de 300 anos atrás, John Owen, o puritano inglês, comentou apropriadamente: "Sem dúvida, a Epístola mais importante depois de Romanos é esta aos Hebreus". A carta é tanto doutrinária quanto prática, teológica e pastoral. Em resumo, constrói um argumento convincente para a superioridade do Cristianismo. Hebreus também reflete a preocupação apaixonada do coração de um pastor. Aqueles que experimentaram a obra suprema da

graça de Deus em Cristo são instados a manter firme a palavra final de Deus revelada em seu Filho.

Ao contrário da maioria das outras epístolas do NT, Hebreus não começa como uma carta. Não há saudação introdutória, o escritor não é identificado e não há menção daqueles a quem o documento é dirigido. O autor caracteriza a obra como uma “palavras de ânimo” (13.22, NTLH), o que sugere um sermão ou homilia oral (cf. At 13.15). No entanto, sua conclusão é a de uma carta convencional (Hb 13.22-25). Alguns detectaram uma transição gradual no documento de um ensaio para uma forma mais especificamente epistolar (cf. 2.1; 4.1; 13.22-25). As evidências sugerem, portanto, que o autor pode ter transformado a original “palavra de exortação” homilética em forma de carta quando a necessidade de se comunicar por escrito com seus amigos cristãos se tornou urgente.

Resumo

- Autor
- Contexto
- Data
- Origem e destino
- Propósito
- Conteúdo

Autor

O autor do livro não é mencionado diretamente na carta. Desde o final do segundo século, várias autoridades associaram o documento ao apóstolo Paulo. Clemente de Alexandria (m. 220) teorizou que Paulo escreveu a carta em hebraico para os judeus e que Lucas a traduziu para o grego. No entanto, essa sugestão não foi amplamente aceita por estudiosos modernos. O aluno de Clemente, Orígenes (m. 254), afirmou de forma mais geral que os pensamentos da carta são paulinos, mas que o estilo é diferente dos escritos conhecidos do apóstolo. Outras autoridades antigas, como Jerônimo (m. 419) e Agostinho (m. 430), persuadidos de que a canonicidade exigia autoria apostólica, também afirmaram que Paulo era o autor.

No entanto, vários fatores argumentam contra a autoria paulina de Hebreus. O anonimato da carta contraria o padrão consistente de Paulo se apresentar na saudação inicial de suas cartas. Além disso, Hebreus 2.3 indica que o escritor foi discipulado por testemunhas oculares do Senhor.

No entanto, Paulo insiste que seu conhecimento de Cristo foi adquirido a partir de um encontro direto com o Cristo ressuscitado (cf. Gl 1.12). F. F. Bruce avalia a autoria de Hebreus da seguinte forma: “Podemos dizer com certeza que o pensamento da epístola não é de Paulo, a linguagem não é de Paulo, e a técnica de citações do AT não é de Paulo”.

A tradição cristã primitiva sugere que Barnabé pode ter escrito Hebreus. Segundo Tertuliano (m. 220), muitas autoridades antigas acreditavam que Barnabé era responsável pela carta. Atos 4.36 fala dele como um “filho da exortação” (cf. Hb 13.22). Além disso, como levita, Barnabé estaria familiarizado com o ritual sacrificial judaico, que é tão proeminente na carta.

Lutero foi o primeiro a sugerir que Hebreus pode ter sido escrito por Apolo, “um excelente homem de aprendizado, que foi discípulo dos apóstolos, aprendeu muito com eles e era muito versado nas Escrituras”. Como nativo de Alexandria (At 18.24), Apolo estaria familiarizado com a interpretação tipológica evidente em Hebreus. Claramente, Apolo era o tipo de homem qualificado para escrever Hebreus.

Outros nomes foram sugeridos como possíveis autores. Calvino supôs que Lucas ou Clemente de Roma foi responsável pela carta. Nota-se que o grego de Hebreus se assemelha à linguagem e estilo do terceiro Evangelho e de Atos. Outros teorizam que Hebreus pode ter sido escrito por Silas, um cristão judeu de Jerusalém que estaria profundamente familiarizado com o ritual levítico. Silas é descrito como um dos “líderes da igreja” (At 15.22). Ele foi um colaborador de Paulo na missão gentia e, aparentemente, era conhecido em Roma, assim como em Jerusalém (1Pe 5.12-13).

Em conclusão, é provável que o autor de Hebreus tenha sido um cristão judeu de segunda geração, um mestre do grego clássico cuja Bíblia era a Septuaginta, familiarizado com a filosofia alexandrina do primeiro século e um apologista criativo da fé cristã. Quanto à identidade desse autor, podemos afirmar o mesmo que Orígenes no terceiro século: “Mas quanto a quem realmente escreveu a Carta, só Deus sabe”.

Contexto

O título muito antigo da carta, “Aos Hebreus”, sugere que o livro se refere a cristãos judeus vivendo na Dispersão. A própria carta oferece algumas pistas sobre as circunstâncias históricas que cercam sua composição. Não muito tempo após

se tornarem cristãos, os leitores da carta enfrentaram severa perseguição ([Hb 10.32-36](#)). Durante seu julgamento, os novos crentes suportaram prisão, confisco de bens pessoais e ridículo público. No entanto, a perseguição não foi fatal; eles ainda não haviam sido chamados a entregar suas vidas em martírio ([12.4](#)). Em meio à empolgação de sua nova fé em Cristo, eles demonstraram preocupação prática e amor ao ministrar aos companheiros crentes necessitados ([6.10](#)) e confortar outros que haviam sido assediados por sua fé ([10.34](#)).

No entanto, desde a época desses primeiros testes, os leitores tinham feito pouco progresso na maturidade cristã ([5.11-13](#)). Além disso, diante de uma nova onda de perseguição e desanimados com um aparente atraso na vinda do Senhor, os crentes começaram a vacilar e a perder a esperança. De fato, ameaçavam renunciar a Jesus Cristo e voltar à segurança da religião judaica, que gozava da proteção da lei romana.

Assim, lemos que, por causa dos ensinamentos estranhos e novos de certos judaizantes que procuravam trazê-los de volta à sua antiga religião ([13.9](#)), os crentes vacilantes haviam negligenciado reunir-se ([10.25](#)) e haviam perdido a confiança em seus líderes espirituais ([13.17](#)). Diante da possibilidade de que esses cristãos judeus pudessem abandonar sua fé completamente, o escritor os adverte severamente sobre as trágicas consequências de renunciar ao Filho ([6.4-6](#); [10.26-31](#); [13.12-19](#)) e os exorta a renovar seu compromisso com Cristo, a principal e última revelação de Deus.

Data

Sem informações concretas sobre o autor e os destinatários da carta, não há certeza quanto à data de sua escrita. Observamos que o autor de Hebreus, e provavelmente seus leitores também, foram discipulados por aqueles que conheceram Jesus pessoalmente ([2.3](#)). Outras evidências na carta sugerem que Paulo provavelmente já havia falecido. Timóteo, o jovem associado de Paulo, ainda estava vivo ([13.23](#)).

A ausência de qualquer menção em Hebreus sobre a destruição do templo de Jerusalém é significativa para datar a carta. Em termos de seu argumento de que a antiga aliança havia passado e o sacerdócio legal havia sido superado, o autor dificilmente teria omitido a menção da destruição do templo se tivesse escrito a carta depois de 70 d.C. [Hebreus 9.6-10](#) e [10.1-4, 11-14](#) sugerem claramente que os

sacrifícios judaicos ainda estavam sendo oferecidos. Portanto, pode-se supor com algum grau de certeza que a carta foi escrita antes de 70 d.C. Se foi escrita após a morte de Paulo, isso a colocaria após 67 d.C., a data tradicional de sua execução. Assim, Hebreus pode ter sido escrito no período de 67-70 d.C.

Origem e destino

O lugar de onde Hebreus foi escrito também é incerto. Alguns manuscritos da carta trazem a subscrição “escrito de Roma” ou “escrito da Itália”. Tais anotações são deduções baseadas na declaração “Os cristãos da Itália enviam suas saudações” ([13.24](#)). Muito provavelmente isso indica que o autor está enviando saudações a uma igreja na Itália em nome de cristãos italianos associados a ele em outra terra, possivelmente na Ásia. No entanto, não podemos determinar o ponto de origem com certeza.

Foi sugerido que a carta foi escrita para um grupo de judeus convertidos ao cristianismo. No entanto, a comunidade para a qual foi enviada é uma questão de debate. As opiniões variam de Judeia a Espanha. A tradição diz que Hebreus foi direcionada a cristãos judeus que viviam na Palestina. Mas contra um destino palestino pode-se argumentar: (1) os leitores não tiveram contato pessoal com Jesus ([2.3](#)), um evento improvável para residentes da Palestina em meados do primeiro século; (2) a afirmação em [12.4](#) de que seus leitores ainda não haviam dado suas vidas dificilmente poderia ser dita dos cristãos palestinos do período; (3) a generosidade dos crentes ([10.34](#); [13.16](#)) era inconsistente com a pobreza da igreja de Jerusalém; e (4) o tom geral da carta é helenístico em vez de rabínico.

Outras propostas para a destinação de Hebreus incluem (1) Cesareia, considerando a autoria de Lucas; (2) Antioquia da Síria ou Chipre, assumindo que Barnabé escreveu a carta; (3) Éfeso, devido à conversão de muitos judeus durante o ministério de Paulo naquela cidade; (4) Colossos, observando certas semelhanças entre a heresia colossense e as falsas crenças dos “Hebreus”; e (5) Alexandria, devido à aparente influência do filósofo Filo de Alexandria na carta.

A tese de que Hebreus foi direcionada a um grupo de cristãos judeus em Roma tem encontrado apoio entre vários estudiosos. Os argumentos a favor de um destino romano incluem os seguintes fatos: (1) A carta era conhecida em Roma não mais tarde que 96 d.C. (2) [Romanos 11.13, 18](#) sugere que a igreja

em Roma consistia em uma minoria cristã-judaica. (3) Referências à perseguição e sofrimento enfrentados pelos leitores ([Hb 10.32-33](#); [12.4](#)) são consistentes com medidas repressivas conhecidas impostas pelas autoridades romanas. (4) Há uma boa possibilidade de que santos que “vêm da Itália” transmitissem saudações aos seus irmãos em Roma. (5) A comunidade judaica em Roma preservou certas características do judaísmo não conformista ou sectário que explicariam várias semelhanças notáveis entre a teologia e a práxis da comunidade de Qumran e aquelas expressas em Hebreus.

É provável que a carta tenha sido endereçada a um pequeno subgrupo dentro de uma igreja local. A exortação em [5.12](#) (NTLH) — “Depois de tanto tempo, vocês já deviam ser mestres” — dificilmente teria sido relevante para toda a congregação. [Hebreus 13.7.24](#) dá mais suporte à teoria de que a carta foi enviada a um pequeno grupo, talvez a uma “igreja doméstica” dentro de uma assembleia maior.

Provisoriamente, pode-se concluir que os destinatários eram convertidos do judaísmo que habitavam na Dispersão. Assim, eles estavam familiarizados com o judaísmo do Antigo Testamento e conheciam a filosofia religiosa do mundo grego. Possivelmente, os leitores faziam parte de uma comunhão doméstica que tendia a se dissociar do grupo principal ([10.25](#)). A existência de tais igrejas domésticas em Roma é confirmada por [Romanos 16.5.14-15](#).

Propósito

Em resposta à ameaça de que seus amigos judeus-cristãos pudessem renunciar ao cristianismo e voltar ao judaísmo, o escritor, por meio de uma “palavra de exortação” ([13.22](#)), comunicou-lhes a finalidade da revelação cristã. Ele também procurou informar seus leitores desanimados e vacilantes que Cristo, o objeto da revelação final de Deus, é imensamente superior aos maiores heróis do judaísmo. O autor, além disso, afirmou o caráter celestial e eterno da salvação assegurada por Cristo. Enquanto o sistema sacrificial legal era impotente para efetuar a remissão do pecado, Cristo, o eterno Sumo Sacerdote, “ele pode, hoje e sempre, salvar as pessoas que vão a Deus por meio dele” ([7.25](#), NTLH).

Em resumo, o escritor recomendou aos seus leitores a necessidade de paciência e perseverança em meio à perseguição e aos sofrimentos aos quais os herdeiros da salvação eterna estão

inevitavelmente expostos. Assim como Jesus, o precursor da nossa fé, sofreu e pacientemente perseverou em antecipação à recompensa eterna, assim também os crentes assediados e oprimidos devem “levantem as suas mãos cansadas e fortaleçam os seus joelhos enfraquecidos” ([12.12](#), NTLH) em antecipação à sua recepção naquele eterno “reino que não pode ser abalado” ([12.28](#), NTLH).

O propósito final do autor ao escrever foi proclamar o temível julgamento que aguarda aqueles que repudiam Jesus Cristo. Já que “nosso Deus é um fogo destruidor” ([12.29](#), NTLH), “como é que nós escaparemos do castigo se desprezarmos uma salvação tão grande?” ([2.3](#), NTLH)?

Conteúdo

Depois de Romanos, Hebreus é o livro mais doutrinário do NT. O autor apresenta uma série de argumentos importantes para demonstrar a superioridade do evangelho de Cristo em relação à religião do judaísmo. Como Jesus é definitivo tanto em relação à sua pessoa quanto ao seu trabalho, o cristianismo é a fé suprema e normativa. O particularismo do livro contrasta com o espírito do mundo moderno.

A superioridade do Filho em relação a revelação anterior ([1.1-4](#))

O escritor reconhece que Deus se revelou aos profetas antigos de muitas maneiras — através de sonhos, visões, fala audível e atos poderosos. Mas “nestes últimos dias” (o advento dos tempos finais, cf. [9.26](#)) Deus falou finalmente e definitivamente através de seu próprio Filho ([1.2](#)). Central para o argumento é o fato de que, de uma forma ou de outra, os profetas receberam uma palavra eterna de Deus. No entanto, dada a relação íntima do Filho com o Pai, a última revelação de Deus surgiu das profundezas do seu próprio ser.

A identificação do Filho como o ápice da divina revelação leva a uma declaração concisa, mas profunda, da pessoa de Cristo e sua obra cósmica. O Filho reflete a glória de Deus, pois a soma dos atributos divinos brilha intensamente através de sua pessoa. Além disso, ele carrega a própria imagem e marca da natureza de Deus ([1.3](#)), assim como a cera carrega a impressão do selo. Jesus, como a palavra final de Deus na revelação, é verdadeiramente o Filho divino e eterno de Deus. A excelência de Cristo é ainda mais exibida no fato de que ele é o poderoso agente através do qual o universo foi criado (v. [2](#)) e por quem a ordem

cósmica é sustentada (v. 3). No âmbito moral, ele realizou a purificação dos pecados e agora está entronizado à direita de Deus (cf. 8.1). O prazer de Deus em relação ao Filho é visto no fato de que ele nomeou Cristo herdeiro e cabeça de tudo (1.2). Seu nome é superado por nenhum, exceto Deus Pai (v. 4).

A superioridade do Filho em relação aos anjos (1.5-2.18)

Os anjos desfrutavam de um status exaltado no judaísmo bíblico e pós-bíblico. Tradicionalmente, os judeus acreditavam que os anjos louvavam a Deus em seu trono, mediavam a revelação de Deus aos homens, cumpriam a vontade de Deus e ajudavam o povo de Deus. Os anjos eram muito superiores aos homens em poder e conhecimento. De acordo com a apócrifa judaica, os anjos governavam as estrelas e eram responsáveis pela ascensão e queda das civilizações. No pensamento de Qumran, seres angelicais se envolveriam em uma luta cósmica final com Belial e as forças do mal no fim dos tempos.

Nesse contexto, o autor de Hebreus argumenta que o Filho é imensamente superior aos anjos. Para provar seu ponto, o autor reúne uma série de textos bem conhecidos do AT e os aplica diretamente ao Filho. Deus nunca disse a nenhum anjo: “Hoje eu me tornei seu Pai” (Sl 2.7). No entanto, tal afirmação foi feita em relação ao Filho (Hb 1.5). Quando o Filho se encarnou no mundo, ele recebeu a adoração obediente dos anjos (v. 6). Sua é a soberania, a eternidade e a majestade à direita de Deus (vv. 8.11-12). Em contraste, os anjos são “apenas servos” (v. 14) que estão abaixo do Filho em dignidade e poder.

Em Hebreus 2.1-4, o escritor adverte, de forma parentética, sua congregação vacilante sobre o perigo de se afastar da verdade de Deus. Se a desobediência à lei mediada por anjos resultou em punição severa, quão mais severo seria o julgamento de Deus sobre aqueles que pisoteiam a revelação entregue pelo Filho? Se a graça salvadora de Deus em Cristo for negligenciada, a retribuição certamente seguirá (2.3).

A menção dos anjos leva a mente do escritor à humilhação e exaltação de Jesus (2.5-18). Salmo 8, uma canção sobre a pequenez e, no entanto, a significância do homem, é aplicada à experiência de Jesus. Ao assumir carne e sangue humanos, Jesus foi feito “por pouco tempo em posição inferior à dos anjos” (Hb 2.7, NTLH). Mas, após a conclusão de sua obra terrena, ele foi elevado acima dos anjos

e coroado com a glória e honra do céu (v. 9). As implicações teológicas da descida e ascensão de Cristo são cuidadosamente explicadas: Cristo desceu à terra (1) para trazer muitos filhos à glória (v. 10), (2) para destruir o diabo (v. 14), (3) para libertar seu povo da escravidão da morte (v. 15), e (4) para fazer uma oferta na cruz pelos pecados do povo (v. 17). Ele ascendeu ao céu (1) para interceder em nosso favor como um fiel Sumo Sacerdote (v. 17), e (2) para socorrer aqueles que são severamente tentados (v. 18). O resumo perfeito da pessoa e obra de Cristo é dado em Hebreus 2.9: “Mas nós vemos Jesus fazendo isso. Por um pouco de tempo ele foi colocado em posição inferior à dos anjos, para que, pela graça de Deus, ele morresse por todas as pessoas.” (NTLH).

A superioridade do Filho em relação a Moisés e Josué (3.1-4.13)

Cristãos judeus que consideravam retornar ao judaísmo certamente acreditavam que Moisés era uma das maiores figuras na história de Israel. Tão estimado era aquele que liderou Israel para fora do Egito através do deserto e que lhes deu a Lei, que não havia ninguém na história de Israel tão honrado quanto Moisés. No entanto, o autor de Hebreus argumenta que Moisés, embora fiel ao seu chamado, era apenas um servo na casa de Deus. Jesus, em contraste, não era um servo, mas um Filho; ele não era apenas um habitante da casa, mas o próprio construtor da estrutura. Jesus, portanto, transcende em muito a figura reverenciada de Moisés.

Implicações práticas são extraídas da superioridade de Jesus sobre Moisés. Do Salmo 95.7-11, o escritor relembra a trágica experiência de Israel sob Moisés durante as andanças no deserto (Hb 3.7-19). Ao longo dos 40 anos de experiência no deserto, o povo endureceu seus corações e se rebelou contra Deus. Em resposta, Deus foi provocado por sua teimosia e jurou que aqueles que pecaram nunca entrariam no descanso que ele iria proporcionar (vv. 10-11.18). Assim, o escritor argumenta que se a desobediência a Deus sob Moisés teve consequências sérias, abandonar Cristo será muito mais perigoso. Portanto, os cristãos vacilantes são instados a vigiar para que, devido a um coração mau e incrédulo, não se afastem do Deus vivo (v. 12). Nada menos que uma persistência firme levará à conquista do objetivo celestial (v. 14).

Josué também foi considerado um grande líder de Israel. No entanto, devido à desobediência, o povo

sob a liderança de Josué não conseguiu entrar no descanso que Deus havia planejado. Esse descanso mencionado corresponde ao descanso sabático de Deus (4.3-4), e é um conceito intimamente relacionado à salvação. É uma realidade espiritual alcançada ao nos afastarmos de nossas próprias obras vazias e confiarmos na obra concluída de Cristo (v. 10). O autor lembra aos leitores que “Assim ainda fica para o povo de Deus um descanso, como o descanso de Deus no sétimo dia” (v. 9, NTLH), um que somente Cristo pode proporcionar. Os cristãos não apenas se beneficiam desse descanso sabático na era presente, mas também antecipam sua plena realização na era vindoura. Um dos principais meios de garantir a entrada no descanso sabático da salvação é a Palavra de Deus (v. 12). A Palavra viva e poderosa penetra nas profundezas mais íntimas da alma, revela nossa condição empobrecida e fortalece o coração confiante.

A superioridade do sacerdócio do Filho (4.14-7.28)

Quase metade de Hebreus é dedicada ao sacerdócio de Jesus Cristo. O autor se esforça muito para demonstrar que o reverenciado sistema sacerdotal aarônico foi substituído pelo Sumo Sacerdote “na linha de Melquisedeque” (5.6; 6.20; 7.11). Este tema central já havia sido antecipado anteriormente quando Cristo foi referido como “nosso misericordioso e fiel Sumo Sacerdote diante de Deus” que fez expiação pelos pecados (2.17).

Hebreus afirma que o sacerdócio de Jesus é a base definitiva da confiança dos crentes (4.14-16). Em três aspectos, Jesus supera a antiga ordem sacerdotal legal. Primeiro, ele é um sumo sacerdote *exaltado* (v. 14). O sumo sacerdote judeu subia ao monte para entrar no santuário do templo. Mas Jesus, nosso grande sumo sacerdote, ascendeu ao próprio céu e entrou no santuário nas alturas. Ele ministra não em um tabernáculo terrestre, mas na própria presença de Deus. Segundo, Jesus é um sumo sacerdote *empático* (v. 15a). Totalmente Deus e totalmente homem, Jesus sofre junto com seu povo em suas provações e aflições. Da perspectiva do céu, ele sabe plenamente o que seu povo é chamado a suportar. Ele “sente” nossas dores, e o faz perfeitamente. Finalmente, Jesus é um sumo sacerdote *sem pecado* (v. 15b). Dia após dia (7.27), ano após ano, os sacerdotes levíticos eram obrigados a trazer sacrifícios por seus próprios pecados. No entanto, Jesus não tinha pecado que precisasse ser purificado, pois “Ele é perfeito e não tem nenhum pecado ou falha” (v. 26, NTLH). Em

vista das perfeições sacerdotais de Jesus, os cristãos fortemente tentados são instados a vir ao trono da graça para receber misericórdia e encontrar graça para ajudar em tempos de necessidade (4.16).

Para aqueles que não estão convencidos de que Jesus era de fato um sacerdote legítimo, dois pré-requisitos para o sacerdócio são detalhados. Primeiro, se o sumo sacerdote deve representar a humanidade perante Deus, ele deve ser escolhido dentre os homens (5.1-2). E segundo, ele deve ser chamado por Deus para o ofício de sumo sacerdote, como foi Arão (v. 4). Cristo satisfaz plenamente essas qualificações. Através dos Salmos 2.7 e 110.4 é mostrado que Jesus não assumiu esse ofício por si mesmo, mas foi nomeado por Deus (Hb 5.5-6). Além disso, pela obediência que ele teve que aprender (v. 8) e pela agonia da experiência no Getsêmani (v. 7), fica claro que Jesus era em todos os aspectos um homem. No entanto, Hebreus deixa perfeitamente claro que Jesus não era um sacerdote da ordem de Arão, mas um sumo sacerdote na linhagem de Melquisedeque (v. 10).

Após introduzir o tema de Cristo como um sumo sacerdote melquisedequiano, o escritor relembra que seus leitores não estavam prontos para um ensino tão avançado. Embora não fossem novos convertidos (5.12), seus amigos permaneceram espiritualmente imaturos e lentos. Portanto, o escritor lança o desafio de avançar para a maturidade cristã, para estarem prontos para o alimento sólido do ensino avançado.

Em sua digressão, o escritor adverte não apenas contra a imaturidade espiritual, mas também contra a “apostasia”. A questão que agora surge é se o ensino sobre apostasia do autor em Hebreus 6.4-8 e 10.26-31 contradiz a doutrina do NT sobre a perseverança dos santos. Sem dúvida, não contradiz. Alguns estudiosos sustentam que aqueles a quem se dirigia não eram verdadeiros cristãos, portanto a questão não é de apostasia. É possível, como Judas Iscariotes ou Simão o Mágico (At 8.9-24), possuir considerável conhecimento do evangelho e não alcançar um compromisso pessoal. Mas o escritor deixa bastante claro que, no caso de seus destinatários, ele está convencido do contrário (Hb 6.9). A visão mais razoável é que, nessas duas passagens exortativas, o escritor apresenta um argumento hipotético alertando seus amigos sobre a extrema seriedade de retornar ao judaísmo. Ou seja, se uma queda ocorresse, a renovação seria impossível a menos que Cristo morresse uma segunda vez. O escritor resume o

ponto dessas passagens difíceis com as palavras "Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!" (10.31, NTLH). No entanto, os seguidores de Cristo podem confiantemente agarrar-se às promessas de Deus, confirmadas por juramento solene, para vê-los através de suas provações (6.13-18). Deus é totalmente digno de confiança em manter o crente firme.

Hebreus 7 apresenta um argumento complexo para a superioridade do sacerdócio de Cristo sobre a antiga ordem legal. Melquisedeque, o antigo sacerdote-rei de Salém (Gn 14.18-20), é considerado um tipo primordial de Cristo. Ele é "rei de justiça" e "rei de paz" (Hb 7.2). O solene sacerdote de Salém possui figurativamente o que Cristo possui de fato: nem mãe nem pai, nem início nem fim de vida (v. 3). Melquisedeque é mostrado como superior a Abraão em três aspectos: (1) Melquisedeque abençoou o patriarca (vv. 1.7); (2) ele aceitou dízimos de Abraão (vv. 2-6); e (3) Melquisedeque continua vivo, já que o AT em nenhum lugar menciona sua morte (v. 8). Segue-se que, uma vez que Levi estava nos lombos de Abraão como descendente (v. 10), Melquisedeque é superior aos sacerdotes levíticos. E na medida em que Cristo é um sacerdote à semelhança de Melquisedeque (v. 15), conclui-se que o Filho de Deus é mais excelente do que o antigo sacerdócio legal.

O resultado é que o antigo sacerdócio levítico foi substituído pelo sacerdócio de Cristo. O fim da antiga ordem era inevitável, pois seus sacrifícios repetitivos de animais nunca poderiam alcançar a perfeição espiritual (7.11). Era um sistema caracterizado por fraqueza e inutilidade (v. 18). Em contraste, o sacerdócio de Cristo é indestrutível, eterno, ininterrupto, eficaz, final e perfeito (vv. 16.21,24-27). O perdão e a reconciliação são possíveis apenas através de Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote.

A superioridade da obra sacerdotal do Filho (8.1-10.39)

Como o ofício sacerdotal de Cristo supera em muito a antiga ordem, segue-se que seu ministério sacerdotal é superior a tudo o que veio antes. O tema de Cristo como sumo sacerdote em um santuário melhor é introduzido (8.1-5). O autor utiliza a distinção de Platão entre a forma ideal no céu e a cópia imperfeita na terra para argumentar que o santuário e os sacrifícios levíticos são meras sombras das realidades celestiais: (1) Cristo ministra na verdadeira tenda que é o santuário

celestial (vv. 2.5); (2) ele realiza seu serviço de sumo sacerdote na própria presença do Pai, o que resulta em um ministério muito mais eficaz (vv. 1.6); e (3) sua oblação na cruz foi o sacrifício supremo (v. 3). Quão irracional é que seus leitores cristãos voltem ao antigo sistema sacerdotal judaico!

Cristo é o ministro de uma nova e melhor aliança (8.6-13). A antiga aliança estabelecida por Deus com os antepassados da nação não deveria ser desprezada; no entanto, ela se tornou ineficaz e obsoleta (v. 13). De fato, o profeta Jeremias (Jr 31.31-34) previu a nova aliança que Deus inauguraria com seu povo. Esta nova aliança selada por Cristo envolve (1) o trabalho imediato do Espírito Santo na mente e no coração (Hb 8.10); (2) um conhecimento pessoal e íntimo de Deus (v. 11); e (3) a plena absolvição dos pecados (v. 12). Esta nova e melhor aliança foi estabelecida sobre a obra de Cristo, o grande Sumo Sacerdote.

O Capítulo 9 oferece uma comparação detalhada da eficácia do serviço sacerdotal sob os antigos e novos pactos. Os sacerdotes levíticos ministravam em um santuário material na terra (vv. 1-5). As características do tabernáculo e seus utensílios são descritas para destacar sua obsolescência. Mais importante, no entanto, é o caráter do ritual sacrificial realizado no santuário terrestre. Os sacerdotes judeus em seu serviço diário não tinham permissão para entrar no Santo dos Santos, que continha a Arca da Aliança e o propiciatório — o lugar de expiação dos pecados (v. 6). Somente o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos, e então apenas uma vez por ano no Dia da Expição, e somente após sacrificar por seus próprios pecados (v. 7). A inacessibilidade do Santo dos Santos significava que o acesso à presença de Deus não havia sido aberto. A presença do véu simbolizava que o povo não tinha caminho para o trono de Deus, os sacerdotes não tinham caminho, e o sumo sacerdote tinha um caminho limitado e apenas uma vez por ano. Além disso, os sacrifícios trazidos pelos sacerdotes judeus não podiam purificar a consciência, mas apenas lidavam com a purificação ritual externa (vv. 9-10). Um sacrifício verdadeiramente eficaz deve aguardar "o tempo da reforma" (v. 10).

O ministério sacerdotal de Cristo é mostrado como muito mais eficaz. Primeiro, o Sumo Sacerdote cristão trouxe um sacrifício melhor (9.11-14), e aqui chegamos ao coração da mensagem de Hebreus. Utilizando a imagem do tabernáculo, o autor demonstra que Cristo, nosso Sumo

Sacerdote, realizou o que os sacerdotes judeus não conseguiram fazer. Ele entrou no Santo dos Santos celestial, não repetidamente, mas *uma vez* por todas, efetivando assim uma redenção completa (v. 12). Cristo trouxe ao altar, não o sangue de touros e bodes, mas o sangue de sua própria vida. O Senhor não apenas entregou um corpo material, mas apresentou-se a Deus através do Espírito eterno (v. 14). O melhor sacrifício de Cristo, portanto, vai além da purificação da carne para a purificação da consciência contaminada.

Em segundo lugar, Cristo, através de sua morte, instituiu uma aliança melhor (9.15-23). O ensinamento de [Hebreus 8.6-13](#) é desenvolvido ainda mais. A antiga aliança foi selada com o sangue de bezerros e bodes (9.19). Mas a nova aliança foi ratificada com o sangue de Cristo, o próprio Filho de Deus. A nova aliança, portanto, poderia realizar o que a antiga aliança apenas prenunciava — perdão e purificação dos pecados (v. 22).

Terceiro, Cristo ministra em um tabernáculo melhor (9.24-28). Nosso Senhor entrou, não em um santuário meramente terrestre, mas no lugar santo do céu, para nos representar (v. 24). O acesso ao trono não é limitado a um dia por ano, pois Ele está continuamente na presença do Pai. Também não é necessário que sacrifícios repetidos sejam feitos. O único sacrifício de Cristo na cruz conquistou o pecado de uma vez por todas (v. 26). Em suma, no que diz respeito ao santuário, à aliança e aos sacrifícios, o Sumo Sacerdote cristão é vastamente superior à antiga ordem judaica.

Para enfatizar esses pontos cruciais, o autor no capítulo 10 expande o tema da absoluta finalidade do trabalho sacerdotal de Cristo. O argumento anterior sobre o caráter fútil dos sacrifícios levíticos (9.6-14) é repetido para ênfase (10.1-4). A legislação cerimonial mosaica exigia sacrifícios repetitivos, que nunca poderiam aperfeiçoar o adorador (v. 1). Em vez de purificar a vida de alguém, eles serviam apenas como um lembrete anual do pecado (v. 3) até que Cristo viesse.

O escritor encontra em [Salmo 40.6-8](#) uma previsão de que o eterno Cristo se tornaria homem com o propósito de oferecer a si mesmo como o sacrifício supremo pelo pecado ([Hb 10.5-10](#)). Mais uma vez, o poder santificador da única auto-oblação de Cristo é enfatizado (v. 10). O contraste vívido é novamente traçado entre o ministério ineficaz dos sacerdotes judeus que permanecem de pé durante o ritual diário (v. 11), e o eficaz único sacrifício de Cristo, que agora está sentado à direita de Deus (v. 12). Já que Jesus “porque, por meio de um único

sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados” (v. 14, NTLH), nada pode ser acrescentado ao que o soberano sentado realizou (v. 18).

Considerando a clara superioridade do ofício e obra sacerdotal de Cristo, os cristãos em dificuldade são exortados a se apropriar dos meios de graça disponíveis (10.19-39). Em meio a provações e perseguições, eles devem lembrar que Cristo abriu efetivamente o caminho para Deus (vv. 19-20). Eles são chamados a se aproximar de Deus com fé, com corações purificados pelo sacrifício de Cristo (v. 22). Aqueles tentados a retornar à religião legal devem manter-se firmes e apoiar uns aos outros em amor (vv. 23-24). Os meios de graça proporcionados pela adoração coletiva não devem ser negligenciados (v. 25). Em resumo, os cristãos judeus vacilantes são convocados a uma renovada resistência e fidelidade ao seu Senhor (vv. 26-31). O que Deus prometeu ao seu povo, ele certamente cumprirá.

A superioridade da vida de fé (11.1-12.29)

A discussão sobre fé e perseverança como solução para o desânimo (10.36-38) leva a uma consideração mais completa do tema da fé. A fé é um conceito proeminente no livro de Hebreus, como evidenciado pelo fato de que a palavra ocorre cerca de 35 vezes na carta. A ideia paulina de fé como meio de justificação legal é adaptada às circunstâncias particulares dos cristãos judeus ameaçados. O conceito de fé é mais amplo neste livro do que a fé estritamente salvadora discutida por Paulo, pois leva à salvação espiritual (11.39-40). A fé é o poder pelo qual as realidades invisíveis do céu são retidas para satisfazer a alma. A fé permite ao discípulo cristão ver o mundo e interpretar o curso da história a partir da perspectiva divina. A fé é o meio de vitória sobre o mundo do pecado e da aflição. Através da fé, o crente se aproxima do trono da graça (4.16) com confiança e certeza de que Deus o capacitará a vencer.

A vitória que a fé proporciona é amplamente ilustrada na história do povo de Deus no AT. Abel, Enoque e Noé na história primitiva; Abraão, o pai da fé; Moisés, o líder da jovem nação; e muitos profetas valentes e mártires servem como memoriais vivos do poder superador da fé. E, ainda assim, Deus tem algo melhor reservado para o seu povo santificado, a igreja (11.40): a realidade do Cristo vivo.

No entanto, o maior exemplo de resistência firme no sofrimento é Jesus, "pois é por meio dele que a nossa fé começa, e é ele quem a aperfeiçoa" (12.2, NTLH). Quando cercado de provações, o cristão precisa lembrar de Cristo, que, em antecipação à coroa celestial, suportou a cruz e sua vergonha. As provações do cristão são triviais em comparação com o que Jesus Cristo foi chamado a sofrer (v. 3). Além disso, para o povo de Deus, o sofrimento e a perseguição acabam sendo bênçãos disfarçadas. A vara da disciplina confirma nosso status como filhos do Deus vivo (vv. 5-10). Mas além disso, o soberano Deus é capaz de transformar o sofrimento do cristão em bênçãos inestimáveis (v. 11). Portanto, os santos vacilantes devem se esforçar pela integridade e maturidade espiritual, cuidando para não serem dominados pela amargura e ressentimento (v. 15).

Exortações finais e bênção (13.1-25)

O escritor, em suas palavras finais, desafia seus amigos cristãos a serem fiéis às tarefas que têm pela frente. Eles devem demonstrar amor contínuo aos irmãos, oferecer hospitalidade aos estranhos, manter a santidade do casamento, estar contentes com o que possuem atualmente e serem obedientes aos seus líderes espirituais (13.1-7).

Os leitores são alertados contra a astúcia dos judaizantes, que os desviariam de Jesus Cristo, aquele que permanece "o mesmo ontem, hoje e sempre" (13.8). A determinação espiritual é fortalecida ao relembrar o exemplo de Cristo, que "sofreu fora dos portões da cidade" para a salvação deles (v. 12). Como povo de Deus, eles são desafiados a seguir Cristo "fora do acampamento", suportando abusos por ele (v. 13). A paciência e a perseverança são possíveis quando o cristão percebe que não tem uma cidade duradoura aqui (v. 14). Seu objetivo é a Jerusalém celestial, a cidade eterna de Deus.

A carta anônima aos desconhecidos "Hebreus" encerra-se com uma gloriosa bênção. O Deus dos cristãos é descrito como o grande "Deus da paz" (13.20), e Jesus é "o grande Pastor das ovelhas", que estabeleceu uma nova e eterna aliança e então ressuscitou triunfante dos mortos. E a promessa é feita à alma confiante de que o Deus triúno "dê tudo de bom que vocês precisam para fazer a sua vontade" (v. 21, NTLH).

A carta aos Hebreus é rica em ensinamentos doutrinários. Ela revela mais sobre o Jesus histórico do que qualquer outra carta do Novo Testamento. Somente ela explica a obra expiatória

de Cristo sob o conceito do sacerdote Melquisedeque. A discussão da carta sobre arrependimento, justificação, santificação e perseverança a torna uma mina de ensinamentos sobre salvação. Sua explicação sobre os antigos e novos pactos, o julgamento iminente e o mundo por vir faz uma contribuição significativa à teologia cristã. Além disso, o ensinamento da carta sobre fé, perseverança e o cristão prático se combinam para fazer de Hebreus um dos documentos mais importantes que Deus deu à igreja.

Hebrom (lugar)

Cidade antiga ainda existente hoje. Foi construída na extremidade sul das terras altas que se estendem de norte a sul ao longo da Palestina. Nos tempos patriarcais, era conhecida como Quiriate-Arba (Gn 23.2) e ficava na colina conhecida como El Arbain. A cidade moderna se estende por ambas as cristas da cadeia de montanhas.

Hebrom está situada a 40 quilômetros a sudoeste de Jerusalém e a menos de 3,2 quilômetros de Manre, onde Abraão passou grande parte de sua vida. Está a 914 metros acima do nível do mar e marca o extremo sul das terras altas da Judeia. A partir dessa elevação, o terreno desce rapidamente para o leste, mas gradualmente para o oeste e sul. O solo é relativamente fértil, e uma variedade de frutas (maçãs, ameixas, figos, romãs, damascos), nozes e vegetais são cultivados facilmente. Ao sul está o Neguebe, onde a terra de pastagem é excelente. Um grande número de nascentes e poços pontilham a paisagem e garantem aos residentes uma abundância de água.

Nos tempos do Antigo Testamento, Hebrom incluía Manre, o lugar onde Abraão construiu um altar ao Senhor após se separar de Ló (Gn 13.18). Foi aqui também que ele soube da captura de seu sobrinho Ló (14.12-16); e aqui que, anos depois, ele recebeu três anjos e foi informado do julgamento que em breve cairia sobre Sodoma e Gomorra (cap. 18).

Sara morreu em Hebrom, e Abraão comprou a caverna de Macpela de Efrom, o hitita (Gn 23.8-9.17; 25.9-10; 49.29-32; 50.12-13) para enterrá-la. Esta caverna está agora dentro das muralhas da cidade moderna, e a famosa mesquita de Haram el-Khalil foi construída sobre ela.

Na época do Êxodo dos israelitas do Egito, espiões foram enviados à terra. Eles começaram no sul e atravessaram as terras altas centrais da Palestina

de Cades-Barneia através de Hebrom até Reobe ([Nm 13.17-21](#)). No retorno, trouxeram evidências da produtividade da terra (vv. [23-24](#)). De [Números 13.33](#) sabemos que gigantes ("filhos de Anaque") viviam em Hebrom. A visão desses homens encheu dez dos espiões de medo. Apenas Calebe e Josué se mostraram à altura da ocasião. Por causa de sua fé, eles foram prometidos uma posse na terra, e Calebe recebeu Hebrom ([Js 14.9,13](#)). Os espiões infiéis morreram em uma praga na presença do Senhor ([Nm 14.36-37](#)).

Durante o período dos juízes, Hebrom é mencionada em conexão com Sansão. Quando preso dentro da cidade de Gaza, ele carregou os portões e os deixou em Hebrom ([Jz 16.3](#)). Após a morte de Saul, o primeiro rei de Israel, Davi foi coroado rei das tribos de Judá e Benjamim em Hebrom ([2Sm 2.1](#)). Ele fez desta cidade sua capital, pois estava mais centralmente localizada do que Benjamim, e sua posição na extremidade sul da cadeia montanhosa a afastava o máximo possível das 10 tribos do norte que seguiram Isbosete, filho de Saul. Era suficientemente distante dos filisteus a oeste e dos amalequitas ao sul para evitar atenção, e também era facilmente defensável. Hebrom também ficava na junção de várias rotas comerciais importantes, o que garantia sua proeminência. Mais tarde, no entanto, quando Davi foi feito rei sobre todo Israel, ele mudou sua capital para Jerusalém — um ato que deve ter desagradado ao povo de Hebrom.

Quando Absalão desejou obter apoio para sua reivindicação ao trono, ele iniciou sua revolta a partir de Hebrom ([2Sm 15.7-12](#)). Após a morte de Salomão, filho de Davi, o reino foi dividido. Roboão, temendo um ataque dos egípcios em sua fronteira sul, fortificou Hebrom ([2Cr 11.1-12](#)). A partir desse momento, a cidade desaparece do registro do AT.

Veja Ebron.

Hebrom (Pessoa)

1. O terceiro dos quatro filhos de Coate. Hebrom era um descendente de Levi ([Êx 6.18](#); [Nm 3.19](#); [1Cr 6.2,18](#); [23.12](#)). Os filhos de Hebrom eram Jerias, Amarias, Jaaziel e Jecameão ([1Cr 23.19](#)). Os descendentes de Hebrom eram chamados de hebronitas. Eles são mencionados em um censo realizado nas campinas de Moabe ([Nm 26.58](#)). Os hebronitas são mencionados em conexão com a transferência da arca para Jerusalém no tempo de Davi ([1Cr 15.9](#); [26.23,30-31](#)).
2. Filho de Maressa e pai de Corá ([1Cr 2.42-43](#)).

Hebronita

Qualquer descendente de Hebrom da tribo de Levi ([Nm 3.27](#); [26.58](#); [1Cr 26.23,30-31](#)).

Veja Hebrom (Pessoa) #1.

Héfer (Lugar)

Cidade cananea localizada a noroeste de Jerusalém. Foi capturada por Josué ([Js 12.17](#)) e mais tarde usada como distrito administrativo sob Salomão ([1Rs 4.10](#)).

Héfer (Pessoa)

1. Um homem da tribo de Manassés e fundador do clã Heferita ([Nm 26.32](#)).
2. Um filho de Azur da tribo de Judá ([1Cr 4.6](#)).
3. Um dos "valentes" do Rei Davi ([1Cr 11.36](#)).

Heferita

Qualquer descendente de Héfer da tribo de Manassés ([Nm 26.32](#)).

Veja Héfer (Pessoa) #1.

Hefziba

1. Mãe de Manassés, rei de Judá ([2Rs 21.1](#)).
2. Nome simbólico (NVI) para a cidade restaurada de Jerusalém, significando "O Senhor terá prazer em você" ([Js 62.4](#)).

Hegai

Um gerente da casa de Assuero e guardião de seu harém quando Ester foi escolhida como rainha ([Et 2.3](#)).

Hegemonides

Um importante oficial sírio foi nomeado por Antíoco, rei da Síria, para governar o território de Ptolemaida até Gerar ([2Mc 13.24](#)).

Helá

Uma das esposas de Asur lhe deu Zerete, Isar e Etnã da tribo de Judá ([1Cr 4.5-7](#)).

Helã

Um lugar a leste do rio Jordão onde o rei Davi derrotou os exércitos de Hadadezer, rei da Síria ([2Sm 10.16-17](#)).

Helba

Uma das fortalezas dos cananeus que não foi conquistada pela tribo de Aser depois que tomaram posse da terra ([Jz 1.31](#)).

Helbom

Distrito ao norte de Damasco, que produzia vinho de qualidade ([Ez 27.18](#)); possivelmente identificável com a moderna Halbun, onde a videira ainda é cultivada.

Helcai

Chefe da casa sacerdotal de Meraiothe na época de Joaquim, o sumo sacerdote ([Ne 12.15](#)).

Helcate

Primeira das 22 cidades mencionadas no território atribuído à tribo de Aser como herança ([Js 19.25](#)). Helcate foi uma das quatro cidades em Aser dadas às famílias levíticas dos gersonitas ([21.31](#)). É grafada alternativamente como Hucoque em [1 Crônicas 6.75](#). Seu antigo local está possivelmente localizado no moderno Tell el-Harbaj.

Helcate-Hazurim

Uma área perto do poço de Gibeão, onde ocorreu uma batalha mortal. Doze guerreiros do exército de Joabe e doze do exército de Abner lutaram entre si. Todos os 24 homens morreram nessa luta, pois cada lutador matou seu oponente ([2Sm 2.16](#)).

Alguns estudiosos acreditam que o nome pode significar "campo dos astutos", o que poderia ser entendido como "campo da emboscada" ou "campo dos adversários". A margem da NVT traz "o campo das espadas".

Heldai

1. Um filho de Baana, descrito como um netofatita (de Netofa) na linhagem familiar de Otniel. Ele aparece primeiro como um dos valentes do rei Davi ([2Sm 23.29](#); [1Cr 11.30](#), onde é chamado de "Helede"). Em [1 Crônicas 27.15](#), ele é nomeado como comandante que liderou uma divisão do exército de 24.000 soldados que serviu durante o 12º mês do ano.
2. Uma das pessoas que retornaram do exílio na Babilônia. O profeta Zacarias pegou ouro e prata dele para fazer uma coroa para Josué, o sumo sacerdote ([Zc 6.10](#)).

Helebe

Outro nome para Heldai, filho de Baaná ([2Sm 23.29](#)).

Veja Heldai #1.

Helede

Nome alternativo para Heldai, filho de Baaná, em [1 Crônicas 11.30](#). Veja Heldai #1.

Helefe

Aldeia na fronteira sul de Naftali ([Js 19.33](#)), a nordeste do Monte Tabor. Seu local pode ser a moderna Khirbet 'Arbathah.

Helém

1. Membro da tribo de Aser ([1Cr 7.35](#)), chamado Hotão no versículo [32](#).

2. Tradução ACF para Heldai em [Zacarias 6.14](#). Veja Heldai #2.

Helenismo

Aquela combinação única de ideais culturais, filosóficos e éticos gregos teve um impacto profundo no desenvolvimento da cultura em todo o mundo mediterrâneo. Embora os antecedentes do movimento tenham ocorrido muito antes, a Era Helenística é geralmente considerada como tendo começado em 323 a.C., com a morte de Alexandre, e continuado até 30 a.C., quando Roma conquistou o Egito, ou (mais provavelmente) até 300 d.C. A própria Roma foi culturalmente conquistada pelo Helenismo.

Resumo:

- Período Helenístico;
- Helenismo e Judaísmo; e
- Helenismo e Cristianismo.

Período Helenístico

Alexandre, o Grande, foi mais do que um conquistador militar. Ele estabeleceu a cultura helenística como norma em todo o seu reino. Ele

ensinou aos povos conquistados a língua e os costumes gregos, e construiu novas cidades gregas (34 no total), como Alexandria no Egito, que se tornaram bastiões do helenismo. Sua maior realização foi mais cultural do que territorial; após ele, o helenismo dominou o mundo ocidental por séculos. Alexandre liderou o triunfo do dialeto ático koiné (comum) sobre os outros dialetos gregos, tornando-se a principal força na helenização do Oriente. O dialeto koiné seria a base para a aceitação do helenismo pelos povos subjugados. O primeiro período após sua morte foi caracterizado pela dissolução do império de Alexandre e um equilíbrio emergente de poder entre as forças de Ptolomeu, que controlava o Egito e a Palestina; Seleuco, que governava a Babilônia e a Ásia Menor; e Antípatro (seguido por Antígono), que reinava sobre a Macedônia e o Helesponto.

No Leste, o século seguinte foi marcado por confrontos intermitentes entre os Ptolomeus e os Selêucidas, resultando na Palestina se tornando um estado tampão entre os dois. Uma diferença importante é que os Ptolomeus tinham um reino unificado e, portanto, não estavam interessados em mudanças; sob seu domínio, a Palestina era autônoma tanto culturalmente quanto religiosamente. No entanto, os Selêucidas controlavam muitos grupos diferentes e, assim, tentaram unificá-los forçando a helenização sobre eles. Isso finalmente levou à bem-sucedida revolta dos judeus sob os Macabeus e à desintegração de ambos os impérios. No Ocidente, Roma tornou-se progressivamente envolvida nos assuntos gregos e, por volta de 149 a.C., controlava politicamente as terras gregas, enquanto eles próprios eram dominados pelos ideais gregos culturalmente.

Durante este período, surgiu uma crescente classe média, em parte porque as conquistas de Alexandre levaram a uma vasta dispersão de gregos nas terras conquistadas. A redistribuição de riqueza resultante foi baseada em uma educação grega e na aceitação dos ideais helenísticos. O termo "civilizado" passou a ser identificado com o modo de vida grego. A educação era controlada pela ideia de uma retórica sólida, de modo que o estilo prevalecia sobre a verdade. O drama grego voltou-se para a comédia, que enfatizava o realismo nas emoções humanas, e a arte helenística tornou-se ainda mais naturalista do que no período clássico.

A filosofia também se desenvolveu, com pelo menos três escolas surgindo para dominar o pensamento grego nos séculos seguintes.

Curiosamente, todas as três se concentraram na ética prática em vez da busca clássica pela verdade e conhecimento. Os Cínicos, fundados por Diógenes, enfatizavam uma autossuficiência total que deixava o indivíduo em um vácuo social, mas ensinavam como lidar com a miséria humana. As duas escolas mais influentes foram os Epicuristas e os Estóicos. Epicuro buscava a liberdade da ansiedade ou medo e ensinava que a paz da alma só poderia ser derivada de uma experiência disciplinada e moderada dos prazeres. O resultado foi um afastamento da sociedade para o próprio eu. O Estoicismo, fundado por Zenão e nomeado após a stoa (pórtico) em Atenas onde ele ensinava, era semelhante ao cinismo em sua ênfase na autossuficiência, mas combinava isso com um foco na fraternidade humana. Cada pessoa deveria buscar a virtude e viver acima das vicissitudes da vida. Esta última filosofia tornou-se o centro do Helenismo na época de Cristo.

Helenismo e Judaísmo

O judaísmo foi praticamente a única cultura que resistiu ao avanço do Helenismo. Portanto, o poder desse movimento pode ser visto no grau em que influenciou o Judaísmo.

A atração pelo Helenismo era sentida principalmente pela nobreza de classe alta e era mais forte nas comunidades judaicas da Diáspora. No entanto, sob os Selêucidas, o sacerdócio do templo era pró-helenista, o que adicionava uma dimensão religiosa à pressão econômica sobre os ricos. Desde o início, a Palestina estava dividida em duas facções: a nobreza urbana, que tentava transformar Jerusalém em outra pólis, ou cidade-estado helenística, adicionando coisas como ginásios e drama grego; e os camponeses agrícolas e pobres, que viam no Helenismo uma ameaça à própria existência do sistema mosaico.

Os judeus precisaram aprender o grego koiné para realizar transações comerciais e participar de questões legais. A arqueologia mostra que quase todas as inscrições na Palestina do terceiro século a.C. estavam em grego, e a tradução da Torá para o grego na Septuaginta demonstra a penetração da língua nas comunidades judaicas fora da Palestina (comunidades da Diáspora). O ginásio era a escola nas cidades helenísticas, e a educação grega era essencial para a cidadania. Alexandria, no Egito, tornou-se o centro intelectual do mundo grego, e sua influência sobre a forte comunidade judaica naquela cidade foi considerável. Esperava-se que judeus abastados nas terras da Dispersão e na

própria Jerusalém recebessem uma educação no ginásio. Muitos seguiram a prática grega de participar nus em esportes, como pode ser visto na literatura do período intertestamentário, que se torna fortemente antagônica um século depois (devido à aversão judaica a tal exibição pública). As escolas sinagogais judaicas, como resultado da competição com os ginásios, adotaram modos gregos. De fato, o desenvolvimento da tradição dos escribas é em parte devido a essa interação; o movimento foi do sistema oligárquico da era do templo para uma instrução democrática de todo o povo.

A literatura e a filosofia judaicas foram permeadas por padrões helenísticos. Isso é evidente em 1 e 2 Macabeus, que refletem a historiografia grega. A influência helenística pode ser observada em praticamente todas as obras judaicas desse período. O principal expoente foi, sem dúvida, Fílon de Alexandria, cuja interpretação alegórica do AT foi projetada para tornar os ensinamentos judaicos aceitáveis ao mundo helenístico e vice-versa. Essa atitude era bastante comum. O simbolismo da escrita apocalíptica judaica foi influenciado por uma combinação de temas helenísticos e orientais (principalmente persas), e até mesmo o movimento essênio hiperconservador utilizou formas de pensamento moldadas pela penetração do judaísmo por ideias helenísticas e persas. O foco no “conhecimento eterno” e no “mistério revelado” e a combinação dualística de história da salvação e antropologia são evidências disso. Claro, a influência não foi unilateral. O desenvolvimento da filosofia grega foi fortemente influenciado por formas semíticas, especialmente fenícias; e a forte piedade judaica era muito atraente para a mente grega.

É importante destacar que até mesmo o Judaísmo da Palestina no primeiro século a.C. era um judaísmo helenístico. A universalidade do grego koiné, a infiltração do aprendizado e dos padrões de pensamento gregos, a presença de literatura judaica em grego e a incorporação de dispositivos retóricos helenísticos, até mesmo na própria literatura do movimento de oposição, demonstram o poder do Helenismo na Palestina.

Helenismo e Cristianismo

Alguns estudiosos tentaram dividir o cristianismo primitivo em períodos caracterizados por visões palestinas, helenístico-judaicas e helenísticas. No entanto, como as evidências acima mostraram, isso não é de forma alguma uma tarefa fácil, já que até

mesmo a Judeia foi influenciada por padrões de pensamento gregos. Certamente, a postura reacionária contra o helenismo no judaísmo é paralela ao conflito helenista-hebraico de [Atos 6](#) e à missão gentílica. No entanto, desde os estágios mais iniciais, a influência do helenismo na igreja pode ser rastreada. Além disso, torna-se praticamente impossível saber se uma frase é retirada de fontes palestinas ou helenísticas, devido à penetração mútua de ambas na própria Palestina e à natureza bilíngue da igreja desde o início.

Isso não significa que não houvesse diferenças reais. O pano de fundo helenístico de Estevão permitiu-lhe ver as implicações lógicas da terra e do templo tipificando Cristo (cf. [At 6-7](#)), enquanto a igreja mais conservadora de Jerusalém não o fez. Além disso, um estudo dos discursos em Atos mostra que o querigma (pregação) se desenvolveu de maneira diferente para audiências judaicas e gentias. O primeiro se concentrou no cumprimento do AT e o segundo na penetração ativa da história pelo único Deus verdadeiro, que, ao contrário dos ídolos mortos, se envolveu nos assuntos humanos.

O fato de que o NT foi escrito em grego koiné torna a influência muito direta. Obras fortemente orientadas para o judaísmo, como *Hebreus* ou *Tiago*, são escritas em grego polido, e até mesmo os Evangelhos, que registram a vida de Jesus em um contexto judaico, refletem a historiografia helenística (e.g., um interesse no significado teológico dos eventos históricos). Mais obviamente helenísticas, é claro, são as ideias encontradas nas Epístolas decorrentes da missão gentia. Hinos antigos como [Colossenses 1.15-22](#) usam terminologia dos ambientes helenísticos para descrever a incomparável superioridade de Jesus sobre os ideais pagãos. A ênfase na missão universal, embora baseada nos ensinamentos de Jesus, desenvolveu-se durante a missão gentia; a igreja primitiva a interpretou de acordo com a teologia prosélita judaica, que era que os gentios se tornavam cristãos após se tornarem judeus.

Veja também Epicuristas; Gnosticismo; Grécia, Grego; Helenistas; Judaísmo; Estoicismo, Estóicos.

Helenistas

Nome usado em [Atos 6.1.9.29](#), e possivelmente [11.20](#) para um ramo distinto da igreja primitiva caracterizado por modos de pensamento gregos. Sua identificação real é disputada, e as seguintes

possibilidades foram propostas: (1) judeus de fala grega em vez de judeus de fala aramaica (mas “hebreus”, como em [6.1](#), raramente era usado em um sentido linguístico); (2) prosélitos de “gregos” em oposição aos verdadeiros judeus (a lista de diáconos em [6.5](#) torna isso duvidoso, pois é improvável que todos fossem prosélitos); (3) judeus da diáspora vivendo na Palestina (se encaixa em [6.1-6](#) mas não nas outras passagens); (4) seita pró-helenista dentro do judaísmo (isso não se encaixa no tom geral das passagens); (5) gentios que se juntaram à igreja em uma data precoce (isso realmente não se encaixa no contexto de todas as três passagens); (6) um termo geral, não específico, referindo-se simplesmente a alguém que fala grego ou segue costumes gregos (ou ambos). Esta é a melhor resposta, como um estudo do contexto ilustra.

Em [6.1](#), o grupo provavelmente era composto por judeus helenísticos que viviam na Palestina. Isso é evidenciado nos diáconos escolhidos em [6.5](#). Lucas usou nomes gregos para todos eles, provavelmente não porque fossem gregos, mas para simbolizar o desejo dos apóstolos de unificar os grupos separados. A maioria dos judeus no mundo antigo tinha três nomes — um judeu, um grego e um romano — e usava um ou outro dependendo da ocasião. A diversidade é ainda mais aparente em [6.9](#). Os judeus helenísticos diferiam suficientemente em seu histórico e hábitos de adoração, especialmente no uso do grego no serviço, de modo que haveria sinagogas separadas para eles (havia sete dessas apenas em Jerusalém). Isso criou uma situação potencialmente divisiva para a igreja primitiva, e o cisma aqui foi o resultado. Os “hebreus” naturalmente tenderiam a alocar o fundo comum para aqueles que conheciam, e assim a separação entre os grupos aumentaria o problema.

Em [9.29](#), os “helenistas” são membros do mesmo grupo. Paulo, ele próprio um judeu da diáspora, naturalmente procuraria seus antigos compatriotas em sua primeira visita a Jerusalém após sua conversão. Em [11.20](#), as evidências dos manuscritos estão igualmente divididas entre “helenistas” e “gregos”. Como “helenista” é usado em [11.20](#), designa a população de fala grega de Antioquia e, portanto, gentios em geral. Isso é diferente dos usos em [6.1](#) e [9.29](#).

Veja também Atos dos Apóstolos, Livro de; Helenismo; Judaísmo.

Heleque

Termo mencionado na profecia de Ezequiel contra a cidade de Tiro ([Ez 27.11](#)), possivelmente referindo-se à Cilícia ou a mercenários da Cilícia, localizada a sudeste da Ásia Menor. Textos assírios indicam que a Cilícia foi chamada de Hilakku, mas pouco se sabe sobre o povo. Eles são mencionados pela primeira vez por Salmanasar III, rei da Assíria (854–824 a.C.), em sua conquista da Ásia Menor. Sua história sob os assírios foi bastante violenta. Sargão, Senaqueribe e Esar-Hadom tiveram que reprimir revoltas dos Hilakku. Mais tarde, eles pagaram tributo a Assurbanípal.

Heleque, Helequita

Um filho de Gileade da tribo de Manassés ([Js 17.2](#)). Ele fundou o clã Helequita ([Nm 26.30](#)).

Heles

1. Um dos homens valentes do rei Davi. Ele é chamado de Paltita em [2 Samuel 23.26](#) e de pelonita em [1 Crônicas 11.27](#). A maioria dos especialistas acredita que "paltita" é o termo correto, significando que ele veio de Bete-Pelete. A maioria dos estudiosos pensa que ele é a mesma pessoa que foi o oficial encarregado do sétimo grupo de soldados durante o reinado de Davi ([1Cr 27.10](#)).
2. Um descendente de Jerameel da tribo de Judá ([1Cr 2.39](#)).

Heliodoro

Há uma inscrição no templo de Apolo em Delos que indica que Heliodoro era proeminente na corte do rei selêucida Seleuco IV Filopátor, que reinou de 187 a 175 a.C. Em suas *Guerras Sírias* (45), Apiano diz que Heliodoro era um amigo próximo deste rei. De acordo com 2 Macabeus, ele é alvo da vingança divina porque Seleuco IV o enviou a Jerusalém para remover o tesouro do templo ([2 Mc 3.7ss.](#)). Heliodoro estava chegando à tesouraria quando foi atacado e ferido por um cavalo com um cavaleiro vestindo armadura dourada e dois jovens de força surpreendente e beleza gloriosa (vv. [25–26](#)).

Heliodoro foi privado por este ato divino de toda esperança de recuperação (v. [29](#)). O sumo sacerdote judeu, Onias III, ofereceu um sacrifício pela restauração de Heliodoro. Quando isso ocorreu, o sírio ofereceu um sacrifício ao Senhor, retornou ao seu rei e deu testemunho dos milagres do supremo Deus (v. [36](#)).

Heliópolis

Uma antiga cidade egípcia conhecida por adorar o deus do sol Rá. Seu nome significa "cidade do sol". Estava localizada na área do delta do Rio Nilo no Baixo Egito, perto da moderna Cairo. Heliópolis tornou-se importante por volta de 2400 a.C., quando Atum-Rá se tornou o deus principal. Muitos faraós melhoraram os templos da cidade e construíram monumentos, especialmente durante o período do Novo Reino (1570–1150 a.C.).

Os templos em Heliópolis mantinham os registros reais, por isso os sacerdotes se tornaram os historiadores oficiais do Egito. Heródoto, um historiador grego do século V a.C., afirmou que os sacerdotes em Heliópolis eram famosos por conhecerem a história egípcia. A cidade também possuía escolas para sacerdotes e uma escola de medicina.

Havia outros centros de adoração ao sol no Egito, mas Heliópolis permaneceu popular por cerca de 2.000 anos. Embora não fosse muito importante politicamente, teve uma grande influência na religião. O templo de Rá em Heliópolis era o segundo maior edifício religioso do Egito, depois do templo de Amon em Tebas.

No Antigo Testamento, Heliópolis é chamada de Om. Quando José trabalhou para o governo egípcio, ele se casou com Asenate, cujo pai Potífera era sacerdote de Om ([Gn 41.45.50](#); [46.20](#)). O profeta Ezequiel advertiu que o rei babilônico Nabucodonosor destruiria cidades egípcias, incluindo Heliópolis ([Ez 30.17](#)).

No livro de [Amós 1.5](#), a Bíblia em inglês Revised Standard Version (RSV) oferece uma maneira diferente de ler "Vale de Áven". Na margem, sugere "Om" como outra possível tradução. A mesma mudança é vista em [Ez 30.17](#), onde a New Living Translation (NLT) usa "Heliópolis" no lugar.

Jeremias também disse que os pilares sagrados de Heliópolis seriam destruídos ([Jr 43.13](#)). [Isaías 19.18](#) pode também se referir a Heliópolis.

Heliópolis perdeu importância nos séculos IV e III a.C., em parte devido à nova biblioteca em Alexandria. Alexandria tornou-se o principal centro de aprendizado do Egito.

Hoje, não resta muito da antiga cidade do sol, mas ainda se pode ver um obelisco construído por Sesóstris I no local de Heliópolis. Sesóstris I governou o Egito de 1971 a 1928 a.C. Vários obeliscos de Heliópolis, construídos por Tutmés III, foram movidos para diferentes partes do mundo nos tempos modernos. Tutmés III governou o Egito de 1490 a 1436 a.C.

Helom

O pai de Eliabe. Ele era o líder da tribo de Zebulom quando Moisés contou todo o povo israelita (chamado de censo) por ordem de Deus ([Nm 1.9; 2.7; 7.24-29; 10.16](#)).

Hem (Pessoa)

Nome alternativo na ACF para Josias, filho de Sofonias, em [Zacarias 6.14](#). *Veja* Josias #2.

Hemorragia

Emissão de sangue, vindo de qualquer corte ou sangramento nasal ([Pv 30.33](#)). No entanto, nas Escrituras, quase sempre se refere ao sangramento vaginal. As leis sobre a menstruação normal e anormal são dadas em [Levítico 15.19-30](#). Uma mulher com menstruação normal era considerada impura por sete dias, juntamente com qualquer coisa que entrasse em contato com ela. Uma mulher que sangrasse por mais de sete dias era considerada impura enquanto estivesse sangrando e por mais sete dias adicionais.

Todos os Evangelhos, exceto João, dão um relato da cura milagrosa de Jesus da mulher que teve uma hemorragia por 12 anos ([Mt 9.20-22](#); [Mc 5.25-34](#); [Lc 8.43-48](#)). Ao tocar a roupa de Jesus, a mulher estava realmente violando as leis do AT sobre a menstruação e tornando a roupa de Jesus impura ([Lv 15](#)). Seu ato corajoso de fé em Jesus a curou.

Veja também Medicina e Prática Médica.

Hemorroida

1. Tradução de algumas versões em português (e.g. ARC) para úlcera em [Deuteronômio 28.27](#).

Veja Ferida.

2. Tradução de algumas versões em português (e.g. ARC) para tumor em [1 Samuel 5.6-12](#) e [6.4-17](#).

Veja Tumor.

Hena (Lugar)

Uma das seis cidades que o Rabsaqué se vangloriava caiu diante dos exércitos de Senaqueribe, apesar de seus deuses ([2Rs 18.34](#)). Rabsaqué esperava que o exemplo dessas cidades incutisse medo no coração do rei Ezequias e o fizesse duvidar da libertação do Senhor, enquanto as mesmas hordas cercavam Jerusalém. Os reis das outras cinco cidades são mencionados junto com Hena novamente em [2 Reis 19.13](#) e [Isaías 37.13](#).

Hena (Planta)

Um arbusto florido e perfumado mencionado em [Cânticos 1.14](#) e [4.13](#). Em traduções mais antigas da Bíblia, a palavra hebraica *kopher* foi traduzida como "cânfora". No entanto, os estudiosos de hoje concordam que se refere à planta de hena (*Lawsonia inermis*).

A hena é nativa do norte da Índia e cresce de forma selvagem no Sudão, Egito, Arábia, Síria, Líbano, Israel e nas áreas circundantes. Ela atinge entre 1,2 e 3,7 metros de altura. Sua fragrância é semelhante à das rosas.

As pessoas têm usado hena para fins de beleza desde os tempos antigos. Para prepará-la, as folhas são secas e trituradas em um pó, depois misturadas com água para fazer uma pasta. Esta pasta cria uma cor amarela brilhante, laranja ou vermelha que era usada para tingir unhas das mãos, unhas dos pés, pontas dos dedos, palmas das mãos e solas dos pés. A hena era especialmente usada por meninas jovens. Os homens também usavam hena para colorir suas barbas, e era aplicada nas crinas e caudas dos cavalos. A cor durava duas ou três semanas antes de precisar ser reaplicada.

Arqueólogos descobriram múmias egípcias decoradas com hena. O uso de hena como cosmético era comum no Egito durante o período

em que os israelitas eram escravos lá, então eles estariam familiarizados com isso.

Henadade

Chefe de uma família levita que participou da reconstrução do templo ([Ed 3.9](#)). Membros dessa família também ajudaram a construir o muro de Jerusalém ([Ne 3.18,24](#)) e assinaram a aliança de fidelidade a Deus de Esdras junto com Neemias ([10.9](#)).

Hendã

Filho de Disom e descendente de Seir, o horita ([Gn 36.26](#)). Ele também é chamado de Hanrão em [1Cr 1.41](#).

Herança

Legado ou doação. A herança desempenha um papel incontestavelmente significativo nas Escrituras quando é usada para transmitir verdades teológicas. Como poderíamos esperar, essas aplicações teológicas refletem os costumes legais em vigor durante os tempos do AT e do NT.

Aspecto legal e histórico

Os patriarcas

Aprendemos algo das práticas do início do segundo milênio a.C. das histórias patriarcais em Gênesis. Por exemplo, a narrativa indica que o primogênito normalmente poderia esperar receber o direito de primogenitura. No entanto, as exceções abundam. Ismael ([Gn 16.15](#); [17.15-21](#)), Esaú ([25.23](#)) e Rúben ([49.3-4](#)) não receberam o direito de primogenitura. Outro item de interesse especial é a sugestão de Abraão de que, na ausência de um filho, seu servo Eliezer poderia ser considerado como o herdeiro ([15.2-5](#)); os estudiosos encontraram confirmação desta prática nos documentos jurídicos hurritas do segundo milênio.

A nação hebraica

De acordo com [Deuteronômio 21.15-17](#), os primogênitos hebreus eram legalmente incluídos em uma porção dupla da herança. A lei israelita também previa às viúvas através da prática do casamento levirato ([Dt 25.5](#); ver [Gn 38.8](#); [Rt 4.5](#)).

De acordo com [Números 27.1-11](#), as filhas de Zelofoade argumentaram que deveriam receber a herança, uma vez que seu pai havia morrido sem filhos. Consequentemente, Deus decretou que se um homem morresse sem filhos, a herança deveria ser transferida para sua filha; se ele não tivesse filha, para seus irmãos; se ele não tivesse irmãos, para seus parentes mais próximos. Este incidente especial também ilustra a importância de preservar os bens tribais: as filhas de Zelofoade não podiam se casar fora da tribo de Manassés, pois isso significaria transferência da propriedade para outra tribo ([Nm 36](#)).

Quão altamente os israelitas valorizavam os bens herdados de sua família pode ser reunido de [Levítico 25.25-28](#). Se um indivíduo vendesse sua terra por razões financeiras, deve ser feita uma provisão para um parente resgatá-la; se ele não tivesse nenhum parente próximo, ele ainda poderia comprá-la de volta mais tarde, e mesmo se ele não pudesse se dar ao luxo de fazê-lo, a terra automaticamente reverteria para ele no Ano do Jubileu, quando todas as dívidas eram canceladas (note também [Lv 27.14-25](#)).

No Novo Testamento

Além da referência ao casamento levirato em [Mateus 22.23-33](#) ([Mc 12.18-27](#); [Lc 20.27-40](#)), o NT tem pouco a dizer sobre princípios de transferência de propriedade durante os tempos romanos.

Na parábola do filho pródigo, o filho mais novo da família pediu sua parte da herança ([Lc 15.12](#)). Deve-se também notar que o filho mais velho, que com falsa piedade desprezava o comportamento de seu irmão, não havia protestado quando seu irmão pedia a herança; pelo contrário, o irmão mais velho também, sem se queixar, recebeu sua parte — presumivelmente uma porção dupla.

Em outra passagem significativa ([Gl 4.1-2](#)), Paulo buscando ilustrar um ponto teológico, se refere às práticas mundanas. Um herdeiro, ele nos diz, está sujeito aos guardiões e supervisores durante sua infância, até o tempo que ele realmente herda. O ponto que Paulo quer estabelecer é claro o suficiente, mas a ilustração não coincide com o que sabemos da lei romana e, infelizmente, os estudiosos foram incapazes de identificar o costume social preciso em vista. Pode ser que Paulo estava fazendo referência, em geral, em vez de termos estritamente legais, a alguma prática com a qual ele e os gálatas estavam familiarizados.

Aspecto teológico

Canaã como herança de Israel

A convicção de que Deus deu a Palestina aos israelitas por sua herança serve como uma ponte entre os dados históricos e os teológicos. O elemento histórico está no fato óbvio de que a Terra Prometida, uma sociedade física, era certamente ocupada pelos hebreus e se distribuía entre suas tribos. Teologicamente, no entanto, as Escrituras falam desta ocupação como um presente divino; com efeito, até o método de distribuição era baseado no conceito de que a terra pertence a Deus ([Lv 25.23](#); ver [Êx 15.17](#); [Js 22.27](#); [Ez 38.16](#); [Jl 1.6](#)).

O tema remete aos tempos remotos de [Gênesis 12.1-3](#). Deus, ao escolher Abraão, o instruiu a se mudar para um novo país e prometeu torná-lo uma grande e abençoada nação ([Hb 11.8](#)). O significado da terra nesta promessa abraâmica ficou mais explícito mais tarde, quando somos informados de que Deus prometeu dar Canaã aos descendentes de Abraão após quatro séculos de escravidão egípcia ([Gn 15.12-21](#); ver [Atos 7.5](#)).

Uma vez que Canaã estava ocupada por habitantes ímpios, a terra deveria ser tomada à força; herdar a terra, portanto, realmente significa *tomar posse* dela. Israel deve confiar em Deus, de quem é a terra, para dar-lhes a vitória ([Js 1.1-9](#); [21.43-45](#); [Jz 7.2](#); [Sl 44.1-3](#); [Atos 13.19](#)). Uma vez que eles conquistaram a terra, ela foi dividida entre as tribos de acordo com seu tamanho (seguindo as instruções em [Nm 26.52-54](#)). Deus ordenou ainda às pessoas que dividissem a terra por sorte (vv [55-56](#)). Assim, desde a promessa inicial a Abraão, até a distribuição real da terra e até mesmo com referência ao futuro ([Is 60.21](#); [Ez 45.1-8](#); [47.13-48.29](#)), as pessoas estavam plenamente cientes de que sua herança estava nas mãos de um Senhor soberano.

A herança do crente

No AT, encontramos o conceito de herança transferido do puramente físico para o espiritual. A tribo de Levi, que constituía o clã sacerdotal, não recebeu herança, porque “o Senhor é sua herança” ([Dt 18.1-2](#); ver [Nm 18.8-24](#)). Os levitas, em outras palavras, não recebiam nenhuma porção de terra, mas em seu serviço a Deus, eles poderiam começar a desfrutar das bênçãos mais completas para as quais a herança da terra apontava.

Que esta verdade não poderia ser restrita aos levitas é insinuada em [Êxodo 19.6](#), onde toda a

nação é chamada de “reino de sacerdotes” (ver [1Pe 2.9](#)). [O Salmo 16](#) deixa claro que ninguém entendia mais claramente do que Davi o que essas palavras implicavam. Mesmo que ele fosse privado da herança física de Israel, ele havia recebido uma herança mais bonita, o próprio Senhor, na presença de quem ele encontrou alegria completa e prazeres eternos ([Sl 16.5-6,11](#); ver também [Sl 73.25-26; 142.5](#); [Is 58.14](#); [Lm 3.24](#)).

No judaísmo posterior, durante e após o período intertestamental, a figura foi estendida consideravelmente. Por exemplo, os rabinos começaram a falar da lei como a herança dos fiéis. Além disso, eles podem dar à ideia uma mudança negativa, como quando os ímpios são ditos herdarem o inferno (cf. [Jo 27.13](#)). Nenhuma dessas figuras é encontrada no NT.

Também lemos na literatura judaica declarações sobre herdar a era por vir, o reino, a vida eterna; essas ideias ocorrem com frequência no NT ([Mt 19.29](#); [25.34](#); [Lc 10.25](#); [18.18](#); [1Co 6.9-10](#); [15.50](#); [Gl 5.21](#); [Ef 5.5](#); [Tt 3.7](#); [Tg 2.5](#)). Tal herança, no entanto, pertence apenas àqueles que são santificados pela palavra de Deus ([Atos 20.32](#); [26.18](#); [Cl 1.12](#); observe também [Jo 17.17](#); [Cl 3.23-24](#)). Essas bênçãos futuras não excluem o físico ([Mt 5.5](#); observe [Sl 37.11,29](#); [Is 60.21](#); [Rm 4.13](#); [2Pe 3.13](#)), mas certamente excluem a fragilidade humana, pois a herança de Deus é imperecível ([1Co 15.50](#)). Em suma, nossa herança é nada menos do que a salvação completa ([Hb 1.14](#); [11.7](#)), que Deus guarda atentamente para nós no céu ([1Pe 1.4](#)).

Sem dúvida, a característica mais significativa no NT é sua ênfase de que, como resultado da obra de Cristo, seu povo começa *agora* mesmo a receber a herança prometida. O Evangelho de João frequentemente enfatiza a realidade presente da vida eterna, assim como a Carta aos Hebreus (cf. [6.12-17](#) com [9.15](#) e [11.13,39-40](#)).

Paulo trata todo este assunto completamente em [Gálatas 3.7-4.7](#). Em resposta aos judaizantes, que afirmam que a herança abraâmica é restrita àqueles que se tornam judeus por meio da circuncisão, Paulo argumenta vigorosamente que os verdadeiros filhos de Abraão são aqueles que acreditam, sejam judeus ou gentios ([3.7](#); ver [Atos 26.16-18](#); [Ef 3.6](#)). Eles se tornam herdeiros da promessa de Deus, pois eles recebem o Espírito ([Gl 3.14](#)). O princípio da herança é promessa, não a Lei (v [18](#)). Aqueles que acreditam são trazidos à união com Cristo (vv [27-29](#)); mas então eles não são meros filhos de Abraão, mas de Deus (vv [26](#)), pois Cristo é o Filho de Deus e Deus determinou enviar

o Espírito de seu Filho aos crentes para que eles também possam chamar a Deus de *Pai* ([Gl 4.4-7](#); ver também [Rm 8.15-16](#)).

De fato, o próprio Cristo como Filho é o verdadeiro herdeiro ([Mt 21.38](#); [Mc 12.7](#); [Lc 20.14](#)); ele herdou um nome acima de todos os nomes ([Fp 2.9](#); [Hb 1.4](#)) e foi nomeado herdeiro de todas as coisas ([Hb 1.2](#); ver [Sl 2.7-8](#); [Mt 28.18](#)). Mas por sua graça, todos os que se tornam seus através da fé são contados como herdeiros com ele ([Rm 8.17](#)).

A herança de Deus

Com uma mudança ousada na metáfora, as Escrituras falam dos crentes como a herança de Deus. Na bela “Canção de Moisés”, o autor fala de Deus como o Pai dos israelitas ([Dt 32.6](#)), que se interessou especialmente por sua herança (v [8](#)). Então somos informados por que Deus se importa: “Mas escolheu Israel para ser o seu povo; os descendentes de Jacó pertencem ao SENHOR” ([Dt 32.9](#)). Este tema se torna muito proeminente em todo o AT (e.g., [Dt 9.26-29](#); [1Rs 8.51-53](#); [Sl 28.9](#); [33.12](#); [74.2](#); [Is 19.25](#); [Jr 10.16](#); [Zc 2.12](#)). Em outro lugar, Israel é mencionado como a possessão especial de Deus (e.g., [Êx 19.5](#); [Dt 7.6](#)).

Em [Efésios 1.14](#) “a redenção da possessão” se refere à salvação final dos crentes, que são o tesouro de Deus. Além disso, “obtivemos uma herança” ([Ef 1.11](#)) pode muito bem ser traduzido: “Fomos feitos uma herança”, isto é, fomos “escolhidos como a porção de Deus”, uma visão apoiada no verso [18](#). Nenhuma ideia mais fundamental do que esta pode ser encontrada nas Escrituras, e sua essência é expressa pelas palavras daquele que se senta no trono: “O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus, e ele me será filho” ([Ap 21.7](#), ARA; veja [Lv 26.11-12](#); [2Sm 7.14](#)).

Ver também Adoção; Direito de nascimento Primogênito; Herdeiro.

Hércules

Um deus grego, filho de Zeus, renomado por sua força. Segundo Macabeus 4, registra-se o fervor helenizante de Antíoco Epifânio (175-164 a.C.), que sucedeu Seleuco IV Filopátor, ao “fundar um ginásio bem debaixo da cidadela” ([2Mc 4.12](#)). Nos jogos quadrienais em Tiro, quando o rei estava presente, Jasão, o irmão de Onias, que havia obtido o sumo sacerdócio por corrupção, “enviou

emissários, escolhidos como sendo cidadãos antioquenos de Jerusalém, para levar trezentos dracmas de prata para o sacrifício a Hércules” (v. [19](#)). Aqueles que foram enviados com o dinheiro acharam inapropriado usá-lo para o sacrifício, então o aplicaram na construção de navios em vez disso (vv. [19-20](#)), o que indica alguma resistência ao padrão de helenização.

Veja também Deuses e Deusas.

Herdeiro

Aquele que herda algo ou está intitulado com uma herança futura; aquele que recebe a propriedade de uma pessoa falecida, especialmente com base na lei e geralmente por meio de um testamento. Tanto no AT quanto no NT, as palavras hebraicas e gregas abrangem essas ideias.

Em [Gênesis 15](#), depois que Deus havia reiterado sua promessa especial a Abraão, Abraão se perguntou como a realização da promessa poderia ocorrer. Na época, apenas seu mordomo, Eliezer de Damasco, era “o filho de sua casa”, isto é, que herdaria de sua grande família. Não havia nenhum filho nascido naturalmente de Abraão dentro da família (ver [Gn 15.3-4](#)). Sem um filho nos tempos patriarcais, o principal mordomo de um homem poderia ser seu herdeiro como um substituto. Mais tarde, após o nascimento de Ismael (o filho de Abraão com Agar, a serva de Sara) e de Isaque (seu filho com Sara, sua esposa), surgiram problemas entre as mulheres, e Sara exigiu que Abraão enviasse Agar e seu filho embora, porque Sara não queria que Ismael fosse um herdeiro com seu próprio filho, Isaque ([Gn 21.10](#)).

Uma mulher sábia, por instigação de Joabe, contou a Davi uma história sobre si mesma e seus dois filhos. Ela disse que um filho matou o outro, e que sua família agora queria matar o filho restante pelo assassinato. Se isso acontecesse, ela alegou, o herdeiro de seu marido falecido seria destruído e a família seria deixada sem herança ([2Sm 14.7](#)).

Outra ilustração bíblica deste uso normal da palavra “herdeiro” é vista em uma parábola contada por Jesus. Os trabalhadores na vinha, que viram o filho de seu mestre vindo, disseram entre si: “Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança.” ([Mt 21.33-43](#), ARC; cf. [Mc 12.7](#); [Lc 20.14](#)).

Em várias referências no NT, a palavra “herdeiro” é usada para se referir ao crente em Cristo, que tem

uma herança vinda por ser um filho de Deus, o Pai e, conseqüentemente, um co-herdeiro com Cristo ([Rm 8.16-17](#)). A herança da salvação é referida de várias maneiras em diferentes seções do NT. Em [Hebreus 6.17](#), os cristãos são chamados de “herdeiros da promessa”. Esta promessa ocorreu quando Deus disse a Abraão: “Eu certamente o abençoarei ricamente, e multiplicarei seus descendentes em incontáveis milhões” ([Hb 6.14](#)). Em [Hebreus 11.7](#), Noé é descrito como “e foi feito herdeiro da justiça que é segundo a fé” (ARC). Em [Tiago 2.5](#), os pobres no mundo ricos em fé são ditos “herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam” (ARC). Paulo escreve que aqueles que são justificados pela graça de Deus são feitos herdeiros de acordo com a esperança da vida eterna ([Tt 3.7](#)).

Em [Hebreus 1.2](#), a palavra “herdeiro” é usada com uma referência singular ao Filho de Deus, que é dito ter sido nomeado “herdeiro de todas as coisas” por seu Pai. Aqui está um exemplo em que alguém foi designado para receber uma herança, mas realmente entrará em posse completa dela muito mais tarde.

Nos tempos bíblicos, o direito de primogenitura — isto é, o direito do filho mais velho na família de ser o herdeiro principal na família — prevalecia. Nos tempos do AT, o filho primogênito possuía o direito de primogenitura, o que incluía herdar uma porção dupla dos bens de seu pai e liderança da família ([Dt 21.15-17](#)). Os outros filhos dividiam o restante igualmente. Se não houvesse filhos para herdar, as filhas se tornavam herdeiras ([Nm 27.8](#); [36.1-12](#)), embora houvesse uma estipulação que as filhas não poderiam se casar fora de sua tribo. Era assim para preservar o território tribal intacto. Se não houvesse filhas, então os irmãos do homem morto herdavam; se não houvesse irmãos, então seus tios; e se não houvesse tios, então o parente mais próximo ([27.9-11](#)). Como a questão da posse tribal era tão importante, é fácil entender por que havia tanto interesse pelos registros genealógicos entre o povo hebreu.

Ver também Primogênito; Herança; Direito de nascença.

Heres (Lugar)

1. Região da qual os amorreus não foram expulsos pelos israelitas, conhecida como montanha de Heres ([Jz 1.34-35](#)). Em [Josué 19.41-42](#), montanha de Heres é sinônimo da cidade de Ir-Semes (Bete-Semes).
2. Subida de Heres ([Jz 8.13](#), NVI; NVT “desfiladeiro de Heres”). Embora o texto e a natureza exata do terreno sejam incertos, foi o local no rio Jordão de onde Gideão retornou após sua vitória sobre Zeba e Salmuna.
3. Levita que retornou a Jerusalém após o exílio ([1Cr 9.15](#)).

Heres (Pessoa)

Levita que retornou a Jerusalém após o exílio ([1Cr 9.15](#)).

Heresia

Um grupo sectário ou um ensinamento que se desvia da norma. A palavra grega (hairesis), que significa literalmente “escolha”, designa uma seita ou facção. Por exemplo, os saduceus eram uma seita dentro do Judaísmo ([At 5.17](#)), assim como os fariseus ([15.5](#)). Quando muitos judeus inicialmente acreditaram que Jesus de Nazaré era o Messias, eles eram conhecidos como “a seita dos Nazarenos” ([24.5](#)). Em cada um desses versículos, a palavra hairesis denota nada mais do que uma seita. Após o crescimento e desenvolvimento da igreja, qualquer grupo faccioso dentro de uma igreja local era chamado de hairesis — ou seja, era uma seita que mantinha certas opiniões contrárias às verdades estabelecidas pelos apóstolos. Em vista disso, Paulo disse à igreja de Corinto que seitas facciosas se desenvolveriam entre eles como uma forma de separar o falso do verdadeiro ([1Co 11.19](#)). Eventualmente, a palavra “heresia” passou a conotar o ensinamento particular que levou alguns a se afastarem da ortodoxia. Assim, Pedro advertiu os cristãos sobre vários falsos mestres que tentariam enganar os crentes com seus ensinamentos heréticos ([2Pe 2.1](#)). Na era moderna, é assim que a palavra “heresia” é geralmente entendida; é um ensinamento não ortodoxo e/ou

falso que prejudica a fé de certos crentes e também causa facções divisivas dentro da igreja.

Herete

Seção de terra florestada no território de Judá onde Davi e seus homens se esconderam por um tempo enquanto fugiam do Rei Saul ([1Sm 22.5](#)).

Hermas

1. Cristão a quem Paulo enviou saudações em sua carta aos Romanos ([Rm 16.14](#)).

2. Cristão que escreveu o livro apócrifo chamado O Pastor (referindo-se à figura central do pastor na obra). Em O Pastor, Hermas afirma que foi originalmente um escravo, ganhou sua liberdade, casou-se e iniciou um negócio, perdeu quase tudo materialmente, viu seus filhos se desviarem e finalmente reuniu sua família por meio de atos de arrependimento. Hermas também indica que conhecia Clemente de Roma, bispo de Roma no final do primeiro século. Com base em evidências internas, é impossível afirmar se esta biografia é fictícia ou não. Quanto aos fatos externos, as referências a Hermas são contraditórias. Algumas autoridades, mais notavelmente o cânon Muratoriano, um documento do final do segundo século, fazem de Hermas um irmão de Pio, bispo de Roma por volta de 150. No terceiro século, Orígenes pensava que Hermas era o indivíduo que Paulo mencionou em [Romanos 16.14](#), uma identificação que sustenta as próprias declarações de Hermas. Comentaristas acadêmicos modernos tendem muito para a primeira opinião. *Vea também* Pastor de Hermas.

Hermes

1. Um deus grego que era filho de Zeus e Maia. Os romanos o chamavam de Mercúrio. Na mitologia grega, Hermes era o mensageiro dos deuses. Ele guiava as almas das pessoas falecidas para Hades (o lugar dos mortos). Ele era o deus da fertilidade, o patrono da música, o protetor dos viajantes e o deus da eloquência. Quando Paulo estava ministrando em Listra, o povo local pensou que o apóstolo Paulo era Hermes. Isso aconteceu porque Paulo realizou um milagre e era o principal orador. O povo de Listra acreditava que Paulo era um deus que havia vindo visitá-los em forma humana ([At 14.11-12](#), Mercúrio na versão ARC).
2. Um cristão a quem Paulo enviou saudações em sua carta aos Romanos ([Rm 16.14](#)).

Hermógenes

Um importante cristão asiático que "se afastou" de Paulo ([2Tm 1.15](#)). Ele se recusou a defender Paulo durante a segunda prisão do apóstolo em Roma. Não se sabe ao certo por que ele abandonou Paulo. Ele pode ter discordado de algum ensinamento, mas parece mais provável que Hermógenes tivesse medo de sofrer o mesmo destino que Paulo.

Hermon, Monte

O Monte Hermom é uma grande montanha que marca a extremidade norte da terra que Josué e Moisés conquistaram a leste do Rio Jordão. Esta montanha serviu como a fronteira norte da terra dada à metade da tribo de Manassés, bem como a fronteira norte de todo Israel ([Dt 3.8](#); [4.48](#); [Js 11.17](#); [12.15](#); [13.11](#); [1 Cr 5.23](#)). Ela se ergue bem acima do Vale do Líbano e da terra de Mispa ([Js 11.3.8](#)). Josué perseguiu os reis de Canaã até esta área após derrotá-los nas Águas de Merom ([Js 11.17](#); [13.5](#)).

A poesia da Bíblia elogia o Monte Hermom por duas coisas: sua grande altura e o orvalho que cai sobre o Monte Sião ([Sl 133.3](#)). A montanha também era conhecida por seus animais selvagens ([Ct 4.8](#)).

Outras passagens da Bíblia mencionam-no junto com o Rio Jordão e o Monte Tabor ([Ss 42.6](#); [Sl 89.12](#)). A montanha em si tem cerca de 21 quilômetros de comprimento e se eleva a uma altura de 2,8 quilômetros.

Herodes, Família Herodiana*

Governantes políticos durante a vida de Cristo. Cristo nasceu quando Herodes, o Grande, estava governando. O filho de Herodes, Herodes Antipas, era o governante da Galileia e Pereia, os territórios nos quais Jesus e João Batista realizavam a maioria de seus ministérios. Foi este governante que decapitou João Batista e julgou Cristo pouco antes de sua morte. Herodes Agripa I é o perseguidor da igreja em [Atos 12](#), e Herodes Agripa II ouviu o testemunho de Paulo ([Atos 26](#)) pouco antes de ele ir para Roma ser julgado por César. Sem um conhecimento da família herodiana, dificilmente se pode ter uma compreensão adequada dos tempos de Cristo.

Resumo

- A dinastia herodiana
- Herodes, o Grande
- Arquelau
- Antipas
- Filipe, o tetrarca
- Agripa I
- Agripa II

A dinastia herodiana (67–47 a.C.)

A dinastia herodiana se tornou proeminente durante a confusão que resultou na decadência da dinastia dos Asmoneus, a transferência da Síria e da Palestina para o governo romano, e as guerras civis que marcaram a decadência da nação. Grande parte do que sabemos sobre os Herodes vem dos escritos do historiador Josefo: *Antiguidades dos Judeus* e *A Guerra dos Judeus*.

Herodes, o Grande (47–4 a.C.)

Como Governador da Galileia (47–37 a.C.)

Herodes, o Grande, tornou-se governador da Galileia aos 25 anos. Embora ele tenha ganhado o respeito dos romanos e dos judeus galileus por rapidamente capturar e matar o líder bandido

Ezequias, alguns na corte de Hircano pensaram que ele estava se tornando muito poderoso e providenciaram para que ele fosse levado a julgamento. Ele foi absolvido e libertado e, posteriormente, fugiu para Sexto César em Damasco. Sexto César, governador da Síria, nomeou Herodes governador de Celessíria, e assim ele se envolveu com os assuntos romanos na Síria. Ele permaneceu nesta posição sob uma série de governantes e foi bem-sucedido em coletar impostos e suprimir várias revoltas. Assim, em 41 a.C. quando Antônio chegou ao poder sob Otávio César, após consultar Hircano II, Sexto nomeou Herodes e Fasaél como tetrarcas da Judeia.

Como Rei (37–4 a.C.)

O reinado de Herodes é dividido pela maioria dos estudiosos em três períodos: (1) consolidação de 37 a 25 a.C.; (2) prosperidade de 25 a 13 a.C.; e (3) problemas domésticos de 13 a 4 a.C.

O período de consolidação se estendeu desde sua ascensão como rei em 37 a.C. até a morte dos filhos de Babas, os últimos representantes homens da família dos asmoneus. Durante este período, ele teve que lidar com muitos adversários poderosos.

Os primeiros adversários, o povo e os fariseus, se opuseram ao fato de ele ser idumeu, meio judeu e um amigo dos romanos. Aqueles que se opuseram a ele foram punidos, e aqueles que ficaram do seu lado foram recompensados com favores e honras.

Os segundos adversários eram aqueles da aristocracia que tomaram o partido de Antígono. Herodes havia matado 45 dos mais ricos e havia confiscado suas propriedades para reabastecer seus próprios cofres.

O terceiro grupo de adversários era a família asmoneia. O principal problema de Herodes era sua sogra, Alexandra. Ela estava chateada por ele não haver nomeado outro asmoneu para o sumo sacerdócio para substituir Hircano, especificamente seu filho Aristóbulo. Ela escreveu a Cleópatra, pedindo-lhe para influenciar Antônio para forçar Herodes a remover o sumo sacerdote nomeado, Ananel, e substituí-lo por Aristóbulo. Finalmente, Herodes deu lugar à pressão. No final, após uma celebração da Festa dos Tabernáculos, Herodes fez com que Aristóbulo fosse afogado, fazendo parecer um acidente. Herodes acorrentou Alexandra e a colocou sob guarda para impedi-la de lhe causar mais problemas.

O quarto adversário de Herodes era Cleópatra. Quando a guerra civil eclodiu entre Antônio e

Otávio, Herodes queria ajudar Antônio. Mas Cleópatra persuadiu Antônio a estabelecer Herodes na batalha contra o rei árabe Malco, que havia falhado em pagar tributo a ela. Quando viu Herodes vencendo, ela ordenou às suas tropas que ajudassem Malco, esperando enfraquecer ambas as partes até o ponto de ruptura, para que pudesse absorvê-las. Após um terremoto catastrófico em seu domínio em 31 a.C., Herodes derrotou os árabes e voltou para casa. Logo depois, em 2 de setembro de 31 a.C., Otávio derrotou Antônio na Batalha de Áccio, resultando nos suicídios de Antônio e Cleópatra.

O segundo período do reinado de Herodes foi um de prosperidade (25–14 a.C.). Foi um período de esplendor e prazer interrompido por perturbações ocasionais. De acordo com Josefo, a mais nobre de todas as realizações de Herodes foi a reconstrução do templo em Jerusalém, iniciada em 20/19 a.C. (*Antiguidades* 15.8.1). A literatura rabínica afirma: “Aquele que não viu o Templo de Herodes nunca viu um edifício bonito” (Talmude babilônico: *Baba Bathra* 4a). Antes disso, ele havia construído teatros, anfiteatros e hipódromos para homens e cavalos. Em 24 a.C. Herodes construiu para si um palácio real e construiu ou reconstruiu muitas fortalezas e templos gentios, incluindo a Torre de Estrato, mais tarde renomeada Cesareia.

Durante este tempo, ele se tornou muito interessado na cultura e reuniu em torno dele homens talentosos na literatura e arte gregas. Os retóricos gregos foram nomeados para os mais altos cargos do estado. Um deles era Nicolau de Damasco, o instrutor e conselheiro de Herodes em filosofia, retórica e história. No final de 24 a.C., ele se casou com Mariamne, filha de Simão, um sacerdote bem conhecido em Jerusalém (ela será referida como Mariamne II).

Durante este período, o governo de Herodes foi favoravelmente aceito pelo povo. Eles estavam irritados, no entanto, por duas coisas. Primeiro, ele violou a lei judaica por sua introdução dos jogos quinquenais em honra de César; e segundo, ele construiu teatros e hipódromos. Ele exigiu um juramento de lealdade de seus súditos, exceto por alguns poucos privilegiados. Além disso, ele não permitiria que eles se congregassem livremente por medo de uma revolta. Apesar dessas coisas, ele tinha bom controle do povo e o favoreceu duas vezes reduzindo os impostos (em 14 a.C. ele reduziu os impostos em um quarto).

O terceiro período do governo de Herodes foi claramente marcado por problemas domésticos

(13–4 a.C.). Naquele momento ele já havia se casado com dez esposas. Sua primeira esposa, Doris, teve apenas um filho, Antípatro. Ele repudiou Doris e Antípatro quando se casou com Mariamne I, permitindo-os visitar Jerusalém apenas durante os festivais. Ele se casou com Mariamne I em 37 a.C. Ela era a neta de Hircano e teve cinco filhos: duas filhas e três filhos. O filho mais novo morreu enquanto estava em Roma, e os dois filhos restantes deveriam desempenhar um papel importante nesta parte do reinado de Herodes. No final de 24 a.C., ele se casou com sua terceira esposa, Mariamne II, a quem nasceu um filho, Herodes (Filipe). Maltace, sua quarta esposa, era uma samaritana e mãe de dois filhos, Arquelau e Antipas. Sua quinta esposa, Cleópatra de Jerusalém, era a mãe de Filipe, o tetrarca. Das cinco esposas restantes, apenas Palas, Fedra e Elpsis são conhecidas pelo nome, e nenhuma desempenhou um papel significativo nos eventos deste período.

Alexandre e Aristóbulo, os filhos de Mariamne I, eram seus favoritos. Imediatamente após seus próprios casamentos, os problemas começaram dentro da casa herodiana. Salomé, a irmã de Herodes e mãe de Berenice (esposa de Aristóbulo), odiava esses dois filhos, principalmente porque ela queria a posição e o favor que eles desfrutavam para seu próprio filho. Herodes decidiu chamar de volta seu filho exilado Antípatro para mostrar a Alexandre e Aristóbulo que havia outro herdeiro ao trono. Antípatro aproveitou ao máximo a situação e usou todos os meios concebíveis para adquirir o trono cobiçado. Finalmente, um homem de mau caráter, Euricles de Lacedemônia, incumbiu-se de inflamar o pai contra seus dois filhos e vice-versa. Logo outros perversos se juntaram a Euricles, e a paciência de Herodes se esgotou. Ele colocou Alexandre e Aristóbulo na prisão e nomeou Antípatro como herdeiro.

Em sua impaciência para obter o trono, Antípatro tentou envenenar Herodes. Esta trama falhou quando Feroras, o irmão de Herodes, bebeu o veneno por engano. Herodes colocou Antípatro na prisão e relatou o assunto ao imperador (ca. 5 a.C.). Neste momento, Herodes ficou muito doente com uma doença incurável. Ele elaborou um novo testamento que excluía seus filhos mais velhos, Arquelau e Filipe, porque Antípatro também havia envenenado sua mente contra eles. Ele escolheu seu filho mais novo, Antipas, como seu único sucessor.

Foi durante este tempo que os homens sábios chegaram à Judeia, em busca do rei recém-nascido

dos judeus. Herodes os instruiu a relatar a ele o paradeiro desta criança assim que o encontrassem. Sendo advertidos em um sonho, eles não o fizeram, mas voltaram para suas casas por outra rota. Deus advertiu José (marido da mãe de Jesus) para fugir para o Egito por causa da intenção de Herodes de matar Jesus. José pegou sua família e deixou Belém. Pouco depois, Herodes matou todos os filhos homens em Belém que tinham dois anos ou menos.

A doença de Herodes ficou cada vez pior. Veio uma permissão de Roma para executar Antípatro, o que ele prontamente fez. Ele alterou novamente seu testamento, tornando Arquelau rei da Judeia, Idumeia e Samaria; Antipas tetrarca da Galileia e Pereia, e Filipe tetrarca dos territórios a leste da Galileia. No quinto dia após a execução de Antípatro, Herodes morreu em Jericó na primavera de 4 a.C. O povo aclamou Arquelau como seu rei.

Arquelau (4 a.C.–6 d.C.)

Arquelau era o filho de Herodes, o Grande, e Maltace (uma samaritana), tendo nascido por volta de 22 a.C. Arquelau foi confrontado com uma grande variedade de problemas. Ele havia matado 3.000 pessoas ao reprimir uma revolução liderada por pessoas que buscavam vingar o sangue daqueles mortos por seu pai, Herodes. Assim, seu governo teve um mau começo. No Pentecostes em 4 a.C., outra revolta eclodiu, que durou cerca de dois meses e meio e durante a qual os pórticos do templo foram queimados e o tesouro foi saqueado pelos romanos. Esta agitação se espalhou para a região da Judeia, Galileia e Pereia.

Arquelau tratou tanto os judeus quanto os samaritanos brutalmente (*Guerra* 2.7.3), um fato confirmado pelos Evangelhos. Quando José voltou de sua fuga para o Egito e soube que Arquelau estava governando a Judeia, ele estava com medo de ir para lá e foi advertido contra isso por Deus; ele levou o menino Jesus para a Galileia ([Mt 2.22](#)).

A tirania de Arquelau finalmente fez com que os judeus e samaritanos enviassem uma delegação a Roma e se queixassem formalmente a Augusto. O fato de que inimigos tão amargos quanto os judeus e samaritanos poderem cooperar neste assunto indica a seriedade da queixa. Antipas e Filipe também foram a Roma para se queixar dele. Presumivelmente, eles ressentiram sua negligência como representante romano para a Palestina. Assim, em 6 d.C. Arquelau foi deposto e exilado para Viena na Gália (moderna Vienne no rio Ródano, ao sul de Lyon). Antipas e Filipe foram autorizados a manter seus respectivos governos, e

os territórios de Arquelau foram reduzidos a uma província governada por prefeitos ou procuradores.

Antipas (4 a.C.–39 d.C.)

Antipas era o irmão mais novo de Arquelau, nascido por volta de 20 a.C. De todos os herodianos, ele é mais mencionado no NT porque governava a Galileia e a Pereia, onde tanto Jesus quanto João Batista concentravam seus ministérios.

O domínio de Antipas estava em tumulto causado pela rebelião iniciada no Pentecostes em 4 a.C. Ele imediatamente partiu para restaurar a ordem e reconstruir o que havia sido destruído. Seguindo o exemplo de seu pai, Herodes, o Grande, Antipas fundou cidades. Séforis foi seu primeiro projeto; era a maior cidade na Galileia e sua capital até que ele construiu Tiberíades. Como Nazaré estava a apenas 6,4 quilômetros a sul-sudeste de Séforis, é bem possível que José, o marido de Maria, tenha sido empregado como carpinteiro ([Mt 13.55](#); [Mc 6.3](#)) para ajudar a reconstruir aquela cidade.

Das 12 cidades construídas pela família herodiana, Tiberíades é a mais importante. Foi a primeira cidade na história judaica a ser fundada com a estrutura municipal de uma *pólis grega*. Foi construída em honra do imperador reinante, Tibério. Devido ao fato de que um cemitério foi destruído no processo de construção, Tiberíades foi considerada impura pelos judeus. Antipas ofereceu casas e terras de graça, e isenções de impostos nos primeiros anos a qualquer um que se mudasse para a cidade. Ele concluiu a cidade em 23 d.C. e a fez sua capital.

No mundo cristão, o incidente pelo qual Antipas é mais lembrado é sua decapitação de João Batista ([Mt 14.3–12](#); [Mc 6.17–29](#); [Lc 3.19–20](#); *Antiguidades* 18.5.2.116–119). Houve uma confusão de eventos familiares que levaram à morte de João Batista. Antipas havia se casado com a filha de Aretas IV (o nome da filha é desconhecido). Aretas IV era o rei nabateu, e Augusto pode ter encorajado este casamento, pois ele favorecia casamentos entre vários governantes para promover a paz em seu império.

Por volta de 29 d.C. Antipas fez uma viagem a Roma, e no caminho, ele fez uma visita a seu meio-irmão Herodes Filipe, que deve ter vivido em uma cidade costeira na Palestina. Antipas se apaixonou por Herodias, a esposa de Filipe, que também era a sobrinha de Antipas. A ideia de se tornar a esposa de um tetrarca a atraiu, e ela concordou em se casar

com ele quando voltasse de Roma, se ele expulsasse a filha de Aretas. Antipas concordou com o plano, e quando a filha de Aretas ouviu falar disso, ela fugiu para seu pai. Esta foi uma violação da aliança política, bem como um insulto pessoal, que levou à retaliação de Aretas.

O casamento de Antipas e Herodias estava em violação da lei mosaica que proibia o casamento com a esposa de um irmão ([Lv 18.16](#); [20.21](#)), exceto para gerar filhos a um irmão falecido sem filhos, por um casamento levirato ([Dt 25.5](#); [Mc 12.19](#)). Neste caso, Filipe não apenas teve uma filha, Salomé, mas ele ainda estava vivo. Esta é a situação que João Batista falou tão ousadamente contra, e Antipas o lançou na prisão. O ódio de Herodias por João Batista era grande demais para se contentar apenas com seu encarceramento. Em um momento apropriado, possivelmente o aniversário de Antipas, ela planejou um banquete em Maquero, na Pereia. Sua filha, Salomé, dançou para o rei, e em um momento impulsivo Antipas prometeu a ela sob juramento que lhe daria qualquer coisa, até metade de seu reino. Seguindo o conselho de sua mãe, ela pediu a cabeça de João Batista em um prato. Imediatamente Antipas lamentou sua promessa precipitada, mas, para não perder prestígio na presença de seus subordinados, ele atendeu o pedido. Assim, o ministério de João terminou por volta de 31 ou 32 d.C.

Há três momentos específicos em que Antipas e Jesus são mencionados juntos nos Evangelhos.

No início do ministério de Jesus, Antipas ouviu falar dele e comentou, talvez com ironia, que Jesus era João Batista ressuscitado ([Mt 14.1-2](#); [Mc 6.14-16](#); [Lc 9.7-9](#)). Era óbvio para Antipas que o ministério de Jesus era ainda mais notável do que o de João, mas ele relutava em usar a força para realizar o encontro por medo de, mais uma vez, despertar a ira do povo contra ele. Por fim, Jesus se retirou dos territórios de Antipas sem o encontro dos dois.

Mais tarde, quando Jesus se tornou mais popular, Antipas viu uma ameaça potencial a seu próprio poder e ameaçou matar Jesus. Assim, na última viagem de Jesus a Jerusalém, ele foi advertido por alguns dos fariseus de que deveria deixar os territórios de Antipas para sua própria segurança ([Lc 13.31-33](#)). Jesus enviou como resposta a “aquela raposa” que ele continuaria seu ministério de cura e expulsar demônios por um pouco mais, e quando tivesse terminado, então ele iria a Jerusalém para morrer. O leão e a raposa eram muitas vezes contrastados na literatura antiga. O

Leão de Judá, Jesus Cristo, não seria coagido pelo covarde astuto, Antipas.

O encontro entre os dois ocorreu finalmente quando Jesus foi julgado por Antipas em 33 d.C. ([Lc 23.6-12](#)). Uma vez que este evento é mencionado apenas por Lucas, alguns estudiosos o consideram lendário. Deve-se lembrar, no entanto, que o destinatário de Lucas era Teófilo, provavelmente um oficial romano, que estaria especialmente interessado na reconciliação entre Pilatos e Antipas mencionado nesta passagem.

De acordo com o relato de Lucas, quando Pilatos não pôde encontrar nenhuma falha em Jesus, ele o enviou para Antipas (que estava celebrando a Páscoa em Jerusalém). Pilatos se livrou assim de uma situação embaraçosa. Uma razão mais sutil pode ter sido para reconciliar-se com Antipas. A relação deles estava bastante tensa desde o massacre galileu ([Lc 13.1](#)), e porque Pilatos trouxe escudos votivos para Jerusalém, despertando a raiva dos judeus (*Legatio ad Gaium* 299-304, de Filo). Quando Jesus foi trazido diante de Antipas, o governante apenas zombou dele e o enviou de volta a Pilatos. A principal realização política do incidente foi a reconciliação de Antipas e Pilatos.

Filipe, o tetrarca (4 a.C.–34 d.C.)

Filipe o tetrarca era o filho de Herodes, o Grande, e Cleópatra de Jerusalém, e nasceu por volta de 22 a.C. Quando o testamento de Herodes foi resolvido, Filipe foi nomeado tetrarca sobre Gaulanites, Auranites, Bataneia, Traconites e Itureia, todas na parte norte do domínio de Herodes, o Grande ([Lc 3.1](#)). Seus súditos eram principalmente sírios e gregos. Assim, ele foi o primeiro e único herodiano a ter sua imagem em suas moedas.

Ele construiu duas cidades. Primeiro, ele reconstruiu e ampliou Paneas e a renomeou Cesareia de Filipe. Aqui Pedro fez sua confissão de fé a Jesus e recebeu a revelação sobre a igreja ([Mt 16.13-20](#); [Mc 8.27-30](#)). Em seguida, ele reconstruiu e ampliou Betsaida e a renomeou Julias. Aqui Jesus curou o homem cego ([Mc 8.22-26](#)), e em um lugar do deserto nas proximidades, ele alimentou os 5.000 ([Lc 9.10-17](#)).

Filipe não era tão politicamente ambicioso quanto seus irmãos. Seu governo foi marcado pela tranquilidade e a lealdade de seus súditos. Quando Filipe morreu em 34 d.C., Tibério anexou seus territórios à Síria. Após Calígula se tornar imperador em 37 d.C., ele deu os territórios a Agripa I, irmão de Herodias.

Agripa I (37–44 d.C.)

Agripa I era o filho de Aristóbulo (filho de Herodes, o Grande, e Mariamne I) e Berenice. Ele nasceu em 10 a.C. e era o irmão de Herodias.

Agripa I pode ser considerado a ovelha negra da família herodiana. Enquanto estava na escola em Roma, ele viveu uma vida desenfreada, incorrendo em muitas dívidas. Em Roma, ele se tornou um amigo de Caio Calígula e em um ponto afirmou que ele desejava que Calígula fosse rei em vez de Tibério. Isso foi ouvido e relatado a Tibério, que o aprisionou. Ele permaneceu na prisão até a morte de Tibério seis meses depois.

Após a ascensão de Calígula ao trono, ele libertou Agripa e lhe deu os territórios de Filipe o tetrarca e a parte norte do território de Lisânias, bem como o título de rei. O título de rei despertou o ciúme de sua irmã Herodias, e isso eventualmente levou à queda de seu marido, Antipas. Naquela época (39 d.C.) Agripa adquiriu todos os territórios e propriedades de Antipas.

Quando Calígula morreu em 41 d.C., Agripa conquistou o favor do novo imperador Cláudio, ao que Cláudio acrescentou a Judeia e Samaria ao território de Agripa. Este território foi uma vez governado pelo avô de Agripa, Herodes, o Grande.

Agripa I é mencionado no NT por sua perseguição à igreja primitiva para obter o favor dos judeus ([At 12.1–19](#)). Ele matou Tiago, o filho de Zebedeu, e aprisionou Pedro. Quando Pedro foi libertado por um anjo, Agripa mandou executar os sentinelas.

Agripa morreu em 44 d.C. em Cesareia. Os relatos deste incidente são registrados tanto por Josefo (*Antiguidades* 19.9.1.274–275; *Guerra* 2.11.5.214–215) quanto pelas Escrituras. O incidente ocorreu em Cesareia; ele estava usando um manto de prata cintilante, e quando as pessoas o lisonjearam chamando-o de um deus, ele foi repentinamente atingido por uma doença mortal e morreu de maneira horrível. Ele deixou as filhas, Berenice, Mariamne e Drusila, e um filho, Agripa, que tinha 17 anos na época. Por causa da juventude de Agripa II, os territórios de seu pai foram temporariamente feitos de uma província.

Agripa II (50–100 d.C.)

Agripa II era o filho de Agripa I e Cipros. Em 50 d.C., seis anos após a morte de seu pai, Cláudio o fez rei de Cálcis.

Agripa II estava no controle do tesouro do templo e das vestimentas do sumo sacerdote e, assim,

poderia nomear o sumo sacerdote. Os romanos o consultaram sobre assuntos religiosos, e é provavelmente por isso que Festo o pediu para ouvir o apóstolo Paulo em Cesareia (59 d.C.), onde ele foi acompanhado por sua irmã Berenice ([Atos 25–26](#)).

Em maio de 66 d.C., a revolução Palestina começou (*Guerra* 2.14.4.284). Quando falhou a tentativa de Agripa de acalmar a revolta, ele se tornou um firme aliado dos romanos ao longo de toda a guerra (66–70 d.C.). Durante este tempo, Nero cometeu suicídio, o novo imperador Galba foi assassinado, e Vespasiano se tornou o imperador. Depois de prometer sua lealdade ao novo imperador, Agripa permaneceu com Tito, o filho de Vespasiano, que estava no comando da guerra (*História* de Tácito 5.81). Após a queda de Jerusalém (6 de agosto, 70 d.C.), Agripa estava provavelmente presente para celebrar a destruição de seu próprio povo.

Após isso, Vespasiano adicionou novos territórios ao reino de Agripa, embora não se saiba exatamente quais. Em 79 d.C. Vespasiano morreu e Tito se tornou imperador. Pouco se sabe do governo de Agripa após isso, exceto que ele escreveu ao historiador Josefo louvando-o por *A Guerra Judaica*, e ele comprou uma cópia dela (*Vida* de Josefo 65.361–367; *Apião* 1.9.47–52).

Embora o Talmude implica que Agripa II tinha duas esposas (Talmude babilônico: *Sucá* 27a), Josefo não dá nenhuma indicação de que ele tinha esposas ou filhos. Em vez disso, ele era conhecido por seu relacionamento incestuoso com sua irmã Berenice. Ele morreu por volta de 100 d.C. Sua morte marcou o fim da dinastia herodiana.

Veja também Herodianos; Judaísmo.

Herodianos*

O partido judeu mencionado três vezes nos Evangelhos em conexão com dois incidentes (um na Galileia e outro em Jerusalém) e associado aos fariseus em sua oposição a Cristo. Em [Marcos 3.6](#), após a cura do homem com a mão paralisada, os fariseus saíram e se aconselharam com os herodianos, conspirando para matar Jesus. Em [Mateus 22.16](#) e [Marcos 12.13](#), os fariseus e herodianos se aliaram contra Cristo para prendê-lo em uma armadilha com sua pergunta sobre a legalidade de pagar impostos a César. Os herodianos nunca são mencionados em Lucas ou João.

O verdadeiro problema vem em [Marcos 8.15](#), onde é citado o “fermento de Herodes”. Outra leitura é o “fermento dos herodianos”. No entanto, a passagem paralela em [Mateus 16.6](#) fala do “fermento dos fariseus e dos saduceus”. Os saduceus e os herodianos são a mesma coisa?

Mateus tende a rotular os líderes religiosos como os adversários de Jesus, enquanto Marcos enfatiza que os adversários de Jesus eram tanto religiosos quanto políticos. Qual então é o significado do uso de Mateus do “fermento dos saduceus” no lugar do “fermento de Herodes” de Marcos ou “fermento dos herodianos”? Alguns supuseram que os herodianos eram um partido político composto principalmente de saduceus. Alguns os identificaram com os saduceus, e outros com os boetusianos, que eram usados alternadamente com o nome dos saduceus. Os boetusianos e os saduceus eram indistinguíveis teologicamente, mas os saduceus eram leais à dinastia dos asmoneus, enquanto os boetusianos eram ligados à casa herodiana e, conseqüentemente, eram chamados de herodianos. Assim, os herodianos tinham afiliações políticas com a casa herodiana e afiliações religiosas com os saduceus. Juntamente dos saduceus, os herodianos eram homens de influência — os aristocratas da Palestina.

No entanto, durante o tempo de Jesus, as diferenças políticas entre os herodianos e os saduceus não eram tão distintas por causa do casamento do herodiano Herodes Antipas com as asmoneana Herodias. Os herodianos e os saduceus teriam estado do mesmo lado politicamente contra os fariseus, os primeiros sendo pró-governo, enquanto os fariseus eram anti-asmoneus e anti-herodianos. Congruentes com isso, [Mateus 16.12](#) e [Marcos 8.15](#) representam os fariseus e os saduceus/herodianos como partes contrárias que se opõem a Jesus.

Em resumo, os herodianos também eram conhecidos como os boetusianos. Teologicamente, eles estavam de acordo com os saduceus, mas politicamente eles eram mais pró-herodianos do que os saduceus. Enquanto os fariseus buscavam um reino messiânico cataclísmico para remover o presente governo herodiano, os herodianos trabalhavam para manter a dinastia de Herodes no poder.

Veja também Herodes, família herodiana.

Herodião

Cristão de ascendência judaica a quem Paulo enviou saudações na conclusão de sua epístola aos Romanos ([Rm 16.11](#)).

Herodias

Filha de Aristóbulo, o filho de Herodes, o Grande, e Berenice. Nascida entre 9 e 7 a.C., seu irmão mais velho era Herodes Agripa I. Em 6 a.C., ainda em sua infância, ela foi prometida por seu avô, Herodes, o Grande, a seu filho com Mariamne II, chamado Herodes Filipe. Herodias era a mãe de Salomé, nascida entre 15 e 19 d.C.

Herodias e Herodes Filipe viviam na costa marítima da Judeia, possivelmente em Azoto ou Cesareia. Em 29 d.C. Herodes Antipas visitou a residência de Herodias (sua sobrinha) em seu caminho para Roma. Eles foram atraídos um pelo outro e Herodias concordou em se casar com ele, desde que ele se divorciasse de sua atual esposa, a filha de Aretas IV, o rei nabateu de Petra. Herodias, sendo uma asmoneia, não queria compartilhar a casa com uma árabe — inimigos antigos da dinastia asmoneia. Quando a filha de Aretas recebeu a notícia desta conspiração, ela escapou secretamente para seu pai, e Herodias e Antipas se casaram. Este incidente foi o início de hostilidades entre Antipas e Aretas, que eventualmente levou à guerra de Aretas contra Antipas e a derrota deste em 36 d.C.

João Batista denunciou abertamente este casamento ([Mt 14.3-12](#); [Mc 6.17-29](#); [Lc 3.19-20](#)) porque a lei judaica proibia o casamento com a esposa de um irmão ([Lv 18.16](#); [20.21](#)), exceto para gerar filhos a um irmão falecido sem filhos por um casamento levirato ([Dt 25.5](#); [Mc 12.19](#)). Neste caso, o irmão, Herodes Filipe, ainda estava vivo e tinha uma filha, Salomé. A denúncia ousada de João Batista levou Antipas a prendê-lo por volta de 30 ou 31 d.C. Herodias queria mais do que isso. Ela organizou, possivelmente no aniversário de Herodes Antipas, para que sua filha dançasse diante dele e seus magistrados. Em sinal de agradecimento, Herodes Antipas prometeu a Salomé até metade de seu reino. Seguindo o conselho de sua mãe, ela pediu a cabeça de João Batista em um prato.

Herodias aparece pela última vez na história envolvida em uma intriga entre seu irmão, Agripa I, que havia sido designado rei pelo imperador

Calígula, e seu marido Antipas, que há muito desejava esse título. Antipas, por insistência de sua esposa, foi a Roma para defender seu caso, mas ele perdeu e foi banido. Herodias, no entanto, permaneceu fiel e o seguiu até o exílio, mesmo que Calígula não a tivesse punido pelo fato de ser a irmã de Agripa.

Vea também Herodes, Família Herodiana.

Hesbom

Uma cidade importante do outro lado do Rio Jordão (Trans-Jordão). Ficava a cerca de 80 quilômetros (50 milhas) a leste de Jerusalém. Inicialmente, pertencia aos moabitas. Mais tarde, o rei amorita Seom conquistou Hesbom, tornando-a a capital de seu reino ([Nm 21.25–30](#)). Israel capturou a cidade quando avançou para Canaã. A tribo de Rúben assumiu o controle desta porção do território amorita ([Nm 32.37](#); [Js 13.17](#)). No entanto, estava na fronteira entre Rúben e Gade ([Js 13.26](#)), o que resultou na ocupação pela tribo de Gade. Depois disso, os moabitas lutaram com Israel pelo controle desta terra.

Durante o período em que os juízes lideravam Israel, diferentes grupos controlaram a terra em épocas distintas. ([Jz 3.12](#); [1Sm 12.9–11](#)). Israel controlou Hesbom até por volta de 853 a.C. Então, Mesa, rei de Moabe, a ocupou. As Escrituras mencionam Hesbom em profecias antes do exílio israelita para Babilônia (compare [Is 15.4](#); [16.8–9](#); [Jr 48.2,33–34](#)). [Jeremias 49.3](#) parece indicar que os amonitas mais tarde tomaram controle de Hesbom.

Foi uma importante cidade nabateia no período grego. Os judeus a conquistaram durante as campanhas de Alexandre Janeu, um rei hasmoneu e sumo sacerdote que governou a Judeia de 103 a 76 a.C. No período romano, Hesbom tornou-se parte da província da Síria.

Hesede

Parte do nome Ben-Hesede ([1Rs 4.10](#)).

Vea Ben-Hesede.

Hesmom

Cidade mencionada apenas em [Josué 15.27](#). Estava localizada perto de Bete-Paleta, no sul de Judá. A

ideia de que os hasmoneus se originaram lá não é comprovada.

Hesrai, Hezro

Um dos valentes do rei Davi ([2Sm 23.35](#); [1Cr 11.37](#)). Ele nasceu em Carmelo, uma cidade em Judá.

Hete

Progenitor do povo hitita e descendente de Canaã, na linhagem de Cam ([Gn 10.15](#); [1Cr 1.13](#)). *Vea* Hititas.

Hetlom

Local mencionado por Ezequiel ([Ez 47.15](#); [48.1](#)) que descreve parte da fronteira norte do reino restaurado de Israel.

Heveus

Nome de um grupo pré-israelita que vivia em Canaã. Embora ainda não descobertos ou avaliados arqueologicamente ou pela história secular como um povo, eram considerados descendentes de um filho de Canaã ([Gn 10.17](#)) e como habitando áreas das Montanhas do Líbano ([Jz 3.3](#)) e do Monte Hermon ([Js 11.3](#)). Eles são frequentemente mencionados como um grupo desapossado por Israel ([Js 12.8](#); [24.11](#); [1Rs 9.20](#)), mas que conseguiram sobreviver até o período do reino ([2Sm 24.7](#)) e viviam naquela época perto de Tiro, assim como em outras áreas possíveis. Alguns estudiosos acreditam que um erro de cópia, envolvendo a troca das letras *r* (resh) por *w* (waw), foi responsável pela origem do nome heveu a partir de horeu.

Outros sugeriram uma confusão de escribas nos nomes, já que Zibeão é chamado de heveu em [Gênesis 36.2](#) e de horeu nos versículos [20](#) e [29](#). Em vários casos, a Septuaginta usa "horeu" no lugar do Texto Massorético "heveu" ([Gn 34.2](#); [Js 9.7](#)). Outras passagens na Septuaginta leem "hitita" em vez de "heveu" ([Js 11.3](#); [Jz 3.3](#)).

A sobreposição ou equivalência de heveus e horeus em [Gênesis 36](#) provavelmente indica alguma relação entre os dois povos (cf. ismaelitas e

midianitas em [Gn 37.27-28,36](#)). Talvez tanto os horeus quanto os heveus estejam relacionados aos hurrianos, que são bem documentados arqueologicamente.

O fato de haver cerca de 25 ocorrências do nome "heveu(s)" no AT, quase um terço das quais aparecem em Josué, sugere que eles eram um povo distinto. Além dos heveus na Palestina, eles também apareceram no território Edomita ([Gn 36.2](#)). As referências do AT aos heveus incluem Hamor ([Gn 34.2](#)), os homens de Gibeão ([Js 9.7](#)), os heveus do norte ([Jz 3.3-8](#)) e aqueles que viviam perto de Tiro ([2Sm 24.7](#)). Durante o reinado de Salomão, os heveus e outros habitantes estrangeiros da terra foram feitos escravos; ou seja, foram colocados sob trabalho forçado ([1Rs 9.20-21](#); [2Cr 8.7](#)).

Hexateuco

Nome que significa "o livro sêxtuplo", dado a um agrupamento dos primeiros seis livros da Bíblia. Críticos bíblicos adicionaram Josué ao Pentateuco, o livro quártuplo (Gênesis a Deuteronômio), porque o conteúdo e o estilo de Josué o conectam intimamente com os elementos literários do Pentateuco, criando assim o Hexateuco.

Heziom

Tabrimom era o pai e avô de Ben-Hadade, rei da Síria. Ben-Hadade formou uma aliança com o Rei Asa de Judá (910-869 a.C.) e se opôs ao Rei Baasa de Israel (908-886 a.C.; [1Rs 15.18](#)).

Hezir

1. Levita e chefe da 17ª das 24 divisões de sacerdotes para o serviço do santuário, formadas durante o reinado de Davi ([1Cr 24.15](#)).

2. Líder israelita que colocou seu selo na aliança de Esdras durante a era pós-exílica ([Ne 10.20](#)).

Hezrom (Lugar)

Uma cidade na fronteira do território de Judá ([Js 15.3](#)). Em [Números 34.4](#), é provável que faça parte do nome Hazar-Adar.

Hezrom (pessoa)

1. Filho de Rúben ([Gn 46.9](#); [Êx 6.14](#); [1Cr 5.3](#)) e fundador da família Hezronita na tribo de Rúben ([Nm 26.6](#)).
2. Filho de Perez ([Gn 46.12](#); [Rt 4.18-19](#); [1 Cr 2.5-25](#); [4.1](#)) e fundador da família Hezronita na tribo de Judá ([Nm 26.21](#)), um antepassado de Jesus Cristo ([Mt 1.3](#); [Lc 3.33](#)).

Consulte também Genealogia de Jesus Cristo.

Hicsos

Um termo usado pelo historiador egípcio Maneton (que viveu por volta de 280 a.C.). "Hicsos" referia-se aos governantes estrangeiros das 15ª e 16ª dinastias do Egito (cerca de 1730 a 1570 a.C.). Eles foram chamados de "reis pastores" em um momento. No entanto, os estudiosos agora acreditam que esse nome surgiu de uma tradução equivocada de um texto egípcio.

Quem foram os hicsos?

Os hicsos eram semitas (pessoas relacionadas aos antigos hebreus), provavelmente entrando no Egito a partir da Síria e Palestina. Sua origem exata é incerta. Eles gradualmente se mudaram para o Egito durante o século XVIII a.C. Alguns podem até ter se casado com egípcios. Esse movimento foi facilitado porque o Egito estava fraco devido a lutas internas pelo poder. Alguns hicsos podem ter trabalhado em posições governamentais no Egito antes de assumirem o controle. Sua tomada de poder foi provavelmente mais um movimento político rápido do que uma grande conquista militar.

Como os hicsos governaram o Egito?

Os hicsos provavelmente estabeleceram sua capital em Qantir, na região do delta nordeste do Egito. Essa localização lhes permitiu manter conexões com a Palestina e a Síria. Qantir ficava perto de Gósen, onde os israelitas viveram durante seu tempo no Egito.

Os hicsos introduziram carros de guerra no Egito. Mais tarde, os egípcios usaram essa nova ferramenta militar para expulsar os hicsos do

Egito. A guerra com cavalos e carros tornou-se comum nos séculos seguintes. A presença dos hicsos também obrigou os egípcios a prestar atenção ao mundo mais amplo do Oriente Médio. Antes disso, os egípcios geralmente viam outros povos como não civilizados e se consideravam o centro cultural do mundo. Quando os hicsos foram expulsos por Ahmose por volta de 1570 a.C., o Egito iniciou um período de conquistas. Este foi o início de seu império, que durou do século XVI ao século XII a.C. Nenhum monumento do período dos hicsos foi encontrado. Quaisquer monumentos que existiram provavelmente foram destruídos quando o domínio egípcio retornou.

Qual é a conexão dos hicsos com a Bíblia?

A conexão entre os hicsos e a história de Israel é debatida. A questão principal está em entender [Êxodo 1.8](#): "Então, um novo rei, que não conhecia José, subiu ao poder no Egito". Existem duas visões principais:

- José viveu antes dos hicsos governarem o Egito.
- José viveu durante o domínio dos hicsos no Egito.

José viveu antes dos hicsos governarem o Egito?

Se José morreu pouco antes de 1800 a.C., e se os hicsos tomaram o Egito por volta de 1730 a.C., então o "novo rei" era um governante hicsos que não conhecia José. Ou talvez ele não tivesse motivo para respeitar os descendentes de José, mesmo que soubesse sobre ele. A dura escravidão descrita em [Êxodo 1.9-14](#) teria, segundo essa visão, sido iniciada pelos hicsos. Os hicsos podem ter sido menos numerosos que os hebreus e temiam uma revolta (versículo [9](#)). Ou os hicsos podem ter temido que os hebreus se unissem aos egípcios para derrubá-los (versículo [10](#)). Nesta visão, o Faraó que ordenou às parteiras hebreias que matassem os meninos hebreus recém-nascidos (versículo [15](#)) governou o Egito após os hicsos serem derrubados. Isso significaria que há um intervalo de pelo menos 150 anos entre os versículos [14](#) e [15](#).

José viveu durante o governo dos hicsos no Egito?

José chegou ao Egito durante o governo dos hicsos, não antes disso. Essa visão assume que

governantes semitas como os hicsos acolheriam outro semita em seu governo. Eles também não se oporiam à família de Jacó se estabelecendo no Egito. Além disso, o fato de a família de Jacó ter vivido em Gósen se encaixa com o que sabemos sobre os hicsos controlando essa região. Essa visão também pode explicar por que os registros egípcios não mencionam José. Seu nome pode ter sido removido para evitar ofender o orgulho nacional egípcio posterior. Se esse raciocínio estiver correto, o "novo rei que não conhecia José" chegou ao poder após os hicsos terem sido derrubados. Depois que os egípcios derrotaram os hicsos, eles também teriam escravizado os hebreus, outro grupo semita.

Os hicsos adoravam o mesmo Deus que os hebreus?

Em ambos os casos, é evidente que os hicsos e os hebreus tinham crenças religiosas distintas. Os hicsos adoravam os deuses cananeus, especialmente Baal, em sua terra natal. Quando governaram o Egito, eles combinaram essa adoração com a do deus-sol egípcio.

Hidai

O nome de um dos valentes do rei Davi ([2Sm 23.30](#), veja também a nota na margem da NVT).

Veja também Gaás #2.

Hidequel

Um nome hebraico para o Rio Tigre ([Gênesis 2.14](#); [Daniel 10.4](#)). *Veja* Rio Tigre.

Hidropisia

Um termo médico antigo para o excesso de fluido aquoso em qualquer tecido ou espaço do corpo.

Hidropisia, mencionada em [Lucas 14.2](#), é um sintoma de distúrbios graves, como doenças do coração, rins ou fígado. Jesus curou um homem "que tinha hidropisia", mas sua doença não é descrita. A palavra "hidropisia" está agora desatualizada. Ela foi substituída por termos médicos mais específicos:

- Hidropisia no estômago agora é chamada de *ascite*
- Hidropisia na ou abaixo da pele é chamada de *edema*
- Hidropisia nos pulmões agora é chamada de *hidrotórax*

Hidropisia não é mencionada diretamente no Antigo Testamento. Uma referência a pés inchados ([Dt 8.4](#)) poderia se referir a *edema pedal* ou simplesmente a bolhas.

Veja também Medicina e prática médica.

Hiel

Betelita nos dias do Rei Acabe que cumpriu a maldição de Josué sobre a cidade de Jericó ([Js 6.26](#); [1Rs 16.34](#)). Josué havia dito séculos antes que qualquer um que tentasse reconstruir a cidade sofreria a perda de seus filhos mais velhos e mais novos. Não está claro se os filhos de Hiel morreram de morte natural ou foram mortos em um ritual punitivo.

Hiena

Uma hiena (*Hyaena hyaena*) é um animal selvagem semelhante a um cão, com pelo áspero e uma crina rígida ao longo do pescoço e das costas. A hiena têm pelos longos no pescoço e nas costas. Esses animais vivem em buracos entre rochas e barrancos. Principalmente, são ativos à noite. Normalmente, são quietos e não agressivos. No entanto, seu choro é um som peculiar e desagradável.

Hienas são necrófagas que se alimentam principalmente de animais mortos deixados por outros predadores. Elas usam suas mandíbulas fortes para esmagar ossos. Se houver poucos animais mortos por perto, elas caçam pequenos animais como ovelhas e cabras. Quando ameaçadas, elas rosnam e levantam sua juba. No entanto, raramente se envolvem em lutas. Hienas são robustas, com patas dianteiras mais longas do que as traseiras.

Na África, as hienas são chamadas de carniceiras. Elas consomem resíduos das aldeias. Na Palestina, a hiena listrada caça em áreas rochosas e túmulos. Conhecidas por invadir sepulturas, as hienas levaram os israelitas a proteger seus túmulos com

pedras pesadas para mantê-las afastadas. Absalão, filho do rei Davi, foi morto por Joabe. Para proteger seu corpo, ele foi enterrado sob um grande monte de pedras ([2Sm 18.17](#)).

Hierápolis

Cidade localizada no sudoeste da Frígia, estrategicamente situada entre Colossos a leste e Laodiceia ao sul. A fundação da cidade é atribuída a Eumenes II de Pérgamo (197–160 a.C.). Hierápolis, devido às suas fontes minerais e à caverna profunda conhecida como Plutônio, tornou-se um centro de culto para a adoração dos deuses frígios. Vapores letais emanavam da caverna, que se acreditava ser uma entrada para o submundo. Os residentes acreditavam que um sacerdote estava sentado no fundo da caverna e que, em certas ocasiões, profecias seriam proferidas para aqueles que as buscavam. Os banhos minerais atraíam visitantes e, gradualmente, a cidade desenvolveu-se em um importante centro comercial. Com o domínio romano, Hierápolis tornou-se parte da província da Ásia.

Sob a influência de Paulo, o cristianismo se firmou ali durante sua estadia em Éfeso. Paulo menciona Hierápolis em conexão com o crente Epafras, que trabalhou diligentemente pelos habitantes, bem como por aqueles em Laodiceia e Colossos ([Cl 4.13](#)). Mesmo que vários cristãos primitivos tenham sido martirizados lá, a igreja continuou a crescer. No quarto século, os cristãos fecharam o Plutônio com pedras.

Hieróglifos

Uma forma primitiva de escrita que utiliza sinais pictóricos. Várias civilizações desenvolveram hieróglifos de forma independente, incluindo os egípcios, hititas, maias e cretenses. Os hieróglifos mais conhecidos são os egípcios.

Os hieróglifos egípcios começaram como imagens das coisas que representavam. Por exemplo, um círculo com raios ao redor significava o sol. Essa escrita surgiu no Egito por volta de 3000 a.C. As pessoas geralmente os esculpam em pedra, mas às vezes os escrevem em papiro com uma caneta de junco.

À medida que o papiro se tornou mais comum, os símbolos de pedra eram difíceis de escrever rapidamente. Assim, escribas e contadores criaram

uma versão mais fácil de escrever, chamada hierático. Mais tarde, eles desenvolveram uma versão ainda mais curta, chamada demótico.

À medida que a escrita evoluiu, a forma como os sinais eram usados também mudou. No início, eram símbolos pictóricos. Mais tarde, passaram a representar sons. Por exemplo, poderíamos usar a figura de um “pão” para representar a palavra “mão”, porque “pão” e “mão” soam de forma parecida. Os egípcios, porém, não transformaram esses sinais em um alfabeto, como muitos de seus vizinhos fizeram.

Os egípcios usaram hieróglifos até o século V d.C. Depois, mudaram para a escrita alfabética usando latim e grego. Durante a Idade Média, as pessoas não sabiam muito sobre hieróglifos. O interesse cresceu novamente durante o Renascimento, mas os estudiosos não conseguiam entender a escrita.

Os hieróglifos permaneceram um mistério até que a equipe de Napoleão encontrou a Pedra de Roseta no Egito em 1799. Esta pedra tinha inscrições em grego, demótico e hieroglífico. Vinte e cinco anos depois, um francês chamado Jean-François Champollion descobriu como ler os hieróglifos.

Hierônimo

Governante helenístico no período intertestamentário. Hostil em relação aos judeus palestinos que se recusavam a aceitar os costumes gregos, Antíoco Eupátor enviou seu vice-regente Lísias com 80.000 tropas para impor conformidade. Macabeu e seu grupo, liderados por um anjo, destruíram a expedição de Lísias e conseguiram um acordo que permitiu aos judeus manterem seus costumes ancestrais. No entanto, Hierônimo e os governadores distritais — Timóteo, Apolônio e Demofonte — não permitiram que os judeus vivessem em paz e tranquilidade ([2Mc 12.2](#)).

Higaiom

Notação musical no texto do [Salmo 9.16](#), presumivelmente indicando que o acompanhamento instrumental deve tocar suavemente. Consulte Música.

Hilel

1. Pai de Abdom, um dos juízes ([Jz 12.13–15](#)).

2. Professor e estudioso judeu (cerca de 60 a.C.–20 d.C.) que ajudou a desenvolver a lei oral e pode ter fundado o judaísmo rabínico. Hilel foi chamado de “o Ancião”, um título que indica uma pessoa em posição de honra, geralmente dado àqueles que estavam à frente da comunidade. Nascido na Babilônia, ele se mudou para a Palestina para estudos mais avançados sob a orientação de dois estudiosos notáveis, Semaías e Abtalion. Ele ganhou reconhecimento pela primeira vez quando os filhos de Bathyra, os principais intérpretes da Lei na época, não conseguiram decidir sobre uma resposta para um importante problema legal, a saber, se a oferta do cordeiro pascal anulava as proibições do sábado. Tendo ouvido que havia um homem vivendo em Jerusalém que havia estudado sob Semaías e Abtalion, eles chamaram Hilel e lhe contaram o problema. A resposta de Hilel foi que a oferta pascal tinha precedência sobre o sábado, e ele argumentou seu ponto de vista tão bem que sua decisão foi aceita. Ele foi então nomeado para substituir os filhos de Bathyra. No entanto, argumenta-se que a nomeação de Hilel dificilmente pode ser atribuída apenas a este único incidente.

Hilel foi uma das primeiras pessoas a aplicar princípios avançados de interpretação na determinação da lei prática e da ação. Assim, ele é especialmente importante para o desenvolvimento do Talmud e da lei oral. Essas regras forneceram a base para a interpretação rabínica posterior.

Existem muitas histórias que descrevem o caráter de Hilel, retratando-o como um homem de grande humildade e extrema paciência, que busca a paz mesmo à custa da verdade. Ele é geralmente contrastado com seu colega Shamaí, que é retratado como impaciente e mal-humorado. A história mais famosa fala de um pagão que veio a Shamaí para se converter com a condição de que ele lhe ensinasse toda a Lei enquanto estivesse de pé em um só pé. Shamaí o desprezou, então o pagão foi até Hilel. Hilel respondeu: “O que é odioso para você, não faça ao seu próximo; esta é toda a Lei, o resto é comentário. Agora vá e aprenda”. Hilel assim se tornou um modelo para os judeus ao longo da história.

Veja também Judaísmo; Shamaí #4; Talmude.

Hilém

Nome alternativo para Holom, uma cidade atribuída aos levitas, em [1 Crônicas 6.58](#). *Veja* Holom #1.

Hilquias

1. Pai de Eliaquim, um supervisor na casa do rei Ezequias ([2Rs 18.18,26](#); [Is 22.20](#); [36.3,22](#)).

2. Sumo sacerdote e filho de Salum no reinado do rei Josias que, durante a reparação do templo, encontrou o Livro da Lei ([2Rs 22.3-14](#); [1Cr 6.13](#); [9.11](#); [2Cr 34.14-22](#)). De acordo com [Esdras 7.1](#) (cf. [1Ed 8.1](#)), ele também foi um ancestral de Esdras. Ele é uma figura importante nos eventos que cercam a reforma religiosa de Josias, não apenas porque encontrou o Livro da Lei, mas também porque conduziu os mensageiros do rei para consultar a profetisa Hulda sobre a Palavra de Deus ([2Rs 22.14](#)) e mais tarde presidiu a purificação do templo ([23.4](#)).

3. Levita merarita, filho de Anzi e pai de Amazias ([1Cr 6.45](#)).

4. Levita merarita e filho de Hosa, que foi nomeado como porteiro no templo por Davi ([1Cr 26.11](#)).

5. Companheiro de Esdras na leitura pública da lei ([Ne 8.4](#)). Os estudiosos discordam sobre se ele era leigo ou sacerdote.

6. Sacerdote entre os exilados que retornaram ([Ne 12.7](#)).

7. Sacerdote de Anatote que foi o pai de Jeremias ([Jr 1.1](#)).

8. Pai de Gemarias, a quem o rei Zedequias enviou para Babilônia com uma carta de segurança de Jeremias ([Jr 29.3](#)).

Him

Medida líquida equivalente a um sexto de um bato, ou cerca de um galão (3,8 litros). *Veja* Pesos e medidas.

Himeneu

Um cristão que provavelmente era de Éfeso. Paulo escreveu sobre ele em duas cartas como alguém que se afastou do verdadeiro ensino cristão. Paulo

mencionou primeiro que Himeneu e Alexandre haviam rejeitado sua consciência e prejudicado sua fé ([1Tm 1.19-20](#)). Paulo diz que Himeneu “se desviou da verdade” ([2Tm 2.18](#)). A passagem em 1 Timóteo menciona Himeneu com Alexandre. Eles são vistos como tendo rejeitado a fé e naufragado sua fé. A seriedade de sua ofensa é evidente.

Paulo tomou uma ação firme contra Himeneu ao “entregá-lo a Satanás”. Embora não tenhamos certeza completa do que isso significa, pode ter incluído tanto sofrimento físico quanto ser separado de outros cristãos. Paulo não fez isso para destruir Himeneu, mas para ajudá-lo a aprender a não falar contra a verdade de Deus (cp. [1Co 5.5](#)).

No entanto, parece que essa correção não funcionou. Em [2 Timóteo 2.17-18](#), Himeneu é mencionado como alguém que está “minando a fé de alguns”. Ele e Fileto ensinaram que a ressurreição já havia ocorrido. Parece que ele ensinava que a ressurreição acontecia quando uma pessoa se tornava cristã e era batizada. Esse falso ensino provavelmente surgiu de um mal entendido de [Romanos 6.1-11](#) e [Colossenses 3.1](#). Himeneu afirmava que a ressurreição era apenas um evento espiritual que ocorria quando a alma de uma pessoa despertava do pecado, em vez de uma realidade física futura.

Veja também Fileto.

Hino, Hinário

Veja Música; Poesia, Bíblica.

Hinom, Vale de

Uma ravina profunda e estreita ao sul de Jerusalém que marcava a fronteira entre os territórios de Judá e Benjamim. *Veja* Geena.

Hipocrisia

O ato de fingir ser o que não é, especialmente a falsa aparência de ser religioso ou virtuoso. Nossa compreensão moderna da palavra “hipocrisia” é determinada por seu uso no NT, especialmente por Jesus. Tanto no NT quanto nos entendimentos subsequentes, o termo muitas vezes significava engano, representando erroneamente a verdade, ou alegando virtudes, ou qualidades que alguém não possui.

Em contraste com seu significado consistentemente negativo na Bíblia, a hipocrisia, como primeiro usada pelos gregos, era uma palavra neutra. Em sua forma verbal, significava “explicar, interpretar ou expor”. Embora o substantivo “hipocrisia” possa significar “resposta”, a outra forma substantiva, “hipócrito”, quase sempre significava “ator” e provavelmente veio do verbo que significa “expor”.

Originalmente, um hipócrito poderia ser um orador ou ator que interpretava as palavras de um poeta ou a música de um compositor. O ator, ou hipócrito, tentava tornar inteligível para seu público o que o poeta ou compositor havia escrito. Em uma escala maior, o hipócrito poderia ser um ator entre os outros em um drama realizado em um palco. Um bom hipócrito interpretava fielmente seu papel assumido, enquanto um hipócrito indesejável interpretava mal o seu papel. Devido à essencial neutralidade da palavra, palavras complementares eram necessárias para definir sua direção.

Nos tempos helenísticos (ca. 325–125 a.C.), o mundo era comumente visto como um palco e toda a conduta humana como a arte de atuar. O papel e o roteiro de alguém eram moldados por seu ambiente familiar, cultural e religioso e podiam ser realizados de maneira bem-sucedida ou não. Quando usada neste sentido, a hipocrisia não carregava a ideia de fingimento ou farsa. No entanto, há casos em que o termo “hipócrito” foi usado para descrever uma pessoa que desempenhou o papel da vida de forma enganosa. A imagem apresentada ao público era apenas uma máscara por trás da qual o verdadeiro e diferente eu permanecia oculto.

Os Evangelhos muitas vezes usam os termos “hipocrisia” ([Mt 23.28](#); [Mc 12.15b](#); [Lc 12.1](#)) e “hipócrito” ([Mt 7.5](#); [24.51](#); [Lc 6.42](#); [13.15](#)) para registrar o conflito entre Jesus e seus oponentes. Com relação aos fariseus e saduceus, Jesus detectou um contraste flagrante entre suas formas externas de justiça e seu fracasso em abraçar os aspectos mais substanciais da retidão: misericórdia, justiça, humildade, perdão e amor para com os desprezados ([Lc 11.38,42](#)). Eles escondiam seu fracasso neste caso atrás de fingimento piedoso ([Mc 7.1–13](#)). Internamente, eles estavam cheios de ganância e maldade ([Lc 11.39](#)). A hipocrisia define aquele que apresenta uma aparência externa de justiça, mas que é interiormente marcado pela maldade ([Mt 23.28](#)).

Jesus condenou a hipocrisia porque distorce o mandamento justo de Deus. Em vez de buscar uma

autêntica santidade interior, os hipócritas distorciam a justiça para um molde rígido que tinha como principal utilidade a exibição diante das pessoas ([Mt 23.2–7](#)). A ideia deles de justiça revelava uma concepção distorcida de Deus e uma compreensão perversa de como ele reconcilia os pecadores consigo mesmo ([Lc 16.15](#)). Os hipócritas, que alegavam interpretar Deus para os humanos, na verdade, o representavam mal. Consequentemente, sua falsificação levava os pecadores para longe de Deus, em vez de para a reconciliação com ele ([Lc 11.52](#)). Os hipócritas não apenas impedem que os outros entrem no reino de Deus, mas também se abstêm de entrar ([Mt 23.13](#)).

Hipopótamo

Um grande animal mencionado na Bíblia que foi interpretado de diferentes maneiras. A NTLH traduz este termo diretamente como “Beemote”. Hoje, a maioria dos estudiosos concorda que se refere ao hipopótamo (*Hippopotamus amphibius*). Este é um grande animal aquático com pele grossa, uma cabeça grande, um corpo pesado sem pelos e pernas curtas. Tem unhas que se assemelham a pequenos cascos (semelhantes às patas duras de cavalos e vacas).

A descrição em [Jó 40.15–24](#) corresponde de perto ao hipopótamo moderno. A única diferença é a forma como a cauda é descrita. Hoje, os hipopótamos vivem apenas em rios africanos. No entanto, os cientistas encontraram evidências fósseis de que os hipopótamos já viveram em partes de Israel e Palestina, possivelmente nas zonas úmidas do norte da Galileia e no Vale do Jordão.

O hipopótamo possui sentidos bem desenvolvidos. Seus olhos, ouvidos e narinas estão posicionados de forma que ele possa ver, ouvir e cheirar enquanto permanece quase totalmente submerso. Ele tem uma boca grande, presas grandes e uma garganta curta e grossa. Suas pernas são tão curtas que sua barriga quase toca o chão ao caminhar em terra. O hipopótamo se alimenta de plantas e ervas que crescem nos rios. Quando a comida do rio é escassa, ele busca alimento em terra, geralmente à noite. Mesmo com um corpo pesado, o hipopótamo pode se mover surpreendentemente rápido em terra.

Hippos

Uma das cidades da Decápolis (uma confederação de 10 cidades gregas) estabelecida na Palestina após a morte de Alexandre, o Grande (323 a.C.; também chamada de Sussita); não mencionada na Bíblia. Sua localização é incerta, mas provavelmente estava a 13 quilômetros ao norte de Gadara e 6 quilômetros a leste do Mar da Galileia, perto da estrada para Damasco. Sua posição era estrategicamente importante para a defesa de Jerusalém, enquanto sua localização também era ideal para o comércio, através do qual exportava não apenas suas mercadorias, mas também a cultura grega.

Veja também Decápolis.

Hira

Adulamita e amigo de Judá, dono da casa que Judá foi depois que ele e seus irmãos venderam José ([Gn 38.1](#)). Ele acompanhou Judá à tosquia das ovelhas após a morte da esposa de Judá (v. [12](#)) e serviu como mensageiro para levar um cabrito de Judá a Tamar (v. [20](#)).

Hirão

1. Um rei de Tiro que governou durante o tempo do rei Davi e do rei Salomão. Após Davi conquistar Jerusalém e torná-la sua capital, Hirão enviou madeira de cedro, pedreiros e carpinteiros para construir seu palácio ([2Sm 5.11](#); [1Cr 14.1](#)). Hirão permaneceu amigo de Davi durante toda a sua vida ([1Rs 5.1](#)). Após a morte de Davi, ele continuou essa amizade com Salomão. Quando Salomão estava pronto para construir o templo, Hirão forneceu madeira das florestas do Líbano, ouro e artesãos habilidosos para ajudar a construir e mobiliar o templo. Em troca, Salomão deu a Hirão trigo e óleo para sua casa. Além disso, Salomão deu a Hirão 20 cidades na Galileia. Mas a Bíblia nos diz que Hirão não ficou satisfeito com elas ([1Rs 5.1-11](#); [9.10-14](#)). Embora os israelitas não fossem um povo marítimo, Salomão mantinha uma frota de navios em Ezion-Geber ([1Rs 9.26-28](#)). Hirão ajudou Salomão fornecendo marinheiros e talvez navios para que a frota de Salomão funcionasse adequadamente. Os fenícios eram conhecidos como excelentes marinheiros que viajavam pelo Mar Mediterrâneo até o oeste, em Társis, na Espanha. Hirão provavelmente era filho de Abibal. Ele governou em Tiro por 34 anos e morreu aos 53 anos. Historiadores fenícios registram que Salomão se casou com a filha de Hirão.
2. Um artesão de Tiro que trabalhou no templo de Salomão. Diziam que ele era filho de um homem de Tiro e de uma mulher da tribo de Naftali ([1Rs 7.13-14](#)). Mas [2 Crônicas 2.14](#) diz que sua mãe era das “filhas de Dã”. É possível que seus ancestrais fossem da tribo de Dã (compare [Êx 38.23](#)). Ele criou vários móveis para o templo:

- Dois pilares de bronze.
- Os capitéis decorativos (topos) que adornavam os pilares.
- O grande tanque de bronze chamado "mar fundido" e os 12 bois de bronze sobre os quais ele estava apoiado.
- Duas bacias menores com seus suportes.
- Pás, vasos e outros recipientes.

Seu nome também é escrito Hurão em [2 Crônicas 4.11](#). Ele é chamado Hurão-Abi (Abi significa "mestre") em [2 Crônicas 2.13](#) e [4.16](#).

Hircano

1. João Hircano, governante hasmoneu. *Veja* Hasmoneus.

2. O filho de Tobias, que tinha uma grande quantia de dinheiro depositada no templo durante o tempo de Heliodoro ([2Mc 3.11](#)).

Hissopo

Uma planta de manjerona síria ou egípcia ([Êx 12.22](#); [Lv 14.4](#)).

Veja Plantas.

Hititas

Pessoas bíblicas que figuram amplamente nas promessas de uma terra para os descendentes de Abrão e os filhos de Israel. Antes desconhecidos pela história secular e considerados um povo mítico por alguns críticos da história bíblica, informações sobre os hititas foram descobertas por arqueólogos e historiadores, e agora sabe-se que eles tinham um império centrado na Ásia Menor. Eles possuíam força militar suficiente para desafiar os exércitos do Egito sob o vaidoso Ramsés II e lutaram com ele até um impasse em Cades no Orontes.

Na maior parte, as referências bíblicas não sugerem que os hititas fossem mais do que um grupo menor, mas a associação dos reis hititas e do Egito com o comércio de cavalos de Salomão e seu envolvimento nos conflitos da Síria e Israel na monarquia dividida indicam que os hititas eram um povo de grande importância.

Geografia

O Império Hitita tinha seu centro na Anatólia (Ásia Menor, atual Turquia), com sua capital em Hattusas (atual Baghazkoy) na curva do Rio Halys (atual Kizil Irmak). O império às vezes se estendia por uma área muito maior sem limites definidos, já que incluía cidades-estado que eram dependências do reino da Anatólia, relacionadas a ele por tratados, mas de outra forma não faziam parte dele. Devido à sua presença na Palestina-Síria, os hititas fizeram sua influência ser sentida no Egito e são bem conhecidos pela arte e inscrições daquele país. A presença dos hititas na Palestina é amplamente atestada na Bíblia, e o poder dos hititas em cidades palestinas como Hebrom é indicado nos tempos dos patriarcas.

História

Os hititas foram um dos vários grupos de povos, considerados nem semitas nem indo-europeus, que ocuparam o planalto da Anatólia no terceiro milênio a.C. No final deste milênio, os indo-europeus invadiram a área e assumiram o poder político.

A história, no verdadeiro sentido, ou seja, baseada em registros escritos, começa na Anatólia por volta de 1900 a.C. com a chegada dos comerciantes assírios. Esses mercadores se estabeleceram em várias cidades e se comunicavam com sua terra natal usando tábuas cuneiformes. Vários desses registros foram encontrados perto de Kayseri. Eles mencionam a luta entre os principados hititas pela supremacia na Anatólia e referem-se a um Rei Anittas, conhecido por fontes hititas de data posterior.

Durante o século XV a.C., o domínio dos hurritas foi quebrado pelas campanhas do rei egípcio Tutmés III, mas outro reino hurrita, Mitanni, logo se destacou na Ásia Ocidental. Mitanni representava uma ameaça para os hititas, mas com a chegada de um monarca ambicioso e energético, Suppiluliuma I (c. 1380–1340 a.C.), houve um ressurgimento da vitalidade hitita e da força do império. Este foi o período da escrita das cartas de Amarna, que testemunham a situação confusa na Palestina-Síria.

Suppiluliuma realizou uma brilhante expedição militar contra Mitanni e, então, combinando força com genialidade diplomática, criou uma zona de amortecimento de cidades-estado vassalas, que estavam ligadas a ele por tratados, cujas cópias foram encontradas nos arquivos hititas.

Durante a primeira metade do século XIV, a apatia de Amenófis III e a preocupação religiosa de Akenatón permitiram que o império asiático do Egito se tornasse apenas uma lembrança. No entanto, com o início da 19ª dinastia, os egípcios se empenharam em recuperar o que haviam perdido. A disputa pela Palestina-Síria atingiu seu clímax com a famosa batalha de Cades no rio Orontes, onde os carros hititas inicialmente levaram vantagem. Ramsés II celebrou a batalha como uma vitória, embora tenha escapado com vida por pouco. O rei hitita, Muatal II, também reivindicou um triunfo, mas politicamente a batalha foi inconclusiva. O rei hitita seguinte, Hatusil III, assinou um tratado com Ramsés II no 21º ano do reinado do faraó egípcio; o pacto foi selado pelo casamento da filha de Hatusil III com Ramsés II.

Por volta do meio do século 13 a.C., os hititas foram ameaçados pelo oeste pelos Ahhiyawa, possivelmente associados aos aqueus e aos Povos do Mar (veja Filístia, Filisteus). Foi uma onda dos Povos do Mar que levou o Império Hitita ao fim por volta de 1190 a.C. e avançou ao longo da costa oriental do Mediterrâneo até ser finalmente detida no Delta do Nilo por Ramsés III.

No norte da Síria, cidades-estado independentes continuaram a ser governadas por reis com nomes hititas e ergueram monumentos inscritos com hieróglifos hititas. Os assírios continuaram a se referir à área como a Terra de Hatti, e o Antigo Testamento menciona esses governantes de principados como "reis dos hititas". Esses pequenos reinos logo foram submetidos a tributo assírio e se tornaram províncias assírias nos reinados de Salmanaser V e Sargão II, os governantes que também puseram fim ao reino do norte de Israel ao conquistar Samaria em 721 a.C.

Línguas e literatura

Nos textos encontrados em Boghazkoy, oito idiomas diferentes foram utilizados. Destes, apenas dois, o hitita e o acadiano, foram usados para registros reais oficiais. O acadiano era a língua franca do império e também o principal idioma das tábuas de Amarna. O hurriano é o único outro idioma no qual textos completos foram escritos. Os outros idiomas aparecem principalmente em

passagens curtas em documentos religiosos hititas, e um é identificado apenas por alguns termos técnicos.

Havia oito idiomas: (1) Hitita, também chamado de Nesita, foi reconhecido por B. Hrozný como tendo afinidades com o indo-europeu. Essa proposta foi inicialmente recebida com ceticismo entre os estudiosos, mas foi provada além de qualquer dúvida. (2) Hático (Hatiano), a língua do povo aborígene da Anatólia, é usada para discursos dos sacerdotes na realização do ritual cultural relacionado ao panteão hitita. (3) Luvita é outra língua indo-europeia, intimamente relacionada ao hitita. (4) Palaico, uma língua pouco conhecida, também é indo-europeia. (5) Hurriano aparece em muitos textos rituais. Fragmentos de uma tradução hurriana do Épico de Gilgamesh foram encontrados. Uma das tábuas de Amarna, escrita por Tushratta, rei de Mitanni, para Amenófis III, estava em hurriano. Também estão representados (6) a língua ariana dos governantes de Mitanni, (7) acadiano e (8) sumeriano. Além da escrita cuneiforme, os hititas usavam hieróglifos, que foram encontrados inscritos em pedra e chumbo.

Os arquivos hititas continham textos de documentos oficiais, como tratados, leis, instruções, anais dos reis, cartas e outros registros históricos. Havia uma vasta literatura religiosa, incluindo mitos, lendas, épicos, encantamentos, rituais, presságios, orações e descrições de festivais e suas celebrações.

As pessoas

A diversidade linguística característica da civilização hitita é paralela à grande mistura de origens étnicas, especialmente na extensão geográfica coberta pelo império. A aparência física dos hititas é conhecida a partir de seus próprios relevos e de representações em monumentos egípcios. Suas representações mostram os hititas com rostos pouco atraentes, casacos pesados, chapéus altos e pontudos, e sapatos com pontas viradas para cima.

Religião

Os hititas possuíam um panteão de divindades, conhecidas pelo nome nas inscrições e pela presença nos relevos. Os deuses podem ser identificados por uma arma ou ferramenta na mão direita, um símbolo na mão esquerda, asas ou apetrechos semelhantes, ou pelo animal sagrado sobre o qual uma divindade pode estar.

Um deus principal era o deus do clima, cujo animal sagrado era o touro. Da multiplicidade de cultos locais, surgiu um panteão oficial, liderado pela deusa do sol, Arinna, que era a divindade suprema do estado e do rei. Os tratados dos hititas geralmente contêm uma longa lista de divindades que serviam como testemunhas do tratado e do juramento.

Hititas e a Bíblia

O nome "hitita(s)" ocorre quase 50 vezes no AT, mas não aparece no NT. Se incluirmos as ocorrências do nome de Hete, o pai dos hititas, há mais de 60 citações na Bíblia. A maioria está relacionada à presença dos hititas em Canaã. Seu progenitor e epônimo, Hete, é listado em segundo lugar entre os filhos de Canaã na "tabela das nações" ([Gn 10.15](#); cf. [1Cr 1.13](#)). A maioria das referências aos "filhos de Hete" aparece na narrativa da compra da caverna de Macpela por Abraão ([Gn 23](#)).

As referências do AT aos hititas incluem [Gênesis 26.34](#); [27.46](#) (mulheres hititas); [49.29-32](#); [50.13](#) (Efrom); [Êxodo 33.2](#); [Números 13.29](#); [Deuteronômio 7.1](#); [20.17](#) (sua destruição); [Josué 11.3](#); [12.8](#) (ocupantes de Canaã); [1 Samuel 26.6](#); [2 Samuel 11-12](#) (Urias, um guerreiro sob Davi); [1 Reis 9.20](#); [10.29](#) (trabalhadores ou comerciantes sob Salomão); [11.1](#) (esposa de Salomão); [Esdras 9.1](#) (estrangeiros); [Ezequiel 16.3.45](#) (antepassados de Jerusalém).

Hizque

Ortografia ACF de Hizqui, filho de Elpaal, em [1 Crônicas 8.17](#). Veja Hizqui.

Hizqui

Filho de Elpaal, da tribo de Benjamim ([1Cr 8.17](#)). A NTLH usa a grafia "Hizequi".

Hoão

Rei amorreu de Hebrom, aliado a outros quatro reis em uma expedição de represália contra Gibeão por ter feito paz com Josué ([Js 10.3](#)). Eles foram derrotados e mortos na caverna de Maquedã (vv. [16-27](#)). A Bíblia TB2010 usa a grafia "Horão".

Hoba

Cidade para a qual Abraão perseguiu os exércitos sob Quedorlaomer ([Gn 14.15](#)). Sua localização é incerta, mas várias sugestões foram feitas. Alguns a equiparam com Hobá, cerca de 80 quilômetros a noroeste de Damasco; outros, com o território chamado Ube nas Cartas de Amarna; e ainda outros, com Tell el-Salihite, 16 quilômetros a leste de Damasco.

Hobabe

Um membro do povo midianita que estava ligado à família de Moisés ([Nm 10.29](#); [Jz 4.11](#)). Ele era sogro ou cunhado de Moisés. Se ele era sogro de Moisés, também era conhecido por dois outros nomes. Ele é geralmente chamado de Jetro ([Êx 3.1](#); [4.18](#); [18.1-12](#)). Mas também é chamado de Reuel ([Êx 2.18](#)). Jetro serviu como sacerdote de Midiã ([Êx 18.1](#)). Ele foi o ancestral do povo queneu ([Jz 4.11](#)).

Os estudiosos não têm certeza se Hobabe era sogro ou cunhado de Moisés. Em [Jz 4.11](#), Hobabe parece ser a mesma pessoa que Jetro. Algumas cópias antigas da Bíblia acrescentam o nome "Hobabe" ao mencionar "o queneu, sogro de Moisés" em [Jz 1.16](#). Elas também acrescentam seu nome ao falar sobre Reuel em [Êxodo 2.18](#). No entanto, [Números 10.29a](#) poderia significar que Hobabe era filho de Reuel (o que o tornaria cunhado de Moisés). Nesta passagem, Moisés pede a Hobabe para ajudar a guiar os israelitas pelo deserto porque ele conhecia bem a área.

Consulte também Jetro.

Hobaías

Chefe de uma família sacerdotal que retornou à Palestina com Zorobabel após o exílio. Ele não conseguiu provar sua genealogia sacerdotal e, portanto, não foi autorizado a realizar o serviço sacerdotal ([Ed 2.61](#); [Ne 7.63](#)).

Hodavias

1. Descendente pós-exílico de Davi ([1Cr 3.24](#)).
2. Chefe da meia tribo de Manassés, a leste do Jordão ([1Cr 5.24](#)).

3. O filho de Hassenuá e o pai de Mesulão, da tribo de Benjamim ([1Cr 9.7](#)).

4. Progenitor de uma família de levitas que retornou com os exilados da Babilônia ([Ed 2.40](#)); alternativamente chamado de Judá em [Esdras 3.9](#) e Hodeva em [Neemias 7.43](#).

Hode

Filho de Zofa, da tribo de Aser ([1Cr 7.37](#)).

Hodes

Nome dado à esposa de Saaraim, da tribo de Benjamim, em [1 Crônicas 8.9](#) (uma passagem textualmente corrompida).

Hodeva

Ortografia alternativa de Hodavias ([Ne 7.43](#)). *Veja* Hodavias #4.

Hodias

1. Um homem de Judá mencionado em [1 Crônicas 4.19](#).

2, 3, 4. Três dos homens que assinaram a aliança de Esdras ([Ne 10.10,13,18](#)) têm este nome; dois deles estão possivelmente entre aqueles que interpretaram a aliança para o povo na leitura pública da lei por Esdras ([8.7](#)) e ficaram sobre os degraus dos levitas durante o serviço de renovação da aliança ([9.5](#)).

Hofni

Irmão de Fineias, com quem serviu como sacerdote em Siló ([1Sm 1.3](#)). Ele era um homem mau que desrespeitava os rituais sacrificiais ([2.12-17](#)) e se comportava de maneira imoral (v. [22](#)). Condenado por Deus, Hofni morreu durante um ataque dos filisteus a Siló e seu santuário ([4.11](#)).

Hofra

Filho de Psâmis, governante do Egito de 589 a 570 a.C., durante a 26ª dinastia. Chamado de Faraó Hofra em [Jeremias 44.30](#), embora seja mencionado várias outras vezes durante o período do reino dividido ([Jr 37.5](#); [43.8-13](#); [Ez 29.1-3](#); [31.1-18](#)).

Ele assumiu o poder após a morte de seu pai e, em 589 a.C., marchou para Judá contra Nabucodonosor e os babilônios para ajudar Zedequias. Aparentemente, ele recuou diante de forças superiores, Jerusalém foi derrubada em 586 ([Jr 37.5-8](#)), e Hofra foi morto como profetizado ([Jr 44.30](#)). Isso ocorreu em 566 a.C., pelas mãos de Amásis (Ahmose II), que havia usurpado o trono do Egito em 569 a.C. Tanto Jeremias ([Jr 43.9-13](#); [46.13-26](#)) quanto Ezequiel ([Ez 29-30](#)) predisseram essa derrota.

Hogla

Uma das cinco filhas de Zeloфеade ([Nm 26.33](#); [27.1](#); [Js 17.3](#)). Zeloфеade era da tribo de Manassés. Ele não tinha filhos, então sua herança foi passada para suas filhas. Elas se casaram dentro de sua própria tribo, conforme Deus ordenou. Assim, sua terra permaneceu na tribo da família de seu pai ([Nm 36.11-12](#)).

Holofernes

De acordo com o livro de Judite, o principal general assírio sob o comando do rei Nabucodonosor ([Jt 2.4](#)) que foi ordenado pelo rei a "ir e atacar todo o país ocidental" (v. [6](#)). Ele devastou as nações uma após a outra (vv. [21-27](#)) e seu enorme exército espalhou terror por onde passava (v. [28](#)). Ele destruiu "todos os deuses da terra, para que todas as nações adorassem apenas Nabucodonosor, e todas as suas línguas e tribos o invocassem como deus" ([3.8](#)). Quando Holofernes fez um esforço determinado para tomar Betúlia ([7.1](#) e seguintes), as forças de Israel se reuniram e pegaram suas armas. Os judeus desesperados estavam prestes a se render quando a bela viúva Judite pediu permissão aos líderes dos judeus para ir até Holofernes ([8.32-34](#)). A permissão foi concedida e Judite invocou Deus para libertar seu povo ([9.2-14](#)). Ela "se fez muito bela" ([10.4](#)) e foi ao encontro de Holofernes "para lhe dar um relato verdadeiro" (v. [13](#)). Holofernes caiu sob o encanto da bela Judite, e no quarto dia de sua visita ele fez um

banquete e Judite foi convidada ([12.10-11](#)). Holofernes ficou bêbado, e quando todos os servos se foram, Judite pegou sua espada e cortou sua cabeça do corpo, levando-a de volta a Betúlia em um saco e mostrando-a aos líderes de Israel. Os israelitas jubilosos atacaram os assírios sem líder, que fugiram em pânico. Liderados por Judite, os judeus se uniram em celebração e louvor e ofereceram ações de graças em Jerusalém. Esta história de orgulho derrotado tem sido um tema favorito de artistas, incluindo Donatello e Dante.

Holom

1. Cidade nas terras altas da herança de Judá ([Js 15.51](#)) dada aos levitas ([21.15](#)). Em [1 Crônicas 6.58](#), a cidade é chamada de Hilém. Holom pode ser Khirbet 'Alin, a noroeste de Hebrom. *Veja* Cidades levíticas.

2. Cidade próxima a Hesbom, localizada na planície de Moabe ([Jr 48.21](#)).

Homã

1. O filho de Lotã, irmão de Hori e descendente de Seir, o horita ([Gn 36.22](#)).

2. Filho de Maol, descendente de Zerá da tribo de Judá e um dos sábios cuja sabedoria foi superada pelo rei Salomão ([1Rs 4.31](#); [1Cr 2.6](#)). Ele é possivelmente o ezraíta e autor do [Salmo 88](#).

3. Levita coaita, filho de Joel e um dos designados, junto com Asafe e Etã (também chamado Jedutum), por Davi para liderar os músicos no santuário ([1Rs 4.31](#); [15.17](#); [16.41](#)). Durante o transporte da arca da casa de Obede-Edom para Jerusalém, ele foi responsável por tocar os címbalos de bronze ([1Cr 15.19](#); [2Cr 5.12](#)). Hemã foi pai de 14 filhos e 3 filhas, todos os quais serviram como músicos na casa do Senhor ([1Cr 25.1-6](#)). Mais tarde, seus descendentes participaram da purificação do templo durante o reinado do rei Ezequias (715-686 a.C.; [2Cr 29.14](#)) e ajudaram na celebração da Páscoa iniciada pelo rei Josias (640-609 a.C.; [2Cr 35.15](#)).

Homã

Grafia alternativa de Hemã. Filho de Lotã ([1Cr 1.39](#)). *Veja* Hemã #1.

Homem

Ser humano, seja homem ou mulher.

O ensino bíblico sobre o homem começa com uma noção correta sobre Deus. A perspectiva bíblica da antropologia (ou seja, o estudo do homem) é centralmente exibida no contexto de uma teologia elevada (ou seja, o estudo de Deus). Uma visão alta e reverente de Deus leva a uma visão nobre e digna do homem, enquanto um conceito mal desenvolvido de Deus frequentemente produz uma perspectiva distorcida sobre o homem. Assim, o homem pode ser visto como mais importante do que deveria, ou o homem pode ser visto como menos importante do que é bíblico. Qualquer visão é sub-bíblica. O lugar para começar um estudo do homem (que neste artigo é usado como um termo genérico para ambos os seres humanos masculinos e femininos) é com uma visão de Deus, seu Criador.

Origem do Homem

Contra as teorias naturalistas e materialistas das origens, a visão bíblica começa com a afirmação de que o Deus eterno criou o homem, a mais significativa de todas as suas obras criadas. Não é necessário que alguém subscreva a um cenário cronológico específico para a obra de Deus na criação do homem. Alguns cristãos acreditam que a Bíblia ensina uma cronologia fechada em [Gênesis 1](#) composta de seis dias literais de 24 horas (cf. [Gn 1.5,8,13](#), etc.), com o aparecimento impressionante e súbito do homem ocorrendo talvez há apenas cerca de 6.000 anos (cf. as cronologias associadas, mas não limitadas ao arcebispo Tiago Ussher, *Annales*, 1650-58). Alguns que sustentam esse ponto de vista geral (às vezes chamado de ciência da criação) estendem a criação do homem para cerca de 10.000 anos atrás, com base em uma visão de alguma elasticidade nas cronologias de [Gênesis 5](#) e [11](#).

Outros acreditam que os textos de [Gn 1](#) e [2](#) podem ser interpretados de forma muito mais ampla para falar de uma antiguidade muito remota para a criação do homem (estendendo-se a milhões de anos). Eles argumentam que o processo (sob o controle e direção de Deus) pode ter desempenhado um papel significativo na obra criativa de Deus. Este ponto de vista é melhor denominado criacionismo progressivo, e deve ser contrastado com a evolução teísta, na qual Deus é geralmente visto como iniciando o processo, mas

tendo pouca participação uma vez que os processos estão em movimento. Na abordagem anterior, o termo hebraico “dia” (yom) em [Gênesis 1](#) pode referir-se a um período de tempo prolongado (por exemplo, a teoria do “dia-era”); assim, a expressão “uma tarde e uma manhã, o xº dia” pode ser um recurso literário para apresentar cenas sucessivas nas obras criativas de Deus através dos processos do tempo.

Muitos cristãos se encontram em algum lugar entre uma cronologia conservadora e uma ampla para a origem do homem. No entanto, apesar das preferências individuais, é necessário concordar com o trabalho criativo de Deus na produção do homem para pensar biblicamente sobre o homem. A essência da fé começa com as palavras “Eu creio em Deus Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra”.

O homem não é apenas criação de Deus, mas também o auge de seu esforço criativo. Muito antes da precisão moderna nessas coisas, os antigos estavam cientes das semelhanças anatômicas do homem com membros do reino animal. No entanto, apesar dessas semelhanças, o ponto de vista bíblico nunca coloca o homem no mesmo nível dos animais — o homem é distinto, o ponto alto da obra criativa de Deus, o ápice de seu artesanato. A progressão das coisas criadas em [Gênesis 1](#) é climática; todo o trabalho criativo de Deus culminou em sua formação do homem.

As características comportamentais distintas do homem incluem linguagem, fabricação de ferramentas e cultura. As características experienciais distintas incluem consciência reflexiva, preocupação ética, impulsos estéticos, consciência histórica e preocupação metafísica. Esses fatores, individual e coletivamente, separam o homem de outras formas de vida animal. O homem é muito mais do que o “macaco nu” de algumas teorias evolutivas modernas. Mas a sociologia por si só não é suficiente para explicar a plena natureza do homem. Esse é o assunto da revelação divina.

Embora o homem tenha continuidade com a criação de Deus (assumido nas palavras de [Gn 2.7](#), sendo formado do pó da terra), o homem também é distinto de tudo o que o precede porque Deus soprou nele o fôlego de vida para que se tornasse uma alma vivente ([2.7](#)). O homem foi criado por Deus como macho e fêmea ([1.27](#)), significando que o que é dito geralmente sobre o homem deve ser dito tanto do macho quanto da fêmea, e que a imagem mais verdadeira do que significa ser

humano será encontrada no contexto do homem e da mulher juntos. Os comandos para multiplicar e exercer soberania sobre a terra foram dados a ambos os sexos como responsabilidade compartilhada. Da mesma forma, é o homem como macho e fêmea que se rebelou contra Deus e suporta as consequências desse pecado primordial no mundo pós-queda, e é o homem como macho e fêmea que Cristo veio redimir (cf. [Gl 3.28](#)). Ao mesmo tempo, as palavras “macho” e “fêmea” denotam verdadeiras distinções. Muitas diferenças de gênero percebidas podem ser condicionadas culturalmente, ainda assim as distinções sexuais primárias entre macho (hebraico, zakar, “o perfurador”) e fêmea (hebraico, neqeba, “a perfurada”) são divinamente intencionadas. É necessário tanto o macho quanto a fêmea para exibir a imagem completa de Deus (veja [Gn 1.27](#)).

De fato, a afirmação bíblica mais impressionante sobre o homem é que Deus fez o homem *à sua imagem*. De nenhuma outra criatura, nem mesmo os anjos, tal declaração é encontrada. As palavras “à imagem de Deus” em [Gênesis 1.26–28](#) são a base para a paráfrase do salmista em [Salmo 8.5](#), “pois o fizeste pouco menor que Deus” (tradução literal; “inferior aos anjos”, tradução da Septuaginta). O significado da frase “a imagem de Deus” (Latim, *imago Dei*) tem sido objeto de muito debate. Alguns pensaram que a frase se refere a uma representação física de Deus, mas isso é duvidoso, pois Deus é espírito (cf. [Jo 4.24](#)). Outros acreditam que a frase se refere à personalidade do homem, que corresponde à personalidade de Deus (tendo intelecto, sensibilidades e vontade). Tais qualidades do homem podem ser encontradas na imagem de Deus; no entanto, esses variados aspectos da personalidade também são compartilhados por outros membros do reino animal e não são exclusivos da espécie humana.

O significado básico da palavra “imagem” (hebraico, tselem) é “sombra”, “representação” ou “semelhança”. A imagem de Deus no homem revela a perspectiva de Deus sobre o valor e a dignidade do homem como uma representação ou sombra de si mesmo no mundo criado. Reis antigos da Assíria eram conhecidos por ter imagens físicas de si mesmos colocadas em distritos distantes como um lembrete para aqueles que poderiam estar propensos a esquecer que essas áreas faziam parte do império. Assim, Deus colocou no homem uma sombra de si mesmo, uma representação de sua presença, no mundo que ele criou.

Esta visão da imagem de Deus no homem parece ser confirmada pelo contexto imediato em [Gênesis 1](#). O homem, criado à imagem de Deus, deve ter domínio sobre todas as outras obras de Deus ([Gn 1.26](#); veja também [Sl 8.5](#)). Além disso, como representante do Criador, o homem deve responder a ele. A afirmação de Jesus sobre a espiritualidade de Deus resulta em uma resposta de adoração em espírito e em verdade ([Jo 4.21-24](#)).

A natureza do homem

Pode-se tender a pensar no homem em partes, mas a ênfase bíblica está no homem como um todo. Os debates continuam sobre a natureza tripartida (três partes) do homem (cf. [1 Ts 5.23](#)) — espírito, alma e corpo — em oposição à natureza bipartida (duas partes) do homem, material e imaterial. Embora a Bíblia pareça apoiar ambas as posições, a questão mais importante em relação à natureza do homem é sua unidade, em vez do número de suas partes. Assim, uma visão bíblica do homem começa na afirmação de que se é uma pessoa composta de propriedades físicas e não físicas. Nas palavras de Karl Barth, a pessoa humana é “alma corporal, como também é corpo com alma”. Não há pessoa apenas no corpo, nem se pode facilmente pensar em um espírito sem corpo como uma pessoa, exceto em um estado temporário e transitório. O termo hebraico nefesh, muitas vezes traduzido como “alma”, é melhor traduzido como “pessoa” na maioria dos contextos. A palavra hebraica ruach (“sopro,” “vento,” “espírito”) e as palavras gregas pneuma (“espírito”) e psuche (“alma”) frequentemente falam da parte imaterial do homem. Isso não é menos real do que o físico. Uma visão puramente material e física do homem é assustadoramente deficiente. Ao mesmo tempo, uma ênfase excessiva no espírito e uma desvalorização do físico não é nem realista nem equilibrada. Pode-se dizer: “Sou uma pessoa cuja existência depende atualmente muito do meu corpo físico. Mas sou mais do que corpo, mais do que carne. Quando meu corpo morre, ainda vivo. Quando minha carne se decompõe, eu existo. Mas um dia viverei em um corpo novamente. Pois a noção de um espírito desencarnado não é a medida completa da minha humanidade. O ideal de Deus para mim é viver minha vida no meu [novo] corpo. Assim, na esperança do estado eterno, acredito na ressurreição do corpo e na vida Eterna”.

Não se pode avançar muito ao pensar na natureza do homem do ponto de vista bíblico sem primeiro enfrentar o problema da queda. [Gênesis 3](#) sugere que o homem não caído era imortal, que seus

poderes de reprodução sexual não estavam originalmente ligados à dor no parto, e que seu trabalho não era perturbado por reveses na natureza. Após a queda, no entanto, tudo mudou: dentro do próprio homem, entre o homem e a mulher, em sua interação com a natureza e em seu relacionamento com o Criador.

Como resultado da queda, o homem tornou-se profundamente caído, uma queda que se estende a todas as partes de sua pessoa. A frase “depravação total” não precisa significar que alguém é tão mau quanto poderia ser, mas sim que os resultados do pecado afetam todo o seu ser. Ao mesmo tempo, a imagem de Deus no homem continua de alguma forma após a queda, fornecendo a justificativa divina para a salvação (cf. [Rm 5](#)). É essencialmente por causa da estimativa de Deus sobre o valor intrínseco do homem que a justificação divina da salvação pode ser mantida.

O antigo debate entre a bondade essencial e a disposição maligna do homem encontra seu dilema e resolução no relato de Gênesis: Deus fez o homem para refletir conscientemente a dignidade e nobreza do Criador, mas o homem, por sua própria rebelião deliberada, voltou-se contra seu Criador e continua, exceto pela graça de Deus, no pecado subsequente que marca sua vida. Este pecado resultante é tanto uma qualidade de ser na pessoa caída, quanto numerosos e contínuos atos de orgulho e egoísmo. Embora a imagem de Deus no homem tenha sido manchada pela queda, ela pode ser estimulada novamente pelo trabalho eficaz do Espírito de Deus quando alguém chega à novidade de vida em Cristo. Esta obra graciosa de Deus traz renovação pessoal, restauração de relacionamentos com outros e comunhão com Deus.

O homem, então, que foi criado bom por Deus, tornou-se mau por seus próprios meios, mas no poder de Deus ele pode recuperar o bem novamente. A redescoberta do que significa ser plenamente humano é encontrada na vida de Jesus, cuja vida humana é o novo começo para o homem. Portanto, Jesus é o novo Adão; em seu modelo há um novo começo que substitui o padrão anterior.

Destino do homem

Uma visão bíblica do homem deve incluir uma declaração equilibrada sobre sua origem divina, sua rebelião contra a graça de Deus, seu julgamento e sua perspectiva de redenção na pessoa do Salvador Jesus com a promessa de vida eterna. O homem tem um começo e viverá para sempre. Esta

afirmação está em forte contraste com as teorias naturalistas de origens e destinos. Uma das tendências mais enganosas do pensamento moderno é o conceito de "aceitar a morte". Pessoas sem pensamento de Deus e sem esperança para a eternidade estão encorajando umas às outras a aceitar o inevitável declínio e desaparecimento de seus corpos como o fim natural da vida humana. A noção bíblica é que a morte no homem não é natural de forma alguma.

A morte é uma característica adquirida, não o Destino natural do homem. Pode-se dizer que a morte é do corpo, mas não do espírito. O ensino bíblico é que, enquanto o corpo morre e se decompõe, a pessoa continua a viver na esperança de um corpo renovado. Aqueles que conheceram Cristo estarão com ele quando seus corpos morrem ([Ep 1.23](#)) e antecipam a ressurreição do corpo para a vida eterna que virá ([1Co 15.35-49](#)). Aqueles que morrem separados de Cristo não deixam de existir, mas são destinados a uma existência eterna de conhecimento consciente de que estão separados de Deus e não alcançaram seu destino de desfrutar de sua presença para sempre. O ensino bíblico sobre o destino dos perdidos é bastante desagradável para o homem moderno. Mesmo cristãos que geralmente têm uma visão elevada da inspiração bíblica podem se sentir desconfortáveis com a ideia de punição eterna dos ímpios. No entanto, a doutrina bíblica do julgamento final dos ímpios é tão bem estabelecida quanto a maioria dos ensinamentos na Bíblia.

Uma das verdades mais dramáticas nas Escrituras sobre a natureza do homem é perceber que foi por causa do homem que Deus iniciou a obra de salvação que levou à encarnação do eterno Filho de Deus. Após sua ressurreição e ascensão, o Senhor Jesus Cristo retornou à sua posição eterna de glória e majestade no céu, onde permanece para sempre como o Deus-homem. Como Deus, ele compartilha todos os atributos do Pai e do Espírito Santo, e como homem, identifica-se com o homem. Ele se revela em um corpo físico, embora seja o corpo da ressurreição, as primícias da ressurreição de todos os que são seus. A encarnação, então, trouxe uma mudança eterna na divindade. Somente uma visão muito elevada do valor do homem poderia ter levado Deus a uma mudança tão fundamental em si mesmo. Como o escritor aos Hebreus afirma, "Os filhos, como ele os chama, são pessoas de carne e sangue. E por isso o próprio Jesus se tornou igual a eles, tomando parte na natureza humana deles" ([Hb 2.14](#)).

A medida final da nossa humanidade é que o homem foi feito para adorar a Deus e desfrutá-lo para sempre. Tais pensamentos não são atribuídos a nenhum outro ser criado. Mesmo os anjos, que mantiveram seu estado perfeito e que adoram o Pai em felicidade consciente, não têm exatamente o mesmo relacionamento com Deus que os homens redimidos ([Hb 2.16](#)).

O que é o homem? Em Cristo, o homem é tudo o que Deus quer que ele seja, em majestade e dignidade, e em alegria diante de seu trono para sempre.

Veja também Imagem de Deus; Homem, Natural; Homem, Velho e Novo.

Homem interior

O ser interior e invisível de um humano. Esta frase paulina se assemelha ao "homem encoberto" (ARC) de [1 Pedro 3.4](#) (cf. [Rm 2.29](#)), onde a aparência externa é contrastada com a realidade interior. Ela parte da concepção judaica atual do homem como um ser unitário que possui aspectos observáveis e invisíveis, um corpo físico incluindo um coração "psicológico". Paulo diz que seus membros se submetem ao domínio do pecado mesmo enquanto seu "homem interior" (NAA) se deleita na lei divina ([Rm 7.22](#)). Em [Romanos 8.13](#), ele fala sobre fixar a mente nas coisas da carne versus as coisas do Espírito, descrevendo esse mesmo conflito entre o homem interior e exterior.

Este núcleo interno da personalidade é o local onde a força do Espírito é instilada e onde Cristo habita no cristão. Assim, outro contraste é entre o homem exterior mortal e já decadente, enfraquecido pela idade e por compartilhar a morte de Cristo, e o homem interior renovado diariamente, à medida que a vida do Jesus ressuscitado se manifesta na carne mortal ([2Co 4.10-16](#)). Juntamente com [Romanos 8.11](#), isso pode possivelmente ecoar uma especulação do judaísmo intertestamentário de que uma contraparte espiritual para o corpo presente já está sendo preparada pelo vivificar da vida divina no devoto homem interior.

Veja também Homem.

Homem, Natural

"Homem natural" é uma expressão que ocorre em [1 Coríntios 2.14](#) em certas traduções da Bíblia. A palavra traduzida como "natural" também é

encontrada em [1 Coríntios 15.44,46](#); [Tiago 3.15](#); e [Judas 1.19](#).

O que "homem natural" significa?

Esta expressão está relacionada ao substantivo grego geralmente traduzido como "alma". O significado é determinado pelo contexto. Em 1 Coríntios, todos os quatro usos são contrastados com "espiritual", uma palavra comum nos escritos de Paulo. Em quase todas as instâncias, "espiritual" refere-se à obra do Espírito Santo.

Aplicado a coisas, "espiritual" significa vindo do, ou produzido pelo, Espírito Santo. Os autores do Novo Testamento descrevem várias coisas como "espirituais":

- Paulo descreve a lei como "espiritual" em [Romanos 7.14](#);
- Paulo descreve os dons como "espirituais" em [1 Coríntios 12.1](#);
- Paulo descreve as bênçãos como "espirituais" em [Efésios 1.3](#);
- Pedro descreve os sacrifícios como "espirituais" em [1 Pedro 2.5](#).

Quando a palavra é aplicada a pessoas, significa motivada e dirigida pelo Espírito Santo ([1 Coríntios 2.15](#); [14.37](#); [Gálatas 6.1](#)). "Natural" é contrastado com "espiritual", então geralmente descreve o que está vazio ou é oposto ao Espírito Santo e seu trabalho.

Diferenças entre o natural e o espiritual na Bíblia

Em [1 Coríntios 2.14-15](#), o "homem natural" é colocado em contraste com o "homem espiritual". Neste contexto, o homem natural é aquele que não aceita as coisas que vêm do espírito de Deus ([1 Coríntios 2.14](#)). Pelo contrário, essas coisas são "loucura" para ele. Ele não pode entendê-las porque são "espiritualmente discernidas". Essa loucura é a loucura da incredulidade ([1.21](#)), e o que falta é a percepção que só pode ser produzida pelo Espírito Santo. Claramente, Paulo tem em mente alguém sem, ou até mesmo oposto ao, Espírito Santo e à verdade revelada de Deus.

Em [1 Coríntios 15.44-46](#), o contraste entre espiritual e natural ocorre em um contexto diferente. O "corpo" na morte é comparado ao "corpo" na ressurreição. O corpo do crente colocado no túmulo ("semeado") é um corpo

natural (versículo [44a](#)). O corpo do crente ressuscitado dos mortos será um corpo espiritual. O corpo ressuscitado será renovado e transformado pelo Espírito Santo ([Romanos 8.11](#)).

Em [1 Coríntios 15.44b](#) e [45a](#), no entanto, Paulo conecta o "corpo natural" a Adão antes da queda, quando Deus o criou ([Gênesis 2.7](#)). Isso mostra que o que é natural refere-se à criação. Como criado originalmente por Deus, o "natural" era "muito bom" ([Gênesis 1.31](#)). O pecado humano corrompeu o natural para a condenação da morte. Portanto, a rebelião pecaminosa do homem natural, medida pela criação original, agora é antinatural e anormal. O trabalho do Espírito Santo agora, em Cristo, é remover essa anormalidade e cumprir os propósitos originais da criação ([Romanos 8.19-22](#); [2 Coríntios 5.17](#)).

Veja também Homem; Homem, Velho e novo.

Homem, Velho e novo

Termos bíblicos usados para descrever o estado do homem em relação a Cristo. Os seres humanos são criados à imagem de Deus e são feitos para ter comunhão com ele ([Gn 1.26-27](#)). Deus revelou a Adão e Eva sua vontade em uma situação específica ([2.15-17](#)), mas eles usaram a liberdade de sua vontade para desobedecer ao mandamento de Deus ([3.1-7](#)). Assim, a raça humana está morta em pecado ([Rm 5.12-21](#); [Ef 2.1-3](#)). O pecado de Adão e Eva foi transmitido a toda a humanidade (pecado original). Nascidos com a tendência ao pecado ([Sl 51.5](#)), assim que a idade de responsabilidade moral é alcançada, os indivíduos começam a cometer seus próprios pecados. Paulo usa o termo "velho homem" para se referir a essa condição. O velho homem pode cumprir certas partes da lei e fazer várias coisas boas. Mas nenhum velho homem pode fazer coisas boas o suficiente para ganhar sua própria salvação. O velho homem deve ser transformado em um novo homem ou sofrerá as consequências de seu pecado. Somente Deus pode realizar essa mudança radical. Os seres humanos só podem aceitar pela fé o gracioso dom de Deus.

Davi, no [Salmo 51](#), clama a Deus para tirar a culpa de seus pecados. No versículo [10](#), ele suplica: "Ó Deus, cria em mim um coração puro e dá-me uma vontade nova e firme!" (NTLH). Deus promete em [Ezequiel 11.19](#), [18.31](#) e [36.26](#) dar aos pecadores arrependidos um novo coração e um novo espírito. Em [Romanos 6.5-11](#), Paulo mostra como a velha natureza foi crucificada com Cristo, para que ele

possa concluir: “Assim também vocês devem considerar-se mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus” ([6.11](#)). Em [Efésios 4.22-24](#) e [Colossenses 3.9-10](#), ele mostra ao crente que ele se despojou do velho homem e se revestiu do novo homem. Jesus fala dessa transformação radical como nascer de novo — não um segundo nascimento físico, como Nicodemos pensou, mas um nascimento espiritual ([Jo 3.6](#)). Somente a graça de Deus pode transformar o velho homem no novo homem. O velho homem aceita o gracioso dom de Deus pela fé, mas até mesmo essa fé é um dom de Deus ([Ef 2.8](#)). O novo homem se torna um filho de Deus. Ele não se torna imediatamente perfeito. Ele deve lutar contra o pecado ao longo desta vida enquanto se esforça para se aproximar cada vez mais do ideal de santidade perfeita. Ele alcançará essa perfeição apenas na ressurreição que está por vir ([1Co 15.42-45](#)), quando todas as coisas serão feitas novas ([Ap 21.5](#)).

Veja também Adão (Pessoa); Homem; Homem, Natural; Regeneração.

Homens livres

A tradução da Nova Tradução na Linguagem de Hoje de "Libertos" em [At 6.9](#). Estes eram ex-escravos que haviam obtido sua liberdade.

Veja Libertos.

Homens sábios

Veja Magos.

Hômer

Medida seca de capacidade estimada entre quatro e seis alqueires e meio. *Veja* Pesos e medidas.

Homossexualidade

Veja Sexo, Sexualidade.

Honra

Honra é o respeito, a boa reputação e a alta consideração que alguém recebe devido ao seu

caráter ou ações. Também significa agir de maneira correta e pura.

Honra no mundo antigo

Nos tempos antigos, as pessoas frequentemente associavam honra com riqueza e posses. Por exemplo, nas histórias gregas, a honra do herói Odisseu dependia de recuperar seus pertences, e outro herói chamado Aquiles ganhava honra através dos presentes que recebia. Mais tarde, a palavra adquiriu a forte natureza ética com a qual agora a associamos. Platão foi um dos primeiros a ensinar que a honra tem uma qualidade pessoal e moral. Ele chamou isso de "honra interior". O mundo distingue uma pessoa com "honras exteriores". Platão ensinou que essas honras não têm valor definitivo. O que distingue ainda mais uma pessoa é o valor interior adquirido pela prática de uma vida virtuosa. Tanto os gregos quanto os romanos acreditavam que a honra era muito importante na vida.

Honra na Bíblia

A Bíblia nos oferece a compreensão mais verdadeira de honra. O Antigo Testamento exigia que os filhos honrassem seus pais ([Êx 20.12](#)). Este mandamento aparece novamente no ensino ético do Novo Testamento ([Ef 6.1-2](#)). Ainda mais importante é dar honra a Deus, que merece nossa completa obediência ([Ap 4.11](#)). [Pv 3.9](#) nos ensina o que a lei exige: "Honra o Senhor com os teus bens e com as primícias de toda a tua colheita". Isso significa que devemos dedicar tanto nossas vidas quanto nossos pertences ao serviço de Deus.

A Bíblia nos diz que as pessoas muitas vezes falham em honrar a Deus adequadamente. Ao longo da história, apenas Jesus Cristo honrou perfeitamente a Deus Pai ao seguir completamente a vontade de Deus. Isso levou Jesus a morrer na cruz, através da qual Deus o honrou grandemente ([Is 52.13-53.12](#)). Deus Pai ressuscitou Jesus para sua posição permanente como nosso Grande Sumo Sacerdote, uma honra muito grande ([Hb 5.4-5](#)). Jesus ensinou que seu Pai honraria qualquer um que o servisse ([Jo 12.26](#)). No entanto, aqueles que rejeitam Jesus também rejeitam Deus Pai ([15.23](#)).

Honra na vida cristã

Os cristãos devem honrar uns aos outros, considerando outros crentes como mais importantes do que a si mesmos ([Rm 12.10](#)). Isso vem do conhecimento de que os cristãos receberam honra de Deus ([1Pe 1.7](#)). Demonstrar

honra aos outros deve influenciar a maneira como uma pessoa vive toda a sua vida:

- Os maridos devem honrar suas esposas, tratando-as com amor e respeito ([1Pe 3.7](#)).
- Os servos cristãos devem honrar seus mestres para mostrar que seguem os ensinamentos de Jesus ([1Tm 6.1](#)). (É importante entender que esse ensinamento foi escrito durante um período em que a escravidão era comum na sociedade. As instruções da Bíblia sobre como as pessoas escravizadas deveriam agir não significam que a escravidão é correta ou que os cristãos deveriam apoiá-la. Na verdade, os ensinamentos da Bíblia sobre a dignidade humana e tratar todos com honra ajudaram muitos cristãos a lutar contra a escravidão. Veja Escravo, escravidão.)
- Todos os cristãos devem mostrar a devida honra a todos, como a Bíblia ensina ([Rm 13.7](#); [1Pe 2.17](#)).

Hor-Hagidgade

Uma tradução literal traduz como Hor-Hagidgade. Local de acampamento dos israelitas durante suas peregrinações no deserto ([Nm 33.32-33](#)). Pode ser o Gudgodá de [Deuteronômio 10.7](#), e foi identificado com Wadi Ghadaghd.

Veja também Peregrinações no deserto.

Hor, Monte

1. Montanha localizada na fronteira da terra de Edom ([Nm 20.23](#); [33.37](#)). O Monte Hor foi o primeiro lugar ao qual os israelitas chegaram ([Nm 20.22](#)) após vagarem por quase 40 anos ([Dt 2.14](#)). O irmão de Moisés, Arão, não teve permissão para entrar em Canaã porque se recusou a cumprir as instruções do Senhor em Meribá ([Nm 20.7-13,24](#)). Despojado de suas vestes sacerdotais, que foram então colocadas em seu filho Eleazar, Arão morreu no topo do Monte Hor ([Nm 20.25-29](#)) aos 123 anos. Um castigo semelhante foi posteriormente aplicado a Moisés, cuja morte no Monte Nebo é

comparada à morte de Arão no Monte Hor ([Dt 32.49-51](#)). De acordo com [Deuteronômio 10.6](#), Arão morreu e foi enterrado em Moserote (provavelmente o Moserote de [Nm 33.30-31](#)), um lugar que deve ter sido muito próximo (ou talvez parte) do Monte Hor.

A localização do Monte Hor permanece incerta. O local tradicional, Jebel Nebi Harun (que significa "a montanha do profeta Arão") tem quase 4.800 pés (1,5 quilômetros) de altura e é a montanha mais alta em Edom. Os muçulmanos afirmam que um pequeno edifício em seu cume é o túmulo de Arão. No entanto, Jebel Nebi Harun está localizado perto de Petra — no meio de Edom — e muito longe a leste de Cades. Uma localização mais provável é Jebel Madeira, situada na fronteira noroeste de Edom, cerca de 15 milhas (24 quilômetros) a nordeste de Cades. De qualquer forma, a palavra hebraica hor provavelmente significa "monte" (como em [Gn 49.26](#)), de modo que "Monte Hor" talvez signifique simplesmente "montanha das montanhas" ou "alta montanha" em vez de ser um nome próprio.

2. Outra montanha localizada no extremo norte ([Nm 34.7-8](#)). Geralmente identificada como o Monte Hermon ou Jebel Akkar, talvez fosse simplesmente uma montanha excepcionalmente alta.

Hora

Uma hora é uma unidade de tempo igual a 60 minutos ou 1/24 de um dia. Nos tempos bíblicos, as pessoas dividiam a luz do dia em 12 horas, medidas do nascer ao pôr do sol. Como esse sistema era baseado no movimento do sol, a duração de uma hora variava conforme as estações. Uma hora era mais longa no verão e mais curta no inverno.

Veja Dia.

Horão

O rei de Gezer, que veio em auxílio de Laquis, foi derrotado e morto por Josué ([Js 10.33](#)).

Horebe, Monte

Nome alternativo para o Monte Sinai. *Veja* Sina, Sinai.

Horém

Cidade estabelecida para fins de defesa nas terras altas do território de Naftali ([Js 19.38](#)). Embora seu local exato seja desconhecido, provavelmente ficava no norte da Galileia.

Horesa

Palavra hebraica traduzida como nome de lugar em [1 Samuel 23.15-19](#) (parte do Deserto de Zife). Davi se escondeu de Saul lá e se encontrou secretamente com Jônatas. A palavra é traduzida simplesmente como "florestas" em [2 Crônicas 27.4](#) (NTLH). As autoridades divergem sobre se o nome do lugar em 1 Samuel é justificado.

Horeus

Habitantes das cavernas do Monte Seir, segundo a tradição. Esses pré-edomitas eram chamados de filhos de Seir ([Gn 36.20](#)). Na Bíblia, foram derrotados por Quedorlaomer e seus aliados ([14.6](#)). Eles eram governados por chefes ([36.29-30](#)) e, por fim, destruídos pelos descendentes de Esaú ([Dt 2.12.22](#)).

A etimologia popular e bíblica de "horeu" tem sido contestada desde a descoberta dos hurritas (curitas) como predecessores étnicos de muitas tribos do Oriente Próximo. Os hurritas eram um povo não semita das montanhas. Por volta do segundo milênio a.C., eles migraram para o norte e nordeste da Mesopotâmia, e mais tarde se moveram para as regiões da Síria e Palestina. Como a língua hurrita era prevalente na área ocidental do Jordão, e já que foneticamente "horita" é o equivalente hebraico do AT ao extrabíblico "hurrita", vários estudiosos e tradutores substituíram "hurrita" por "horita" (ou horeus). Muitos equipararam os heveus, que faziam parte do grupo linguístico e cultural hurrita, aos horeus. Esses críticos assumiram uma corrupção textual precoce do *r(esh)* em horita para *w(aw)* em hivita. Um certo Zibeão é chamado de horita em [Gn 36.20-30](#), enquanto no versículo [2](#) o homem é chamado de heveu. A Septuaginta de [Josué 9.7](#) e [Gênesis 34.2](#) lê "horita" em vez de "heveu" como no Texto Massorético. Alguns manuscritos da Septuaginta leem "hitita" para o "heveu" do Texto Massorético ([Js 11.3](#), [Jz 3.3](#)). Em [Gênesis 36.2](#), os manuscritos

hebraicos existentes erroneamente leem "heveu" por "horita". Parece que as referências do AT não se encaixam nos hurritas, nem os nomes pessoais dos horeus correspondem a exemplos hurritas ([Gn 36.20-30](#)). Eles parecem, em vez disso, ser semitas. Os horeus eram da Transjordânia e foram os predecessores dos edomitas ([14.6](#)). Referências posteriores aos horeus podem ser aos horeus ocidentais, que talvez fossem hurritas ([Js 17.9](#)) e não semitas, mas bastante distintos dos predecessores dos edomitas, os horeus orientais. O hebraico de [Gênesis 34.2](#) e [Josué 9.7](#) pode ser de uma família diferente de manuscritos daqueles usados pelos tradutores da Septuaginta, preservando suas próprias tradições étnicas. Parece melhor pensar tanto nos heveus quanto nos horeus como grupos étnicos conectados aos hurritas por língua e cultura.

Veja também Hurritas; Hivitas.

Hori

1. Primeiro filho de Lotã. Lotã foi o fundador de um subclã horita em Edom ([Gn 36.22](#); [1Cr 1.39](#)).
2. Pai de Safate e membro da tribo de Simeão. Safate foi um dos 12 espiões ([Nm 13.5](#)).

Horma

Uma cidade próxima a Berseba, no Neguebe. Estava na fronteira das tribos de Judá e Simeão.

No início, era um assentamento cananeu. Depois pertenceu à tribo de Judá e, então, à tribo de Simeão ([Js 15.30](#); [19.4.9](#)). Na época em que Israel teve seus primeiros reis, Judá controlava essa área novamente ([1Sm 30.30](#)).

O nome cananeu "Zephath" mudou para "Horma" quando os hebreus o conquistaram pela primeira vez ([Jz 1.17](#)). Horma tornou-se leal a Davi durante sua disputa contínua com o Rei Saul. Davi recompensou a cidade enviando-lhe alguns dos despojos de guerra de Ziclague ([1Sm 30](#)).

[Josué 15.30](#) descreve Horma como estando ao sul, perto de Kesil e Ziclague. Mas sua localização exata permanece desconhecida. A partir da referência em [Números 14.45](#), pode estar ao sul de Cades-Barneia. É aqui que os israelitas passaram grande parte do período no deserto.

Horonaim

Assentamento moabita de localização incerta, mencionado em oráculos proféticos contra Moabe ([Is 15.5](#); [Jr 48.3-5,34](#)). Foi conquistado por Alexandre Janeu, mas o domínio hasmoneu foi posteriormente devolvido ao rei Aretas por João Hircano (*Antiguidades* de Josefo 13.15.4; 14.1.4).

Horonita

Referência à residência ou local de nascimento de Sambalate, que se opôs ao programa de restauração de Neemias ([Ne 2.10,19](#); [13.28](#)). O nome provavelmente deriva das duas cidades de Bete-Horom, a Alta e a Baixa.

Hortelã

Hortelã refere-se a várias plantas com folhas aromáticas que as pessoas usam para temperar alimentos. Muitos tipos de hortelã crescem em Israel e nas áreas circundantes, mas a hortelã-brava (*Mentha longifolia*) é provavelmente a mencionada em [Mateus 23.23](#) e [Lucas 11.42](#).

Os antigos hebreus, gregos e romanos usavam hortelã para diversos fins. Eles a adicionavam como aromatizante em alimentos, utilizavam-na na medicina para aliviar gases e desconforto estomacal, e a incluíam como tempero na culinária.

Hórus

Veja Egito, Egípcio (religião).

Hosa (lugar)

Cidade ao sul de Tiro, na fronteira de Aser ([Is 19.29](#)).

Hosa (Pessoa)

Levita merarita que guardava o portão da tenda onde a arca sagrada era mantida ([1Cr 16.38](#)) quando Davi a trouxe para Jerusalém. Suas responsabilidades de porteiro foram compartilhadas por seus filhos ([26.10-16](#)).

Hosaías

1. Príncipe de Judá que liderou um grupo de príncipes em procissão na dedicação dos muros de Jerusalém após serem reconstruídos ([Ne 12.32](#)).
2. Pai de Azarias ([Jr 42.1](#); [43.2](#)). Azarias foi um líder do povo de Judá após a queda de Jerusalém.

Hosama

Descendente de Jeconias ([1Cr 3.18](#)).

Hosana

Uma expressão hebraica que significa "Salva-nos". Vem do [Salmo 118.25](#): "Salva-nos, ó Senhor, salva-nos".

[Salmo 118](#) é uma declaração de confiança na ajuda do Senhor. As pessoas recitam isso quando precisam. O salmo inteiro fazia parte de uma canção mais longa chamada Hallel. As pessoas cantavam isso em dias importantes. O versículo [25](#) era usado na Festa Judaica dos Tabernáculos ou tendas. Quando este versículo era lido, as pessoas agitavam ramos de murta, salgueiro e palmeiras. As pessoas também podem ter agitado ramos em outras ocasiões como uma forma de demonstrar alegria. Isso ocorre em [2 Macabeus 10.6-7](#), em uma cerimônia para tornar o templo sagrado novamente após ter sido mal utilizado.

A multidão acolheu Jesus em Jerusalém gritando "Hosana" ([Mt 21.9](#); [Mc 11.9-10](#); [Jo 12.13](#)). Então eles disseram: "Que Deus abençoe aquele que vem em nome de Deus, o Senhor!" ([Salmo 118.26](#)). Isso significa que a multidão estava saudando Jesus como o Messias (o eleito de Deus).

Mesmo antes do tempo de Jesus, as pessoas acreditavam que a frase "Deus abençoe aquele que vem em nome de Deus, o Senhor" se referia ao Messias. É possível que a palavra "Hosana" por si só tivesse um significado relacionado ao Messias.

Outras coisas que as pessoas disseram quando Jesus entrou em Jerusalém apoiam essa ideia. Em [Mateus 21.9](#), Jesus é chamado de "Filho de Davi". Em [Marcos 11.10](#), há menção sobre "o Reino de Davi, o nosso pai, o Reino que está vindo". Em [João 12.13](#), Jesus é chamado de "o Rei de Israel". Todas essas palavras sugerem que Jesus é o Messias.

Não precisamos pensar que, ao gritar "Hosana", as pessoas estavam pensando em serem libertadas de

seus governantes. Provavelmente, elas não sabiam como Jesus as salvaria. O máximo que podemos dizer é que acreditavam que Jesus foi enviado por Deus para salvá-las. Se não houvesse algo em seu louvor que Jesus visse como uma boa adoração, provavelmente ele não a teria aceitado. Somente mais tarde, quando ele morreu e voltou à vida, as pessoas entenderiam o que realmente significava Jesus ser o Messias.

Consulte também Hallel; Aleluia; Messias.

Hospitalidade

Conceito bíblico muitas vezes usado com os termos “convidado”, “estranho” e “peregrino”. É útil limitar o significado de “hospitalidade” à benevolência feita aos que estão fora do círculo normal de amigos, como está implícito no significado literal da palavra grega que significa “amor de estranhos”. Embora o conceito seja completamente endossado na Bíblia, ele é claramente encontrado nas civilizações não bíblicas, especialmente entre os povos nômades, onde obrigações definidas de fornecer comida, abrigo e proteção são reconhecidas.

O exercício normal de hospitalidade no AT pode ser visto nos exemplos de Abraão e os três visitantes ([Gn 18.2-8.16](#)), a recepção de Labão do servo de Abraão ([24.15-61](#)) e o tratamento de Manoá ao anjo ([Jz 13.15](#)). Mas também há casos em que o anfitrião se sentiu compelido a tomar medidas extremas para proteger seu convidado, até mesmo para o dano de sua própria família ([Gn 19.1-8](#); [Jz 19.14-24](#)). A hospitalidade da família Sunamita também é digna de nota, embora Eliseu não fosse estranho para eles ([2Rs 4.10](#)).

De acordo com o NT, Jesus confiava na prática geral da hospitalidade ao enviar os discípulos ([Lc 10.7](#)), bem como em suas próprias viagens. Como o evangelho era espalhado por missionários viajantes, os cristãos eram elogiados por entreterem em suas casas ([Hb 13.2](#); [1Pe 4.9](#); [3Jo 1.5-8](#)). Os líderes da Igreja não devem se isentar deste ministério ([1Tm 3.2](#); [Tt 1.8](#)); fazer isso é motivo para julgamento ([Mt 25.43-46](#)).

Ver também Estrangeiro.

Hoste, Hostes do céu

Expressões hebraicas encontradas frequentemente no Antigo Testamento. Essas expressões significam literalmente “exército” e “exército dos céus”. “Hoste” é basicamente um termo militar, ocorrendo quase 500 vezes no Antigo Testamento. Pode significar “exército” ([2 Reis 18.17](#)), “anjos”, “corpos celestes”, ou “criação”.

A frase “exército do céu” tem várias aplicações na Bíblia. Escritores antigos às vezes se referiam simbolicamente ao sol, à lua e às estrelas como um exército ([Deuteronômio 4.19](#); [Juizes 5.20](#)). Nos cultos astrológicos da antiguidade, acreditava-se que corpos celestes eram animados por espíritos e, assim, constituíam um exército vivo que controlava o destino celestial. A adoração ao exército do céu foi uma das primeiras formas de idolatria. Era comum entre os israelitas em seus tempos de regressão do serviço a Deus ([Jeremias 19.13](#); [Atos 7.42](#)). Embora advertidos contra tais crenças pagãs ([Deuteronômio 4.19](#); [17.3](#)), os israelitas caíram na prática de adorar corpos celestes. Isso aconteceu particularmente durante os períodos assírio e babilônico ([2 Reis 17.16](#); [21.3-5](#); [2 Crônicas 33.3-5](#); [Jeremias 8.2](#); [Sofonias 1.5](#)). O corretivo para essa prática pagã é a crença no Senhor como o Criador do céu e da terra. O Senhor é o Todo-poderoso, aquele que reuniu os corpos celestes ao seu comando e os ordenou para desempenhar uma função especial ([Gênesis 1.14-19](#); [2.1](#); [Neemias 9.6](#); [Salmos 33.6](#); [103.21](#); [148.2](#); [Isaías 40.26](#); [45.12](#)).

Deus é frequentemente chamado de “o Senhor Deus dos exércitos”, ou seja, dos exércitos celestiais ([Jeremias 5.14](#); [38.17](#); [44.7](#); [Oséias 12.5](#)). O exército celestial inclui anjos ou mensageiros que estão associados ao trabalho do Senhor no céu e na terra. Deus preside um conselho celestial composto por anjos ou “filhos de Deus” ([Gênesis 1.26](#); [1 Reis 22.19](#); [Jó 1.6](#); [Salmo 82](#); [Isaías 6](#)). Mensageiros são enviados do conselho do Senhor para cumprir seu propósito ([Gênesis 28.12-15](#); [Lucas 2.13](#)).

Embora os exércitos sejam às vezes entendidos como as estrelas ou anjos, as tribos de Israel também são chamadas de “o exército do Senhor”. O “exército do céu” em [Daniel 8.10-11](#) parece ser uma linguagem figurativa referindo-se a Israel, “o povo santo” e Deus, o Rei de Israel, é chamado de “o Príncipe do exército”.

As palavras gregas traduzidas como “hoste” ocorrem apenas duas vezes no Novo Testamento ([Lucas 2.13](#); [Atos 7.42](#)). “Senhor dos Exércitos” é usado por Paulo e Tiago como um título para o

Senhor ([Romanos 9.29](#); [Tiago 5.4](#)). O termo expressa o poder soberano e a majestade de Deus na história, mas a identificação precisa dos “exércitos” que estão sob seu comando é incerta.

Veja também Senhor dos Exércitos.

Hotão

1. Outra forma de Helém em [1 Crônicas 7.32](#). *Veja* Helém #1.
2. Pai de Sama e Jeiel. Sama e Jeiel foram dois dos valentes de Davi ([1Cr 11.44](#)).

Hotir

Levita e chefe da 21ª das 24 divisões de sacerdotes para o serviço do santuário, formadas durante o reinado de Davi ([1Cr 25.4,28](#)).

Hozai

Autor de anais que descrevem a vida de Manassés, rei de Judá, e incluídos nas “Crônicas dos Videntes” ([2Cr 33.18-19](#)). A Septuaginta traduz Hozai como “videntes”, o que é preferível por muitos comentaristas. É dessa forma que praticamente todas as Bíblias em português traduzem, colocando o termo “videntes”.

Hucoque

1. Cidade próxima à fronteira de Naftali e Zebulom, listada ao lado de Aznote-Tabor ([Js 19.34](#)). Foi identificada com Yaquaq, a noroeste de Genesaré.
2. Forma alternativa da cidade pertencente à tribo de Aser, chamada Helcate ([1Cr 6.75](#)).

Veja Helcate.

Hufã, hufamita

Benjamita e o fundador da família hufamita ([Nm 26.39](#)); ele talvez possa ser identificado com Hupim ([Gn 46.21](#); [1Cr 7.12,15](#)) e Hurão ([1Cr 8.5](#)).

Veja também Hupim; Hurão #1.

Hul

Filho de Arã e neto de Sem ([Gn 10.23](#); [1Cr 1.17](#)).

Hulda

Profetisa que vivia em Jerusalém; contemporânea dos profetas Jeremias e Sofonias. Hulda é apresentada como a esposa de Salum, o guardião das vestimentas na corte do rei Josias ([2Rs 22.14](#); [2Cr 34.22](#)). Josias enviou seus oficiais para pedir o conselho de Hulda sobre o livro da lei mosaica que havia sido encontrado durante a reforma do templo. Ela profetizou que um desastre atingiria a nação ([2Rs 22.16](#)), mas que Josias seria poupado porque ele era penitente e havia se humilhado diante do Senhor (vv. [18-19](#)). Ela declarou que a destruição viria após sua morte e que ele seria sepultado em paz (v. [20](#)). Embora Josias tenha morrido mais tarde em batalha, ele foi devidamente sepultado ([23.30](#)), evitando a indignidade de tornar-se presa dos animais carniceiros. Foi após receber o conselho de Hulda que Josias realizou sua reforma religiosa ([2Cr 35.1-25](#)).

Humildade

Uma condição de modéstia ou aflição em que se experimenta uma perda de poder e prestígio. Fora da fé bíblica, a humildade neste sentido não seria geralmente considerada uma virtude. Dentro do contexto da tradição judaico-cristã, no entanto, a humildade é considerada a atitude adequada dos seres humanos em relação a seu Criador. A humildade é uma consciência grata e espontânea de que a vida é um presente, manifestando-se como um reconhecimento sincero e despretensioso da dependência absoluta de Deus.

Na literatura bíblica, não há uma distinção clara entre humildade e mansidão ou paciência. Nos estágios iniciais da história de Israel, os humildes foram identificados como os pobres, os aflitos e os impotentes. O Senhor livra os humildes, mas derruba os orgulhosos ([1Sm 2.7](#); [2Sm 22.28](#)). Diante do poder e glória de Deus, o patriarca Abraão confessou que ele era apenas pó e cinzas ([Gn 18.27](#)). Israel começou como uma nação submetida à escravidão e se reconhecia como um

povo escolhido não por causa da força numérica ou riqueza material, mas por causa do amor de Deus ([Dt 7.7-8](#)). Ao atribuir a fonte de toda a riqueza e poder ao Senhor, essas duas principais fontes de orgulho e arrogância humanos são controladas (cf. [Ir 9.23-24](#)).

Os pobres humildes são o interesse constante do Senhor ([Êx 23.6,11](#); [Dt 15.4,7](#)). Consequentemente, a humildade dos pobres tornou-se o símbolo do justo temente a Deus ([Nm 12.3](#)). No desenvolvimento do conceito de humildade no AT, a humildade é quase igualada com justiça e é identificada, juntamente com justiça e misericórdia, como a exigência de Deus ([Mq 6.8](#)). Nos Salmos especialmente, “os aflitos” é quase um termo técnico para os justos ([Sl 22.26](#); [25.9](#); [147.6](#)).

Além disso, a humildade é a resposta apropriada do pecador na presença da santidade de Deus. O profeta Isaías, confrontado pela glória de Deus no templo, clamou: “Minha destruição está selada, pois sou um homem pecador” ([Is 6.5](#)). Assim, a humildade tornou-se mais um traço de caráter do que um termo que refletia um estado de pobreza material ou aflição. Tornou-se um conceito reflexivo da essência da piedade e devoção esperada de todas as pessoas que têm Deus como seu Senhor.

Apenas raramente no NT a humildade refere-se a uma condição objetiva de pobreza, aflição ou opressão. O padrão de humildade é desenvolvido em conexão com Jesus como Messias. O ideal religioso de humildade que o AT atribuiu ao Rei que viria certamente aplicava-se a Jesus ([Zc 9.9](#); cf. [Mt 21.4-5](#)). Como Filho de Deus, Jesus não pensou em si mesmo, mas viveu uma vida de obediência e confiança em Deus, o Pai. O apóstolo Paulo atribuiu ao Filho encarnado de Deus um autoesvaziamento pelo qual ele “se humilhou” e assumiu a forma de um servo ([Fp 2.5-8](#)). O caráter de Jesus não exibiu orgulho ou arrogância.

Embora ousado diante da hipocrisia e inabalável em sua repudição da religião pretensiosa, Jesus era “gentil e humilde de coração” ([Mt 11.29](#)). Ele poderia, portanto, emitir uma grave advertência contra o desejo de status e repreender abertamente os fariseus por sua violência contra os pobres e oprimidos ([Lc 14.11](#); [Mt 23.12](#)). Ao mesmo tempo, era humilde diante daqueles que ele havia se tornado servo e ajudador ([Lc 22.27](#); [Mc 10.45](#); [Mt 20.28](#)). A mais alta dignidade de Jesus e sua disposição de aceitar a cruz em submissão à vontade do Pai são uma só. Então seu ensino sobre a pobreza de espírito soou verdadeiro como um

testemunho de sua própria vida. Ele atribuiu toda a glória a seu Pai e viveu em total dependência dele ([Jo 5.19](#); [6.38](#); [7.15](#); [8.28,50](#); [14.10,24](#)). Ao lavar os pés de seus discípulos, ele assumiu o papel de servo sem perder a dignidade ou a autoestima. E ele estabeleceu tal serviço como um modelo de vida que encontra felicidade em preferir os outros a si ([Jo 13.1-20](#); [Fp 2.1-4](#)).

Consequentemente, os discípulos de Jesus também são convocados para uma vida de humildade. Virando as costas ao status, segurança e sucesso, os cristãos buscam uma oportunidade de se realizar ao servir aos outros. Portanto, a humildade é o princípio de vida abrangente pelo qual o amor busca o bem dos outros e, assim, cumpre a lei (cf. [Rm 12.10](#); [13.8-10](#)).

Hunta

Assentamento nas terras altas da Judeia perto de Hebrom, de acordo com [Josué 15.54](#).

Hupá

Um dos principais homens designados para supervisionar a 13ª divisão de sacerdotes no tempo de Davi e Salomão ([1Cr 24.13](#)).

Hupim

Talvez o filho de Ir (Iri) e um descendente de Benjamim através da linhagem de Belá ([Gn 46.21](#); [1Cr 7.12,15](#)). Hupim é provavelmente uma grafia alternativa de Hufã, o pai da família hufamita da tribo de Benjamim ([Nm 26.39](#)). Sua linhagem exata é difícil de determinar.

Hur

1. O assistente de Arão que ajudou a levantar as mãos de Moisés até que os amalequitas fossem derrotados em Refidim ([Êx 17.8-13](#)). Ele é mencionado novamente como ajudando Arão a vigiar Israel enquanto Moisés estava no Monte Sinai ([24.14](#)). Segundo Josefo, Hur era o marido de Miriã, a irmã de Moisés (*Antiguidades* 3.2.4).
2. O quarto dos cinco reis de Midiã que foi morto com Balaão pelos israelitas sob Moisés ([Nm 31.8](#)). Ele também é referido como um dos “príncipes de Midiã” e “Seom” ([Is 13.21](#)).
3. O pai de um dos 12 oficiais que Salomão escolheu para fornecer comida para a casa do rei ([1Rs 4.8](#), “Ben-Hur” na ARC).
4. O filho de Calebe e Efrate e avô de Bezalel ([1Cr 2.19-20](#); compare [Êx 31.2](#); [38.22](#)). Alguns intérpretes consideram o Hur mencionado no ponto anterior como o avô de Bezalel. Outros acreditam que o Hur que ajudou Moisés era um homem diferente.
5. O pai (ou talvez o nome da família) de Refaías, um líder após o exílio na Babilônia que ajudou Neemias a reconstruir o muro de Jerusalém ([Ne 3.9](#)).

Hurai

Forma alternativa de Hidai em [1 Crônicas 11.32](#). *Veja* Hidai.

Hurão (Hurã)

1. Um filho de Bela da tribo de Benjamim ([1Cr 8.5](#)). Ele pode ser a mesma pessoa que Hufã ([Nm 26.39](#)). A NTLH usa a grafia Hurã.

2. Outra grafia de Hirão, o rei fenício de Tiro que foi aliado de Davi e Salomão. Hirão forneceu materiais para a construção do templo ([2Cr 2.3,11-12](#); [8.2,18](#); [9.10,21](#)). *Veja* Hirão #1.
3. Outra grafia de Hirão, um artesão de Tiro que trabalhou no templo de Salomão ([2Cr 4.11](#)). *Veja* Hirão #2.

Hurão-Abi

Nome alternativo para Hirão, o artesão do templo de Salomão, em [2 Crônicas 2.13](#) e [4.16](#). *Veja* Hirão #2.

Huri

O pai de Abiail, da tribo de Gade, que habitava em Gileade, em Basã ([1Cr 5.14](#)).

Hurritas

Pessoas (também chamadas de mitanianos) que falavam uma língua diferente das semíticas e indo-europeias, mas ainda assim desempenharam um papel cultural significativo no Oriente Próximo durante o segundo milênio a.C., particularmente na transmissão da cultura da Suméria e Babilônia para a Ásia Ocidental e para os heteus. A presença dos hurritas em uma área pode ser inferida pela existência de textos hurritas, pela presença de pessoas com nomes hurritas (ou indo-iranianos, como explicado abaixo) e por declarações em outras literaturas antigas, incluindo o AT.

No início do segundo milênio, e até um pouco antes, os hurritas são encontrados nas partes mais ao norte da Mesopotâmia, tendo vindo presumivelmente de ainda mais ao norte. Eles são encontrados no século 18 a.C. em Mari e Alalakh, e nos séculos 15 e 14 a.C. em Nuzi, Ugarit, Alalakh, algumas cidades na Palestina, e especialmente em seu centro político de Mitanni. Durante este último período, seus governantes eram, na verdade, uma aristocracia de origem indo-iraniana, que muitas vezes mantinham seus nomes indo-iranianos, mas que em outros aspectos haviam adotado a língua,

religião e cultura geral hurrita, e assim eram, para todos os efeitos práticos, hurritas.

A principal questão sobre a presença hurrita é até que ponto eles foram influentes na Palestina, e aqui as evidências não são claras. As cartas de Amarna, escritas pelos reis mitanianos/hurritas e por pequenos reis da Palestina aos faraós egípcios durante o século 14 a.C., referem-se a alguns reis palestinos com nomes hurritas (alguns indo-iranianos), como Abdikhepa de Jerusalém. No entanto, as cartas, escritas em acádio pelos escribas desses reis palestinos, revelam uma fala local cananeia em vez de hurrita. Curiosamente, os egípcios referiam-se à Palestina como a terra dos hurritas, e de fato um faraó afirmou ter capturado 36.000 hurritas lá, mas isso poderia significar habitantes da Palestina em vez de hurritas étnicos. Diante das evidências das cartas de Amarna, é provável que a Palestina fosse apenas nominalmente hurrita.

Veja também Heteus; Heveus; Horeus.

Husá, Husatitas

Um filho de Ézer ([1Cr 4.4](#)) ou possivelmente uma cidade que Ézer fundou. A Bíblia descreve os guerreiros Sibecai e Mebunai como husatitas ([2Sm 21.18](#); [1Cr 11.29](#); [20.4](#); [27.11](#); [2Sm 23.27](#)). Não está claro se este título refere-se à ascendência familiar deles, ao local de onde vieram, ou talvez a ambos.

Husai

Husai era amigo e conselheiro do rei Davi. Ele permaneceu leal ao rei Davi quando Absalão, filho de Davi, se rebelou contra ele. O colega conselheiro de Husai, Aitofel, abandonou Davi e juntou-se à rebelião de Absalão.

Seguindo as instruções de Davi, Husai fingiu ser leal a Absalão. Isso permitiu que ele enviasse informações secretamente a Davi sobre os planos de Absalão. Aitofel aconselhou Absalão a atacar Davi antes que ele pudesse reunir mais soldados. No entanto, Absalão decidiu seguir o conselho de Husai. O conselho de Husai deu a Davi tempo para escapar através do rio Jordão e, eventualmente, derrotar as forças de Absalão.

Quando Aitofel viu que Absalão não seguiu seu conselho, ele se enforcou. Ele provavelmente sabia

que Absalão perderia a batalha ([2Sm 15.32-37](#); [16.15-17.23](#)).

Husai pertencia à família dos arquitas de Atarate, uma cidade na fronteira de Efraim e Benjamim ([Js 16.2,7](#)).

Husão

O temanita que sucedeu a Jobabe como rei de Edom ([Gn 36.34-35](#); [1Cr 1.45-46](#)).

Husim

1. Filho de Dã ([Gn 46.23](#)), alternadamente chamado de Suã em [Números 26.42](#), onde é mencionado como o fundador da família suamita.

2. Descendente benjamita de Aer ([1Cr 7.12](#)).

3. Uma das três esposas de Saaraim, o benjamita ([1Cr 8.8-11](#)).

Huzabe

Palavra hebraica obscura encontrada apenas em [Naum 2.7](#) (ARC). Os estudiosos não têm certeza se a palavra é um verbo que significa "está decretado", um substantivo personificando Nínive ou uma referência a uma rainha assíria. O problema talvez se deva a um erro textual, mas até agora nem a pesquisa textual nem a arqueologia conseguiram resolver a questão.

Huzote

A grafia usada na versão NTLH para Quiriate-Huzote, uma cidade moabita ([Nm 22.39](#)).

Veja Quiriate-Huzote.